REVISTA DA SEMANA

15-9-45

Nº 37

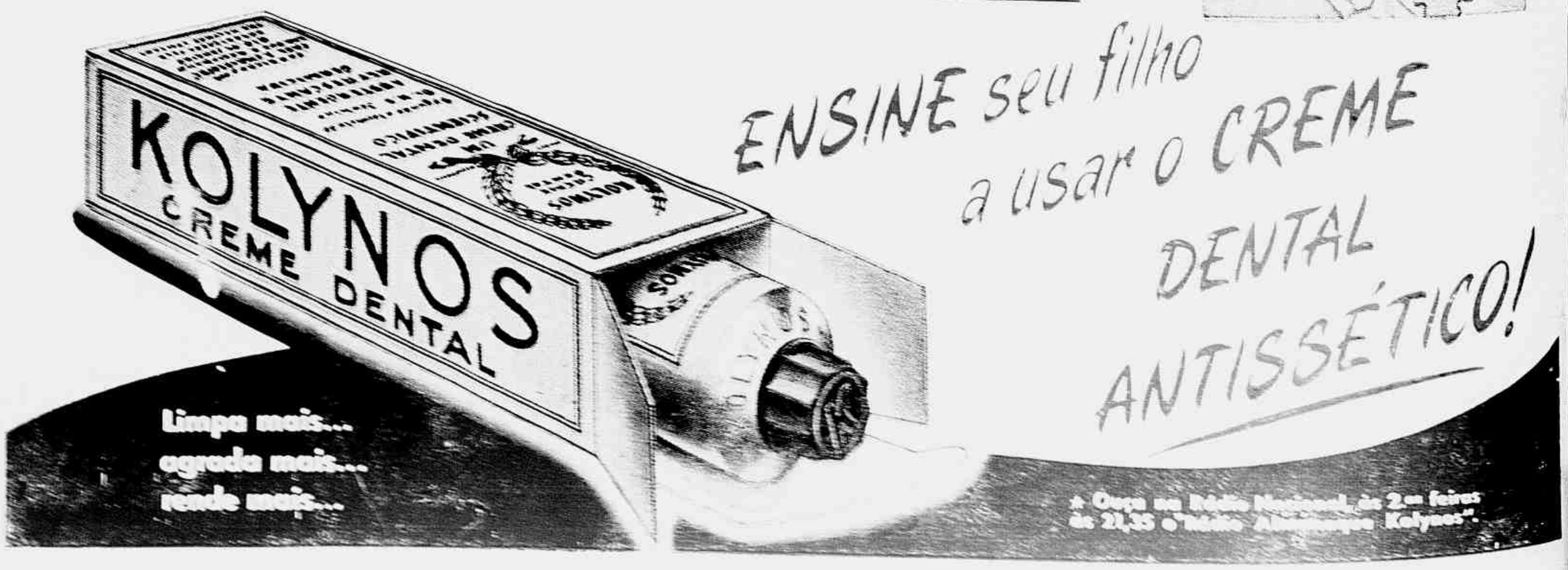
BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL

-É BOM QUE USEM KOLYNOS!

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene bucal, pois a sua espuma antissética atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

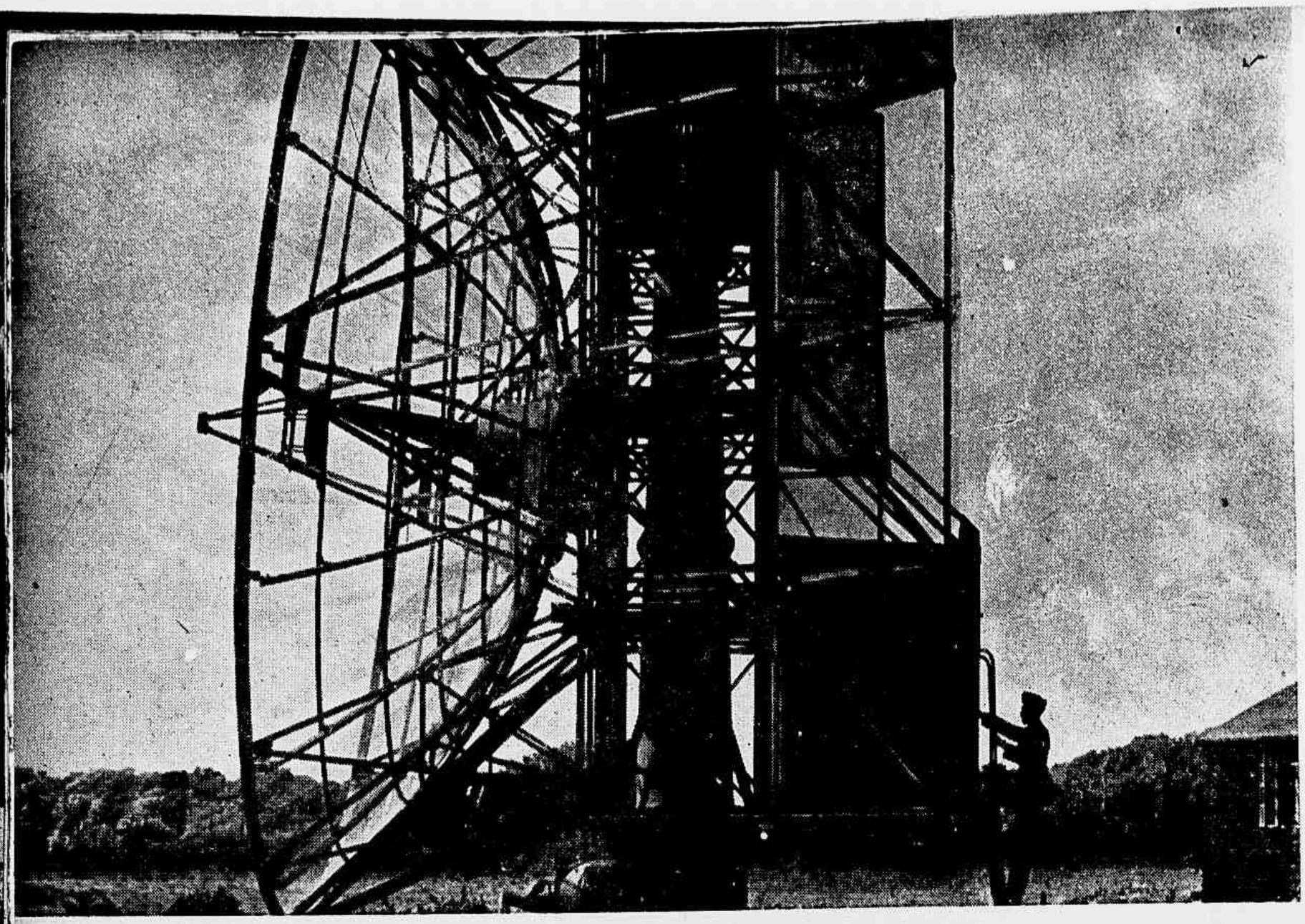
Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental, que custa muito menos porque rende muito mais!



A SEMANA DA PÁTRIA

Passaram-se os dias negros de 1942, quando a navegação brasileira era impedida pelos corsários submarinos do Eixo que, ocultos no seio das águas tranquilas do Atlânticos Sul, atacavam traiçoeiramente os nossos navios quando em cabotagem pacífica cruzavam tranquilamente as rotas litorâneas. Passaram-se os dias negros do domínio nazista. Não foi sem sacrifícios e sem sangue que se conseguiu a vitória. A vitória das Nações Unidas, a vitória de todos os povos livres do mundo e também do Brasil. Mas agora, apesar de todos os esforços da tirania e da brutalidade, o Brasil comemora ainda o seu dia máximo, o 7 de Setembro. E, como símbolos da Liberdade e da Democracia, passam pelas ruas apinhadas de povo o Batalhão de Guardas, ostentando a insígnia dos fuzis cruzados sob o barrete frígio, imagem da República; e os Dragões da Independência, trazendo nas flâmulas de suas lanças a lembrança da emancipação.

(Reportagem a começar da página 9)



O RADAR

E A DEFESA DA HUMANIDADE

Pelo chefe de esquadrilha Vernon Noble, copyright B. N. S., especial para a REVISTA DA SEMANA

O estabelecimento de uma cortina de radar em volta das Ilhas Britânicas representa um dos empreendimentos científicos mais notáveis dos tempos modernos.

O primeiro aparêlho foi construido antes da Segunda Guerra Mudial por um grupo de cientistas britânicos, que lançou mão do escasso material disponível. Êste aparêlho teve que ser adptado à nova técnica, e constantes modificações e melhoramentos foram introduzidos à medida que surgiam novos problemas. Aquêles dias de 1935 marcam o período inicial de uma nova e poderosa arma de defesa.

Por volta de Outubro de 1937 duas firmas receberam encomendas para a produção de aparelhos em número suficiente para equipar uma cidade de vinte estações; porém, tantos eram os novos problemas e tantas eram as adaptações a serem feitas à proporção que êsses problemas eram resolvidos e as ramificações do radar se estendiam, que o progresso tinha que ser inevitavelmente lento. Mal uma estação era montada e logo surgiam melhoramentos que forçavam a sua imediata alteração. Contudo, pelo menos um dos transmissores construidos pelos cientistas no período inicial foi usado durante a Batalha da Grã-Bretanha em 1940.

Os precursores do radar tiveram que enfrentar tôda a sorte de dificuldades. A válvula de raio catódico daquela época era inadequada para a detecção dos impulsos refletidos pelo avião voando através das ondas do radar; nem a válvula nem a tela em que eram registrados os impulsos eram de tamanho apropriado, havendo necessidade, portanto, de se construir novos modelos.

Com as crises internacionais se sucedendo vertiginosamente temia-se o irrompimento da guerra, razão por que os trabalhos foram ativados. Sempre que surgia uma dificuldade teórica ou de construção cada cientista abandonava temporariamente o seu campo limitado de pesquisas para atender às necessidadse do problema que se apresentava. A troca de sugestões entre os cientistas empenhados na construção do radar contribuiu sobremodo para que êste notável engenho fôsse mais depressa pôsto a serviço das Nações Aliadas.

UMA CADEIA DE ESTAÇÕES DE RADAR

Entrementes os cientistas apressavam os trabalhos para o estabelecimentos de uma cadeia de estações de radar. Após a crise de 1938 os trabalhos ganharam um impulso ainda maior. Enquanto eram construidas estações permanentes, era usado um equipamento móvel afim de que, caso sobreviesse a guerra, a Grã-Bretanha estivesse dotada de um sistema de alerta que duplicava a eficiência dos caças de defesa.

O radar orientou os "Hurricanes" e "Spitfires" que esmagaram as formações nazistas dia e noite durante a Batalha da Grã-Bretanha; assinalou a aproximação do aparêlho que conduziu Rudolf Hess no seu misterioso vôo à Escócia; determinou a posição dos cruzadores "Scharnhorst" e "Gneisenau" quando êles deixaram os seus esconderijos ao longo da costa da França. O radar "via" o inimigo lançando minas nas águas territoriais e orientava os caça-minas para limpálas. Da mesma ordem foram os serviços prestados pelo radar quando dos ataques das bombas voadoras. Enfim, o radar revolucionou a navegação e tornou póssível levar a efeito

Ao alto: estação de radar, vendo-se a cabine de contrôle e as antenas dirigidas do receptor e transmissor de ondas. Ao centro: a estação de radar de um navio localiza a posição exata de dois aviões. O gráfico mostra como os aviões são localizados no painel. Em baixo: um soldado africano da artilharia anti-aérea controlando o aparêlho de radar de sua bateria.

As ondas lançadas ao ar pela estação de radar mal encontram um obstáculo sólido voltam ao ponto de partida. O tempo de percurso é computado por um cronômetro de precisão, e êle, em razão da direção em que foi lançada a onda, dá a posição de qualquer ponto móvel, registrando-a num painel. Aí está parte do equipamento radar usado na proteção da ilha Orknay.

bombardeios revestidos da maior precisão em vôos através das nuvens.

Êstes são os pontos principais da história do radar. O trabalho mais prosaico realizado sem interrupções: assinalar a aproximação do inimigo, orientar os caças, seguir o itinerário dos aviões aliados nos vôos de ida e volta ao território inimigo.

De um pequeno número de unidades, a organização radar conta atualmente com uma cadeia de cem estações e o pessoal empregado se eleva a centenas de milhares.

Comparadas com as atuais estações de radar, com as suas elevadas tôrres e complicadas antenas, as instalações de 1939 eram realmente primitivas.

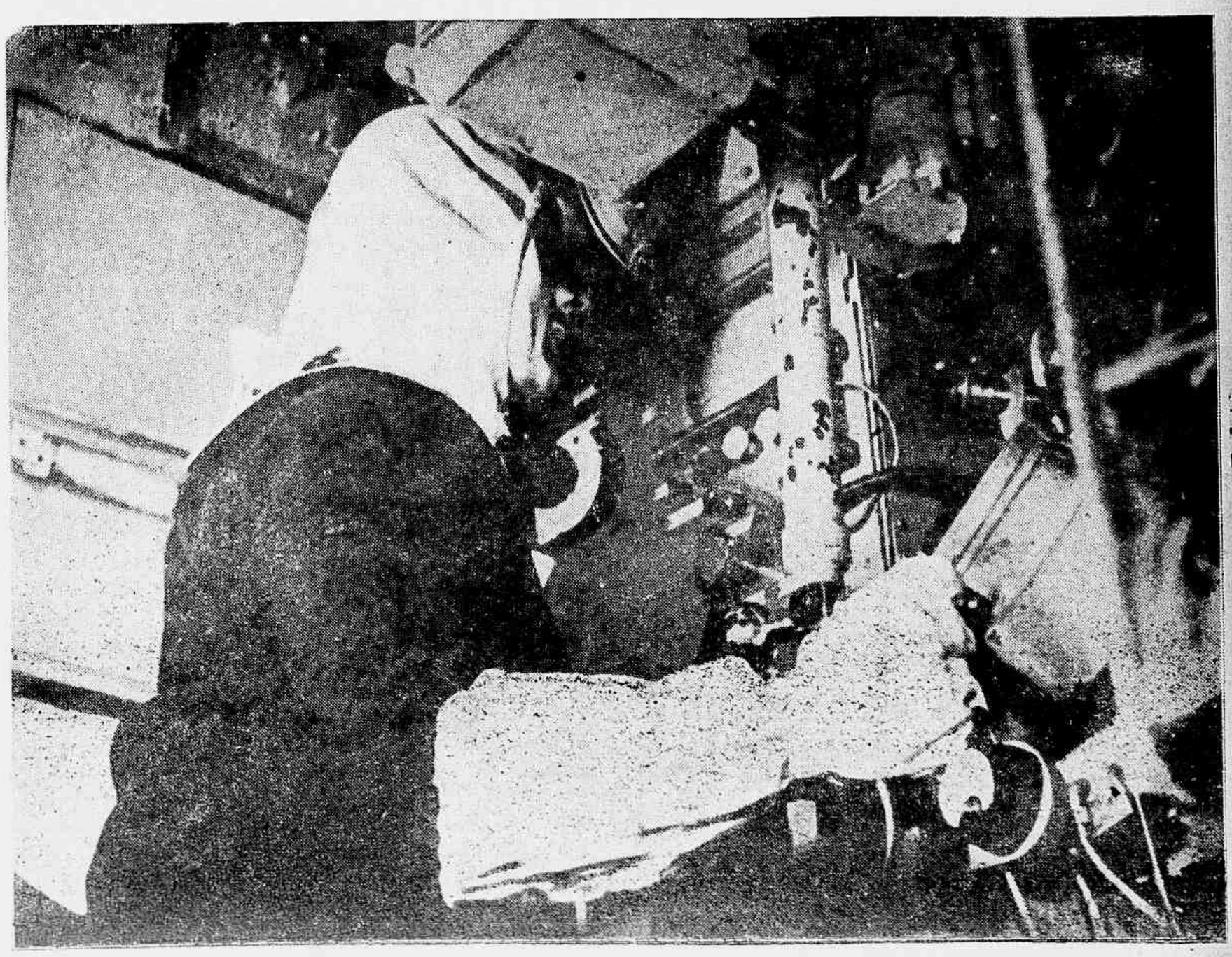
Durante tôdas as fasesda construção e do funcionamento do radar o pessoal técnico e os operadores mantiveram o mais completo sigilo em tôrno de suas aplicações. Para satisfazer à curiosidade dos habitantes de algumas localidades onde foram instaladas gigantescas tôrres de radar, os operadores diziam que as mesmas eram destinadas ao treinamento de paraquedistas.

Em princípios de 1939 foi decidido revelar o progresso das pesquisas do radar à França. A bem dizer êste foi um dos tópicos discutidos durante a visita do general Gamelin à Inglaterra. Tôda a produção do radar, no entanto, foi mantida na Inglaterra, tendo sido aceitas diversas encomendas afim de satisfazer às necessidades da França.

A França já possuia um sistema conhecido por "Detection Electro Magnetique", muito inferior ao radar britânico, possuindo um raio de apenas trinta milhas e não apresentando resultados satisfatórios para mais de um avião.

O radar foi uma arma de guerra da maior importância. À proporção que a cadeia de estações ia se expandindo na Grã-Bretanha, o radar era introduzido primeiro em Malta, depois no Egito e no Oriente Médio.

Quando os Exércitos Aliados atravessaram o canal da Mancha para lutar na Normândia, estações móveis de radar lhes ofereceram um proteção aérea idêntica à que ajudara a salvar a Grã-Bretanha em 1940. Pequenos aparelhos portáteis de radar faziam parte do equipamento dos paraquedistas.



De bordo de um vaso de guerra da armada britânica êste operador de radar está procurando a posição exata de um avião inimigo que se aproxima.

Os grandes concursos literarios da «Revista da Semana»

Um concurso de teatro com Cr$ 10.000,00 de prêmio ao autor da peça classificada em 1.º lugar, oferecido pelo Clube Ginástico Português — Um concurso permanente de contos que a "REVISTA" publicará — Um concurso de romances — PRÊMIOS "APOLONIA PINTO", "AURELIANO MACHADO" e "REVISTA DA SEMANA" — As bases das três grandes provas — Outros detalhes.

Como temos noticiado amplamente, a **REVISTA DA SEMANA** instituiu um triplo concurso literário, destinado a estimular os valores novos das letras nacionais, oferecendo-lhes uma oportunidade para a consagração definitiva de seus trabalhos, através um certame de larga repercussão e altamente compensador para os concorrentes, mormente para aquêles que pretendam se iniciar na carreira das letras.

Êsses concursos têm como objetivo primordial o enriquecimento das letras pátrias, com o aparecimento de novos valores aos quais sejam dadas possibilidades de aparecer e vencer, pondo assim a literatura brasileira em dia com a evolução das teorias e das idéias que hoje agitam os grandes centros industriais.

Dividimos assim o nosso certame em três concursos distintos: um destinado a selecionar peças teatrais, outro a contos, e o terceiro, finalmente, a romances, compreendendo-se em princípio, que para concorrer aos prêmio relativos a qualquer dessas competições intelectuais os candidatos devem apresentar trabalhos inéditos.

Deve ficar ainda patente que de qualquer dos três concursos só poderão participar autores brasileiros natos, por isso que os mesmos têm o fim imediato de desenvolver valores patrícios e amparar vocações artísticas das novas gerações do Brasil.

Repetimos abaixo as bases dos concursos, que têm como patronos o saudoso jornalista Aureliano Machado, que dirigiu durante longo tempo o nosso semanário, para os prêmios destinados aos contos; a atriz dramática Apolônia Pinto, para o concurso de peças teatrais; e a REVISTA DA SEMANA para o de romances.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

DE TRÊS EM TRÊS MESES, SELEÇÃO DE DOZE CONTOS LITERÁRIOS QUE SERÃO PUBLICADOS NAS PÁGINAS DA "REVISTA" — TEMAS DE PREFERÊNCIA BRASILEIROS MAS TAMBÉM GENERALIZADOS — UMA OPORTUNIDADE PARA OS NOVOS — CR$ 100,00 PARA O AUTOR DE CADA CONTO PUBLICADO.

A REVISTA DA SEMANA institui também, neste número, um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 30 de setembro.

2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em fôlhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.

3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, ENRÊDO, ESTILO e UNIDADE DE AÇÃO no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.

4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.

5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remetentes na redação da REVISTA.

6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.

7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.

8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.

9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.

10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

CR$ 10.000,00 PARA O PRIMEIRO CLASSIFICADO, OFERTA DO CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS — REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS COLOCADAS EM 2.º E 3.º LUGARES PELA ESCOLA DRAMÁTICA DA MESMA INSTITUIÇÃO — AS PEÇAS CONTINUARÃO PERTENCENDO EXCLUSIVAMENTE AOS AUTORES.

1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.

2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.

3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.

4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.

5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.

6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.

7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.

8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.

9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.

10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para êsse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO PRÊMIO "APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais; e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.

2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
   a) serem absolutamente inéditos;
   b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.

3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto estabelecido que os temas poderão obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.

4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.

5) Deverão vir, acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.

6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.

7) A entrega dos originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1948.

NESTE NUMERO

ANO XLVI — N.º 37 — 15-9-945

REPORTAGENS

A Semana da Pátria 3, 9/14
Eduardo Gomes na Bahia 19
Pearl Buck — a mulher e a escritora (Sagramor de Scuvero) 24/25
Figuras e Fatos 35
Jockey Club 49

LITERATURA

O Anúncio (Lawrence Stevens) 23
Bi-Deputados (Escragnolle Doria) 28
A fantástica história do major Muller (Paul Verlaine) 30/31
Antes mal acompanhado... (Betsy Simmonds) 34
Livros Novos (J. L.) 36/37

SECÇÕES

A Semana em Revista 8
Cinema e Música 20/21
Artes Plásticas 26
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano) 38/39
Ritmos do Esporte (Levy Kleiman) 41

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Jesy Barbosa) 29
Fim de Estação 32/33
Em Cetim 56
Casaquinho 57
Outros modelos avulsos ..... 44 e 52

CURIOSIDADES

O radar a serviço da humanidade 4/5
Concursos Literários da REVISTA 6

CARICATURAS

De Bom Humor 22
Filmes... (Luiz Sá) 27
"Charge" de Raul 40

NOVELA

"Ressurreição" 53/54

NOSSA CAPA

As mais belas "estrêlas" de Hollywood vêm desfilando em sugestivas fotografias que estão sendo publicadas na sobrecapa do nosso semanário. Nem sempre elas refletem personalidades de maior classe artística; mas invariavelmente constituem uma homenagem às "new-faces", aos valores que aparecem e cujo mérito irá surgindo com o tempo. Hoje, por exemplo, é Ann Miller, uma pequena bonita e elegantíssima, da Columbia, que ornamenta a nossa capa.

Mas no texto também desenvolvida parte cinematográfica é apresentada, inclusive uma correspondência de Luiz Serrano, enviada de Hollywood. Chamamos a atenção especial dos leitores para a entrevista com a escritora Pearl Buck, feita por Sagramor de Scuvero, em Nova York, especialmente para as nossas páginas. Trata-se de um precioso trabalho jornalístico daquela periodista brasileira. Há ainda muitas páginas fotográficas dedicadas às comemorações da Semana da Pátria, desenvolvida parte literária, secções femininas e as colunas habituais: Cinema, Rádio e agora também Esportes.

Até o Gênio!

Uma Calamidade!

Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use *Regulador* GESTEIRA.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

HÁ SEIS ANOS

"Tenho pois a comunicar aos súditos de Sua Majestade que o nosso Govêrno não pôde seguir outro caminho senão o de participar ao embaixador da Alemanha em Londres que o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte se encontravam em estado de guerra com o seu país."

Calou-se a voz cansada e triste e o "speaker" anunciou: "Transmite a estação B. B. C., British Broadcats Corporation. O primeiro ministro sir Neville Chamberlain acaba de proferir o discurso em que dá conhecimento da atitude do Govêrno Britânico com relação ao caso de Dantzig. O ultimatum entregue ao govêrno alemão para que retirasse as suas tropas da Polônia até o meio dia de hoje não obteve resposta. E como, expirado o prazo, os alemães continuam a avançar em direção a Varsóvia, a Inglaterra e a França viram-se obrigadas, em cumprimento ao tratado que antes se firmara com a Polônia, a solidalizarem-se com essa nação, seguindo o caminho da guerra."

Mal terminara o "speaker" essa alocução, as notas do "God Save The King" encheram os receptores sintonizados para Londres.

Desde dois dias antes a guerra estava sendo esperada. As tropas alemãs haviam recebido ordem de marchar contra o "Corredor" às primeiras horas do dia 1.º de setembro. Na hora "h" dezenas de divisões motorizadas irromperam por tôdas as fronteiras oeste da Polônia, vencendo a resistência quase nula dos guardas e tomando de assalto as cidades e aldeias mais próximas.

Premido pelas circunstâncias, sir Neville Chamberlain, signatário do acôrdo de Munich e partidário da política de retirada, viu-se obrigado a declarar guerra à Alemanha nazista. Mas a quinta coluna trabalhava ativamente em Londres e Paris. O que não conseguiam os batalhões de motociclistas e as "panzer-divisions" nazistas, lograva alcançar com relativa facilidade a arma que derrubara a resistência espanhola.

Mal se avizinharam de Varsóvia as tropas nazistas, o exército polonês, onde abundavam os oficiais fascistas, descompôs-se como manteiga ao sol. E os soldados viram-se abandonados à própria sorte, sem armas, sem alimentos, sem comando. Regimentos inteiros, desorganizados e acéfalos, vagavam pelas estradas semi-destruidas, sem saber que rumo tomar. E os caças nazistas iam espalhando o pânico nas colunas que se retiravam desordenadamente, em rajadas rápidas e precisas. A fúria da aviação alemã não era respondida sequer por um "shrapnel" isolado. Civis e soldados pereciam nas valetas das rodovias, rasgados pelas balas dos "Junkers" ou estraçalhados pelas granadas dos mergulhadores "Stukas".

Êste foi o drama de Varsóvia. Muitos já não se lembram mais disso.

O fascismo agonizante tenta agora reerguer a cabeça. Quando ouvirmos, porém, o canto de sereia dos embuçados, devemos procurar sempre nos recordar daqueles dias trágicos do princípio de setembro de 1939.

A SEMANA EM REVISTA

A FRANÇA ETERNA

Inaugurou-se, hoje ainda, no primeiro andar do prédio do Ministério da Educação, a "Exposição de Arte Francesa", patrocinada pela Embaixada da França. Ali figurarão quadros, esculturas e ainda objetos ornamentais e decorativos criados pelos grandes artistas da grande França, durante muitos anos de trabalho ativo, anos que se estenderam por todos os tempos da República e mesmo pelos dias sinistros da ocupação. Muitos nesses estiveram as sombras nos "boulevards" e nas ruas de Paris. A cruz swástica esteve hasteada em todas as praças. E os "junkers" prussianos passearam pelas calçadas do Quartier-Latin, lançando sombras [illegible] sôbre as paredes claras. A arte [illegible] não podia ser praticada em público. Mas nunca Paris esteve morta. Enquanto as patrulhas nazistas [illegible] pelo [illegible] da [illegible], dentro dos [illegible] de Montmartre os artistas trabalhavam subterraneamente, criando novas maravilhas. Muitos dos obras que agora se expõem no salão do Ministério foram elaboradas durante a ocupação. Os seus autores são os gloriosos heróis da arte, "maquis" da pintura e da escultura, que no silêncio da inquisição nazista compunham obras imortais. Hoje será apresentado aos brasileiros o [illegible] arte francesa, em tôdas as suas expressões: pintura, escultura, música, cinema, literatura, etc. No salão serão exibidos filmes inéditos para o público do Rio. Nesses figuram como heróis aquêles que nunca se deixaram levar por Laval e Petain, e que durante todo o período de escravidão hitlerista estiveram ao lado dos homens livres, auxiliando com o seu gênio de artista e com a sua coragem de franceses a luta subterrânea das F. F. I. Eles sabiam, como todos os homens de brio, que eram verdadeiras aquelas palavras: "O caminho do artista é o da liberdade". E pela liberdade muitos dêles trabalharam no silêncio dos [illegible] de "[illegible]" que caíram sôbre a capital francesa. Trabalharam pintando, esculpindo, compondo, escrevendo. Foi assim que êles combateram. Com a fôrça de sua arte imortal, contra a fôrça da tirania transitória. Mas muitos foram além: foram às barricadas de Paris, lutando peito a peito com os seus irmãos do exército, nas colunas das Fôrças Francesas do Interior. Entre os que morreram nas ruas do Quartier-Latin durante a insurreição esteve o [illegible] cinematográfico [illegible], "[illegible]" de "Monsieur Le [illegible]", filme que será exibido no recinto da exposição. Assim voltaremos a ver o cinema francês. Uma arte premiada com a medalha de honra [illegible] pelo sangue de muitos heróis. Mais uma glória da França eterna.

CRUZES DE MADEIRA

Espalham-se pelos vastos campos da Europa [illegible] nos [illegible] de [illegible], campos cobertos de estilhaços de ferro e aço neste outono sinistro, as cruzes de madeira, numerosas, incontáveis. Eles [illegible] de símbolos [illegible] que marcam as covas dos heróis anônimos da liberdade e da justiça. [illegible] floresceram as searas. Hoje estão plantados no mesmo lugar os cemitérios milhares e mais. Durante muitos anos a máquina de guerra de Adolf Hitler passou e repassou a sua [illegible] sôbre o solo da Europa, [illegible] as [illegible], semeando as [illegible], [illegible] as [illegible]. Agora o fascismo foi vencido. O monstro recolheu-se ao seu covil, submisso e [illegible]. Mas nada não passou de uma [illegible] e [illegible]. Tem agora um telegrama de Frankfurt-Sôbre-o Meno dando conta de que ali e em vários outras cidades alemãs os nazistas [illegible] o seu partido, sob múltiplos disfarces, [illegible] as suas [illegible] de lobo sob a pele de cordeiro. Foi [illegible], numa das cidades da Alemanha meridional, a associação religiosa "Deutschland Christen" (Alemanha Cristã), que usa a cruz de Cristo como emblema, e o velho "slogan" "Deus, Pátria e Família" como divisa. Segundo o correspondente que redigiu o telegrama, êsse partido mais não representa que uma tentativa de ressurreição do antigo nazismo. Em breve, se as autoridades de ocupação não tomarem as necessárias providências, as cruzes criarão novos braços e a sombra da "swástica" se estenderá de novo pelo mundo. [illegible] os nazistas a espalhar o terror entre a população [illegible] que contrariamos com os americanos, inglêses e russos. [illegible] os [illegible] [illegible] ainda estão desenhados [illegible], emblema de uma nova sociedade secreta. [illegible] de elementos simpatizantes nas democracias são [illegible] pelos [illegible] do Nacional Socialismo. Êsse é o panorama atual da Alemanha. Os [illegible] do hitlerismo [illegible] seus companheiros que [illegible] nos campos da [illegible], plantando sôbre o solo europeu novas cruzes de madeira. Não pode o mundo, entretanto, deixar que se [illegible] a memória de seus heróis. É preciso que as cruzes continuem [illegible], com seus braços [illegible], [illegible] uma [illegible] que durou seis anos. Os mortos que agora dormem da Interminável ao Cáucaso estão exigindo dos vivos o direito de descansar em paz. Que a terra onde êles [illegible] jamais seja [illegible] pela explosão de uma granada.

DE CURIE A ALBERT EINSTEIN

Os correspondentes estrangeiros têm tratado, nestes últimos dias, com uma assiduidade inédita, do caso da bomba atômica. Dorothy Thompson, uma das mais famosas comentaristas políticas de todo o mundo, vem de lançar agora um artigo intitulado "Paz sôbre um vulcão", reproduzido pela imprensa de todos os continentes, no qual trata pormenorizadamente do assunto, tirando conclusões e lançando prognósticos. Diz ela, entre outras coisas, que se a bomba atômica, como é provável que aconteça, dentro de dois anos for fabricada em escala relativamente elevada por tôdas as potências, isto representará, caso as ambições desmedidas continuem a governar o mundo, o aniquilamento total da humanidade. Os Estados Unidos, onde se encontra atualmente o único arsenal da perigosa bomba, têm guardado em seu território uma fôrça potencial capaz de desequilibrar a própria harmonia celeste. Dorothy Thompson, como outros comentaristas tão autorizados quanto ela, sugere que se inclua a bomba atômica no rol das armas proibidas em guerra, considerando um crime o seu emprêgo. Estamos certos de que dentro em breve todos os países de primeira grandeza terão o seu depósito de bombas atômicas prontas a serem utilizadas. Assim a paz do mundo se assenta sôbre a cratera de um vulcão adormecido, que pode, de um momento para outro, entrar em erupção. O mistério da fôrça atômica, descoberto pelos Curie há muitos anos, foi estudado em todos os seus detalhes por Albert Einstein, que descobriu, êle mesmo, segundo as últimas notícias, o processo de bombardeamento iônico do urânio. E uma vez postas em liberdade as fôrças do núcleo atômico dêsse elemento, a própria segurança da órbita elipsoidal da terra se submete à inteligência humana. E qualquer homem, que tenha o dinheiro suficiente para a aquisição de uma grande quantidade de urânio, poderá facilmente dominar o mundo, bastando para tal que construa o pequeno canhão electrônico capaz de desagregar o átomo dêsse metal maravilhoso. O mundo treme agora diante de sua própria potencialidade. Aquilo que os Curie previam como a salvação da humanidade, poderá transformar-se na destruição total do gênero humano. Mas tenhamos confiança na inteligência e no coração dos cientistas. Esperemos que Albert Einstein não permita a destruição do mundo e do sistema solar. Sugere Dorothy Thompson que se considere o emprêgo da energia atômica como arma um crime. Sugerimos nós que se considere a guerra como um crime. E que o núcleo atômico do urânio se renda e seja penetrado por fôrças estranhas, em benefício dos homens.

O NOSSO DIA

Transcorreu na segunda-feira o "Dia da Imprensa". Passou despercebido, sem número vermelho na folhinha nem sessões comemorativas. Os jornais não receberam telegramas de felicitações, ninguém se lembrou de dar parabens aos jornalistas. No entanto a imprensa brasileira comemorou 137 anos de existência. Em 1808, no dia 10 de setembro exatamente, era permitida a publicação do primeiro periódico do Rio de Janeiro. E assim apareceu naquela data a "Gazeta do Rio de Janeiro", cheia de vinhetas, impressa numa prensa rudimentar. Morreu pouco depois. Mas a semente estava lançada. Vieram outros periódicos. Surgiram jornais. Os diários começaram a circular. Os reporters foram aparecendo, os cronistas começaram a escrever. Os prelos punham na rua o pensamento de todos os folhetinistas do Brasil. E a imprensa começou a sua árdua jornada, marchando em direção ao futuro, vencendo os obstáculos adversos que se interpunham na rota da civilização e do progresso. Foi duro e áspero o caminhado para que se alcançasse o ponto a que chegamos hoje. Através os tempos muitas foram as vêzes em que a imprensa do Brasil atravessou períodos de grandes sacrifícios e de grandes adversidades. Anos sem conta as bocas dos redatores estiveram amordaçadas, impedidas de gritar. Agora, felizmente, a imprensa retoma em todo o mundo o seu lugar de guia das coletividades. E no Brasil ela ganha prestígio e evolui sempre, pondo-se ao lado do bem-estar público, combatendo pelo povo e para o povo. O dia 10 foi o da imprensa. Foi o dia consagrado ao reporter policial, que busca informar o público vasculhando os mistérios dos distritos e as pedras dos necrotérios. Foi o dia do titulista, em cuja mesa passam todos os dias catástrofes e revoluções. Foi o dia do secretário da redação, que põe diàriamente a sua inteligência e a sua cultura na confecção de uma página. Foi o dia do linotipista, que com um pouco de chumbo e antimônio faz o milagre de uma edição. Foi o dia do gravador, que pelo cadinho do ácido nítrico e do zinco faz aparecer no papel o retrato da estrêla lírica e a caricatura do político. O dia 10 foi o dia de todos nós. Foi o aniversário da Imprensa Brasileira. No entanto nesse dia, como em todos os dias úteis do ano, o reporter colheu notícias, o secretário fez "espelhos", o titulista escolheu os telegramas, o linotipista compôs, o gravador fez "clichés". Ninguém se lembrou do aniversário da Imprensa. Fique pois aqui, nesse pequeno espaço, assinalada essa data, que é de todos nós os que cooperamos no trabalho árduo para dar ao público todos os dias, a hora certa, a cotação dos títulos de Londres e o resultado do último Fla-Flu.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A semana [illegible] Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os [illegible] Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo, em 1932.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

[illegible]: Um ano — Cr$ [illegible] Seis meses — Cr$ [illegible]

Registrada: Um ano — Cr$ [illegible] Seis meses — Cr$ [illegible]

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ [illegible] Seis meses — Cr$ [illegible]

O número [illegible] Cr$ [illegible] [illegible] — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro — [illegible]

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, [illegible] Tel. [illegible]

[illegible] Av. 7 de Setembro [illegible]

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. [illegible] New York City. Na África Oriental Portuguesa: [illegible] — Caixa Postal [illegible], Lourenço Marques. No Uruguai: [illegible] & Cia. — [illegible] Montevidéo. Na Argentina: [illegible] — [illegible] — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: [illegible] BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

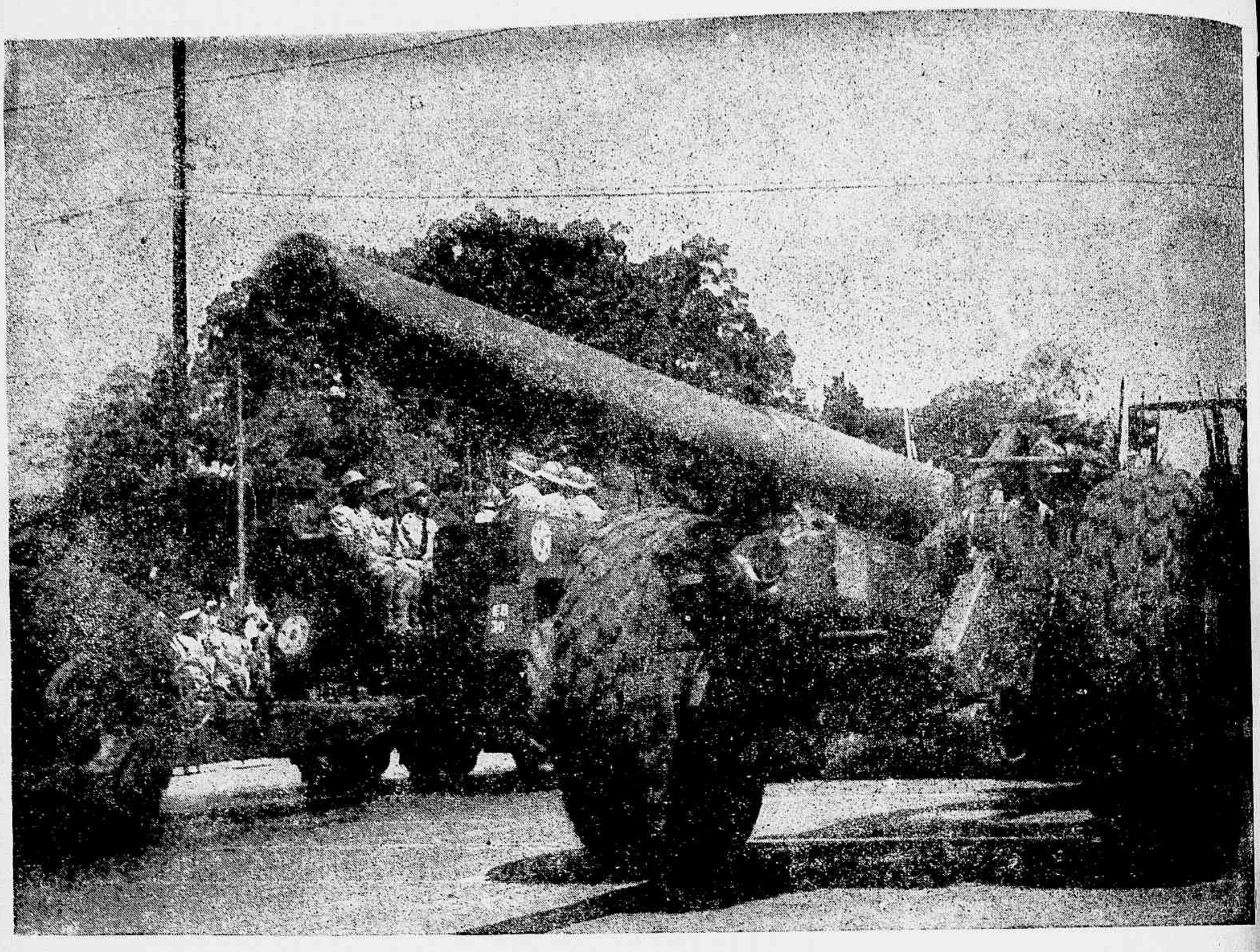
Este número consta de [illegible] páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA [illegible]. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

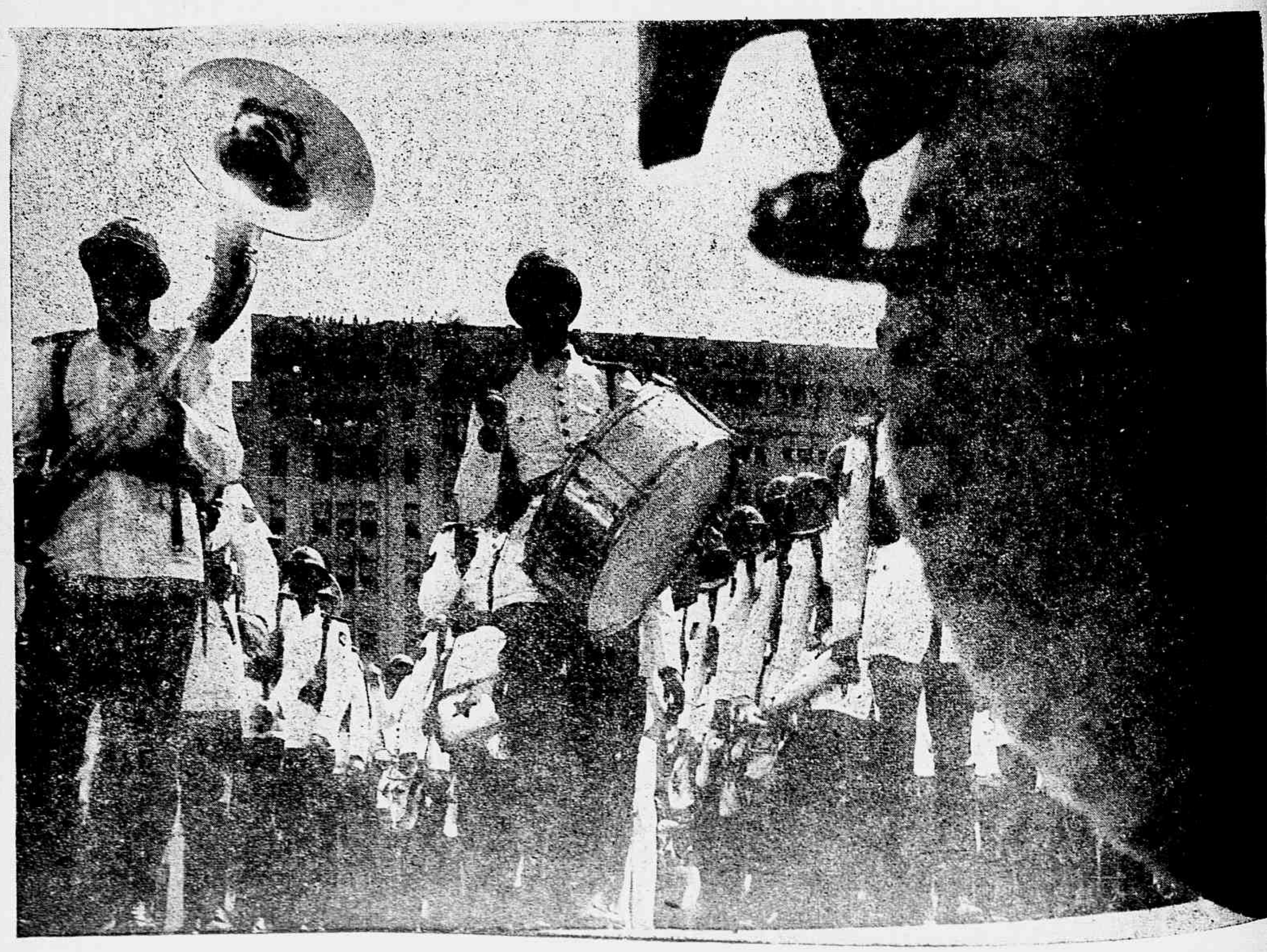
A SEMANA DA PATRIA

Foi um belíssimo espetáculo de garbo e disciplina o desfile militar com que as nossas fôrças armadas comemoraram a data máxima da nacionalidade. Quarenta mil homens desfilaram garbosamente pela avenida Presidente Vargas, prestando continência às autoridades presentes e à Bandeira Nacional. Nesta página vemos: acima, um regimento da guarnição federal do Rio de Janeiro, em coluna por nove, desfilando de baioneta armada; ao centro, o general Valentim Benício da Silva, comandante da tropa em desfile; em baixo, à esquerda, os alunos do Colégio Militar e, finalmente, um flagrante da passagem da infantaria da Escola Militar.

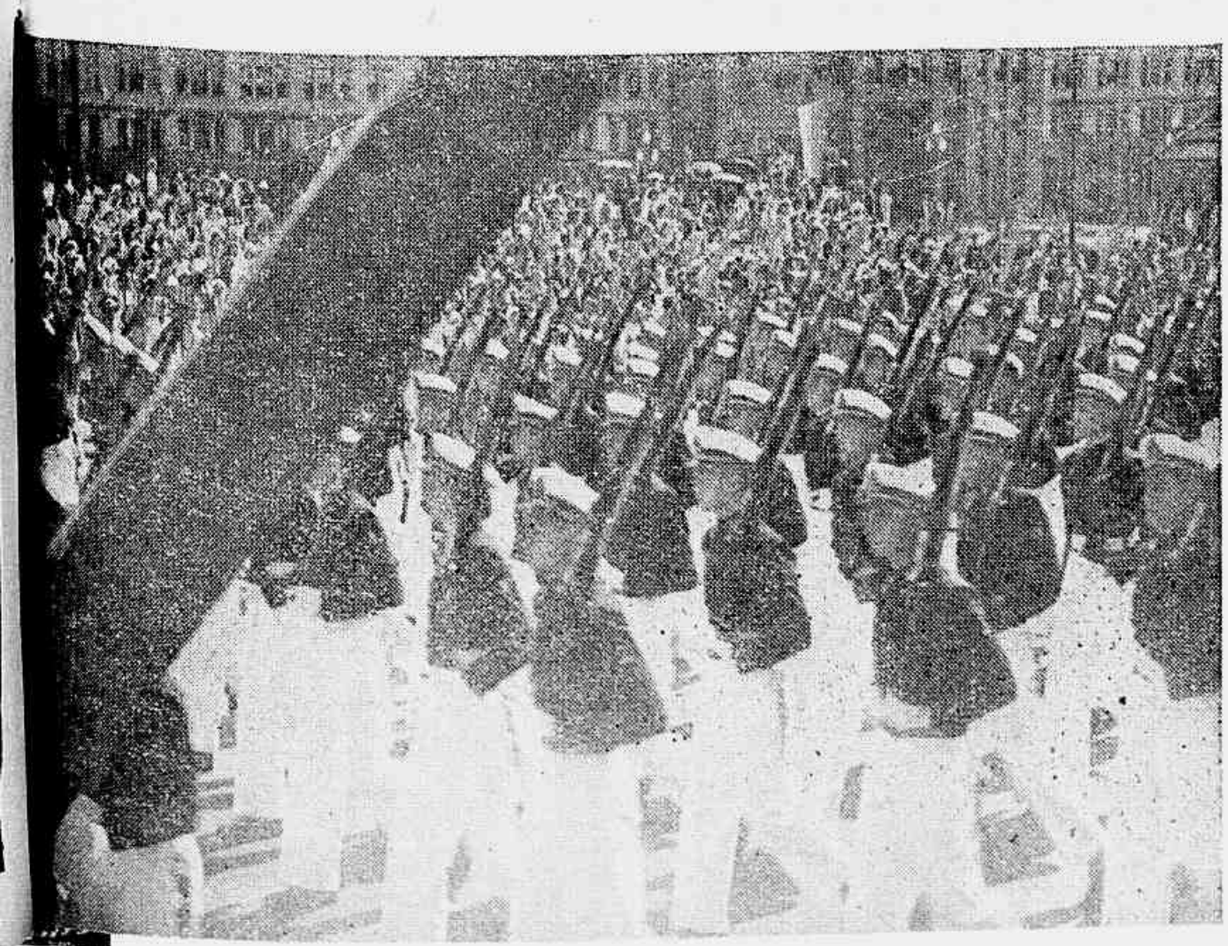
O DESFILE MILITAR

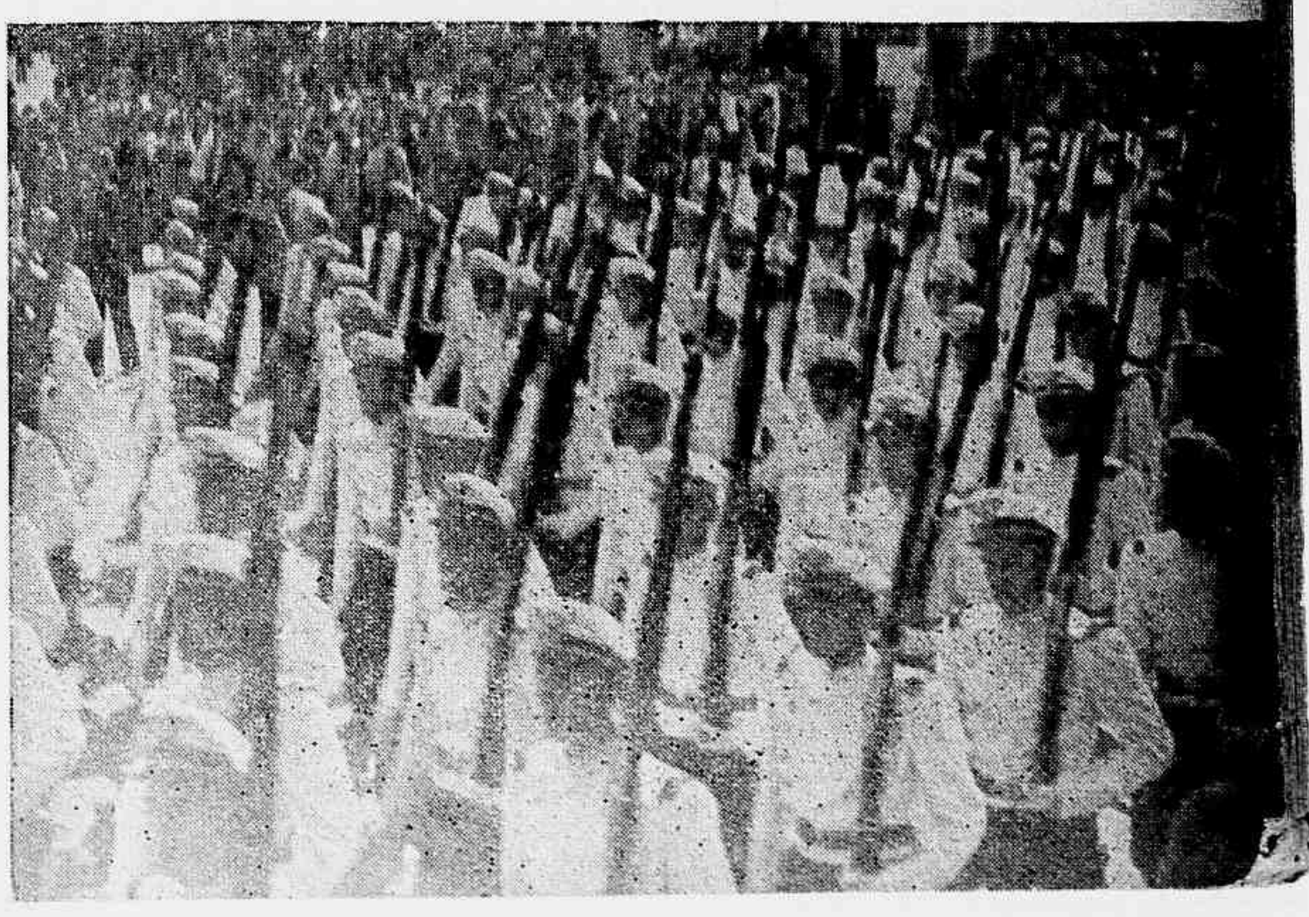


A artilharia motorizada do nosso Exército, apesar de muito jovem, já tem uma história gloriosa. **Em** Monte Castelo, Castelnuovo e Montese os canhões brasileiros **de grosso calibre** pulverizaram as posições inimigas e abriram caminho para os gloriosos pracinhas da infantaria que investiam contra as trincheiras inimigas. No dia 7 de Setembro **desfilaram** muitas baterias auto-rebocadas pelas avenidas centrais do Rio de Janeiro. **A** foto acima nos mostra um poderoso 105 tirado por possante trator. Em baixo, uma **banda de música da Polícia Militar** desfila garbosamente. Também essa corporação primou pela sua disciplina e pela marcialidade de seu garbo durante as comemorações patrióticas do **Dia da Pátria**.



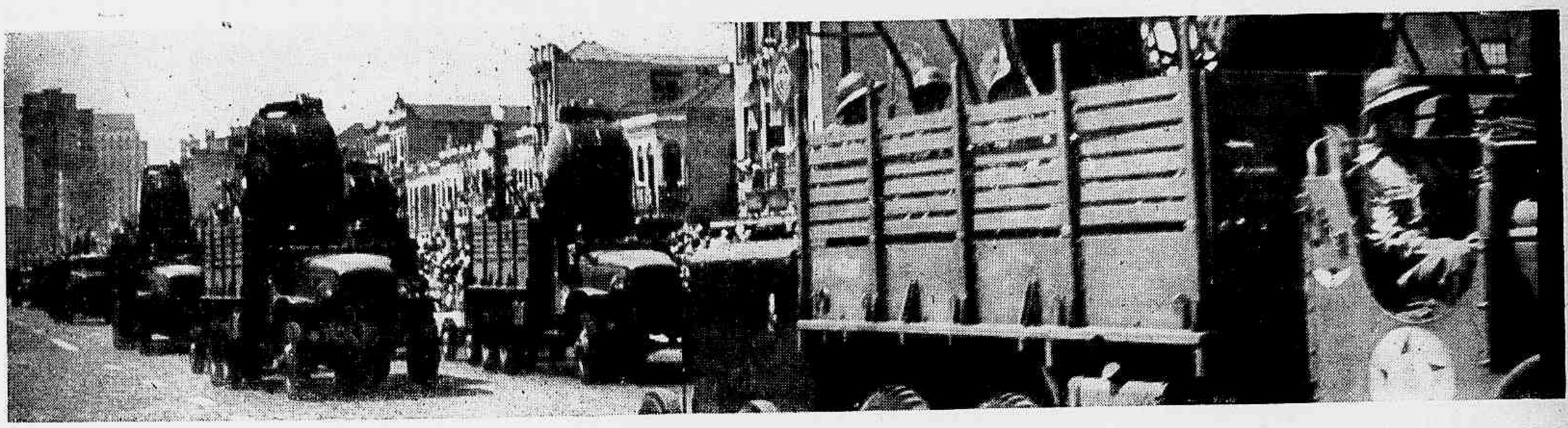
Uma fôrça motorizada tomou parte no desfile. Os "tanks" médios passaram entre as alas de povo, fazendo ranger suas lagartas de aço contra o asfalto da pavimentação. Ao alto vemos uma das poderosas máquinas de guerra de que está dotado o moderno Exército Brasileiro, apanhada em "close-up". Em baixo, um aspecto do desfile quando passava a Escola Naval, cujos alunos aparecem à esquerda, em uniforme de gala, empunhando os fuzis em sentido vertical. A direita, parte do contingente da Escola de Aeronáutica que participou do grande desfile.





Ao alto, o Presidente Getulio Vargas, entre membros do Ministério, do Corpo Diplomático e figuras do alto clero, assiste ao desfile militar do alto do palanque presidencial, armado na praça da República, em frente ao Palácio da Guerra. Em baixo, à esquerda, a bandeira da cavalaria da Escola Militar; à direita, a gloriosa bandeira do Regimento Sampaio uma das unidades expedicionárias que mais se distinguiram na luta em terras italianas, passa conduzida pelos heróicos pracinhas que regressaram vitoriosos e cobertos de glória de sua arriscada missão.

Também os Expedicionários desfilaram no Dia da Pátria, dando um realce maior e contribuindo para o brilhantismo sem precedentes de que se revestiu êsse acontecimento. Os bravos rapazes do Regimento Sampaio, garbosos e bem dispostos, provocaram os mais entusiásticos aplausos da multidão, que saudava nesse contingente os legítimos representantes de tôda a rapaziada patrícia recém-vinda do "front", onde soube erguer bem alto as tradições de coragem e destemor do Brasil.



Ao alto, vários transportes com baterias anti-aéreas, material de que está hoje bastante dotado o nosso Exército. Em baixo, os "tanks" em desfile, quando cruzavam a avenida Presidente Vargas em frente ao edifício da Central. Foi realmente o Dia da Vitória que se festejou com a dada máxima da Nação, permitindo assim um tributo maior e muito justo às fôrças armadas, a quem ela deve um inestimável serviço, qual o que desempenharam nos campos da Itália, de onde agora regressam.

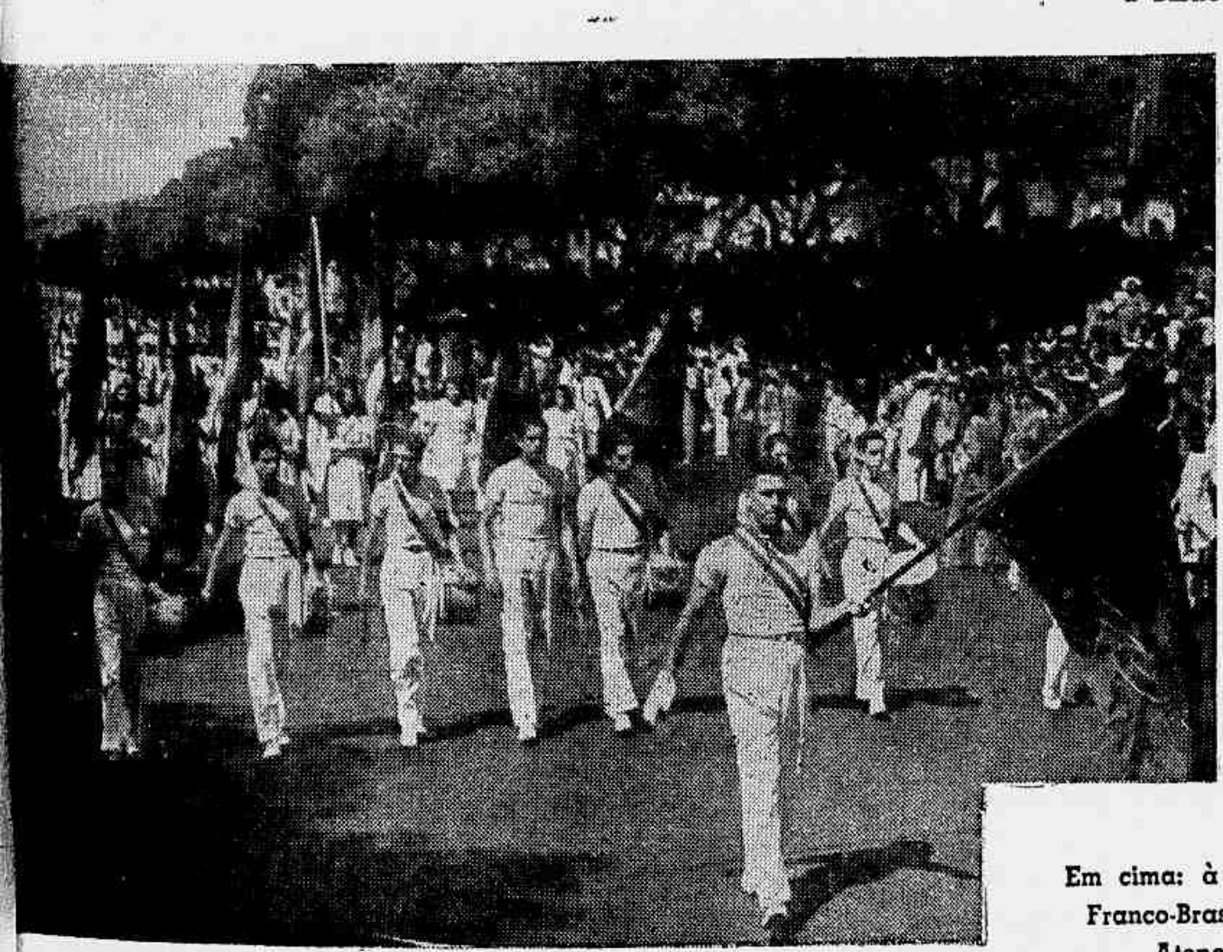
A PARADA DA JUVENTUDE

Apresentamos nestas páginas alguns flagrantes do desfile dos jovens de nossas escolas.

A Escola Técnica Nacional, estabelecimento destinado ao ensino e aperfeiçoamento técnico dos rapazes e moças que se destinam ao trabalho industrial, fez-se representar parada por um luzido contingente, que aparece na foto acima marchando garbosamente pela avenida Rio Branco, ao som de um dobrado.

Ao alto, o Presidente Getulio Vargas quando autografava o "carnet" de uma jovem. Em baixo, a Escola de Pesca da Marambaia. Ao lado, uma aluna do Instituto de Educação conduz a mascote de sua escola.

E' uma tradição da Parada da Juventude a participação das alunas do Instituto de Educação. As futuras professoras dão sempre um realce maior àquele clássico desfile da Semana da Pátria. Aqui estão, na gravura acima, as jovens patrícias que se aprestam para ministrar seus ensinamentos às gerações vindouras, quando passavam em frente à Biblioteca Nacional.

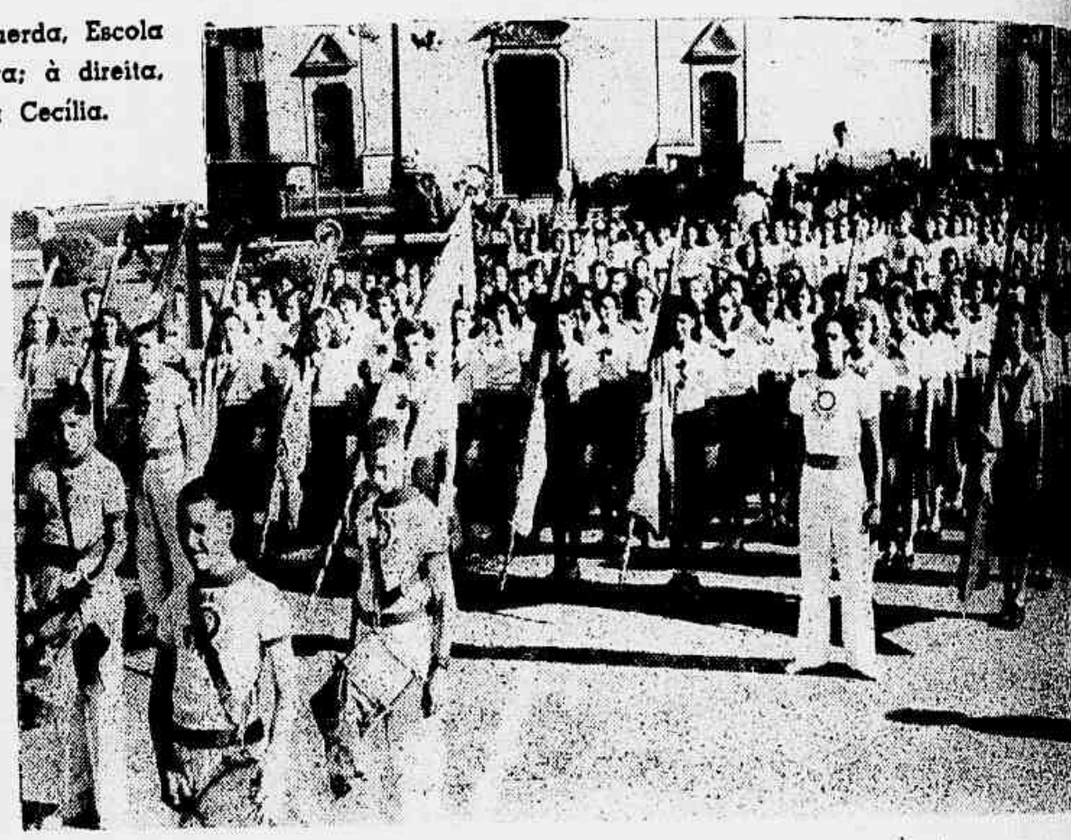


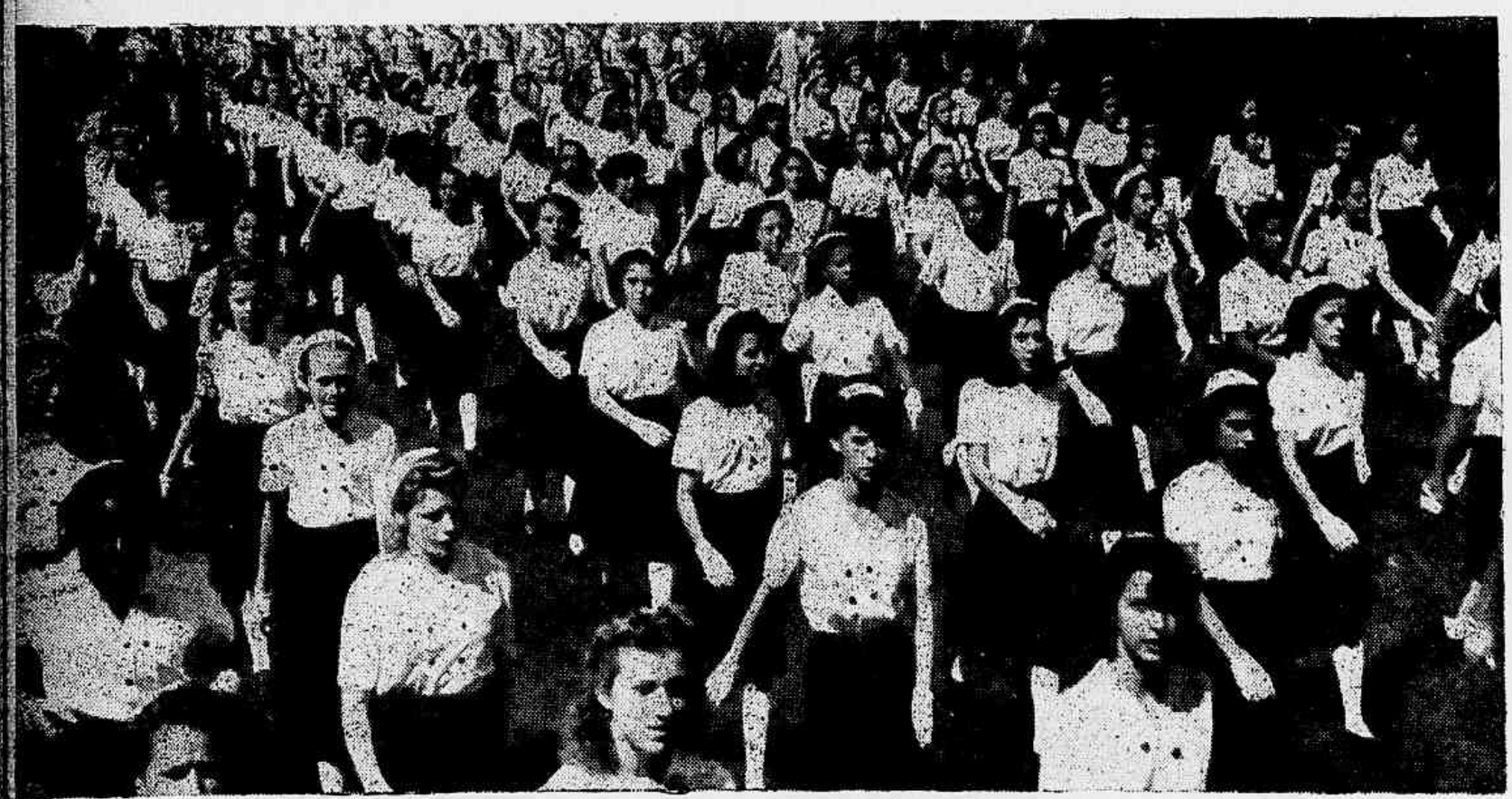
Em cima: à esquerda, Colégio Franco-Brasileiro; à direita, Ateneu São Luiz.

Em baixo: à esquerda, Instituto La-Fayette; à direita, Escola Técnica Comercial São Francisco, do Colégio Vera Cruz.

Em cima: à esquerda, Colégio Lutécia; à direita, Externato Barão de Mesquita.

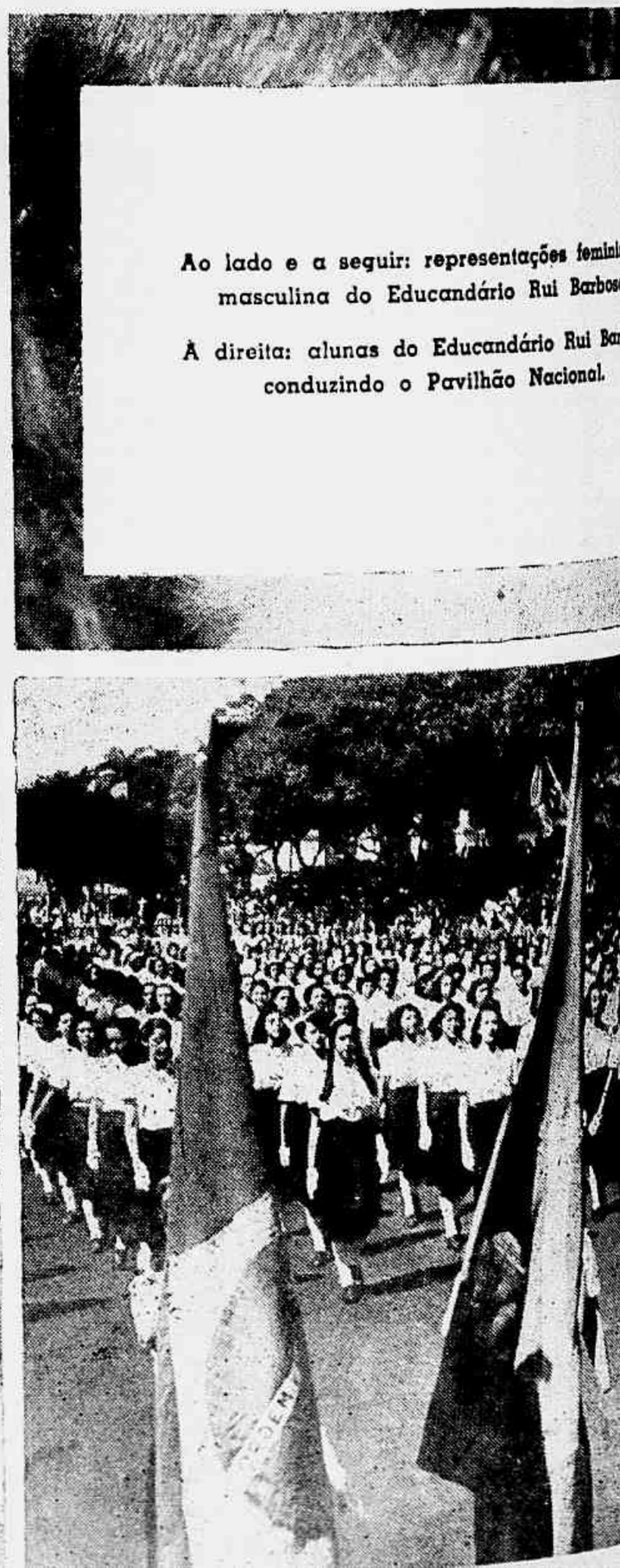
Em baixo: à esquerda, Escola Orsina da Fonseca; à direita, Colégio Santa Cecília.

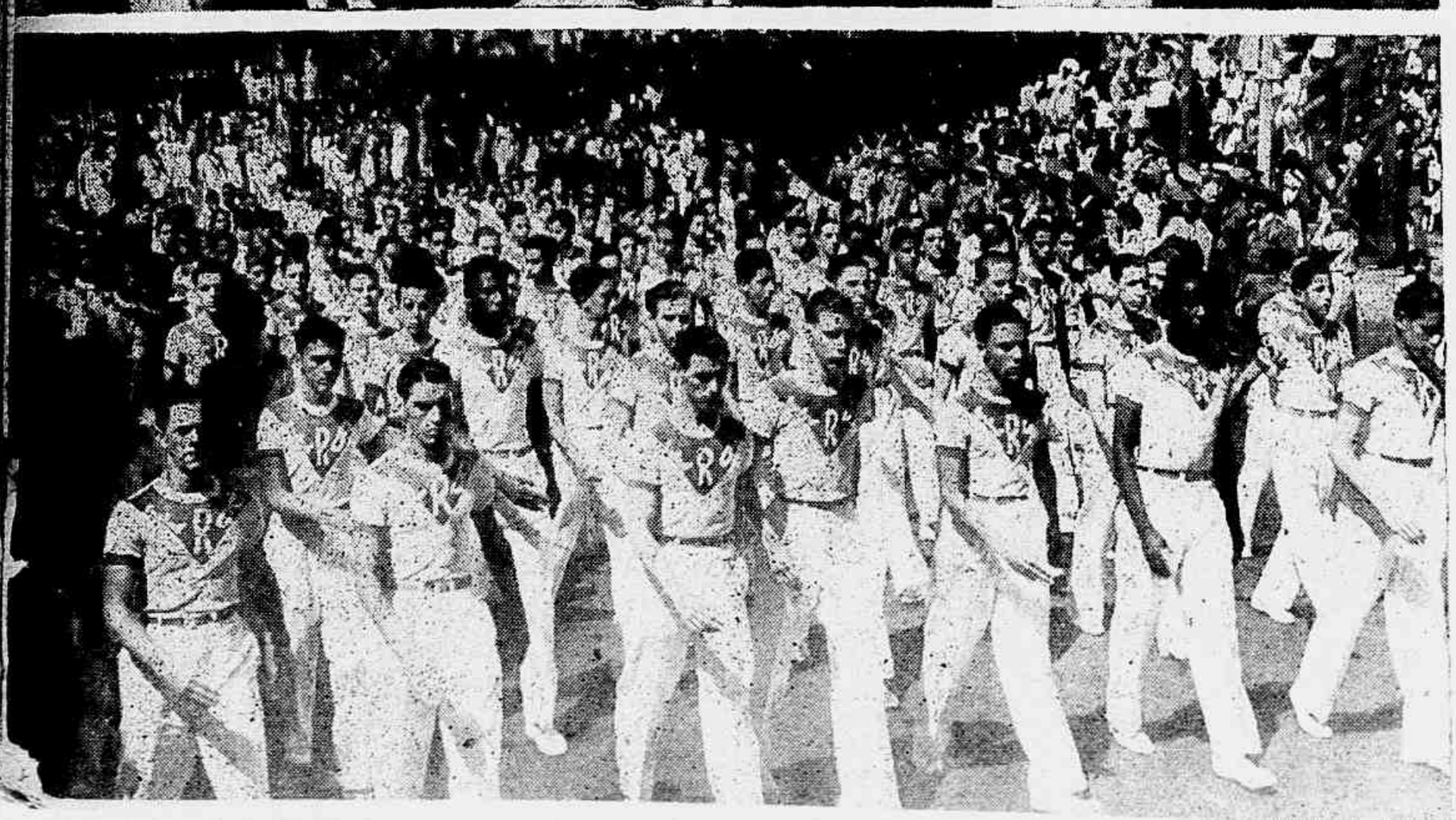




Ao lado e a seguir: representações feminina e masculina do Educandário Rui Barbosa.

À direita: alunas do Educandário Rui Barbosa conduzindo o Pavilhão Nacional.





Ao alto: alunas da M. A. B. E. desfilando garbosamente pela avenida Rio Branco.

Ao centro: à direita, representação masculina do antigo I. S. P.; à esquerda, alunas conduzindo o Pavilhão Nacional.

Em baixo: aspecto da banda composta por alunos da Moderna Associação Brasileira de Ensino.

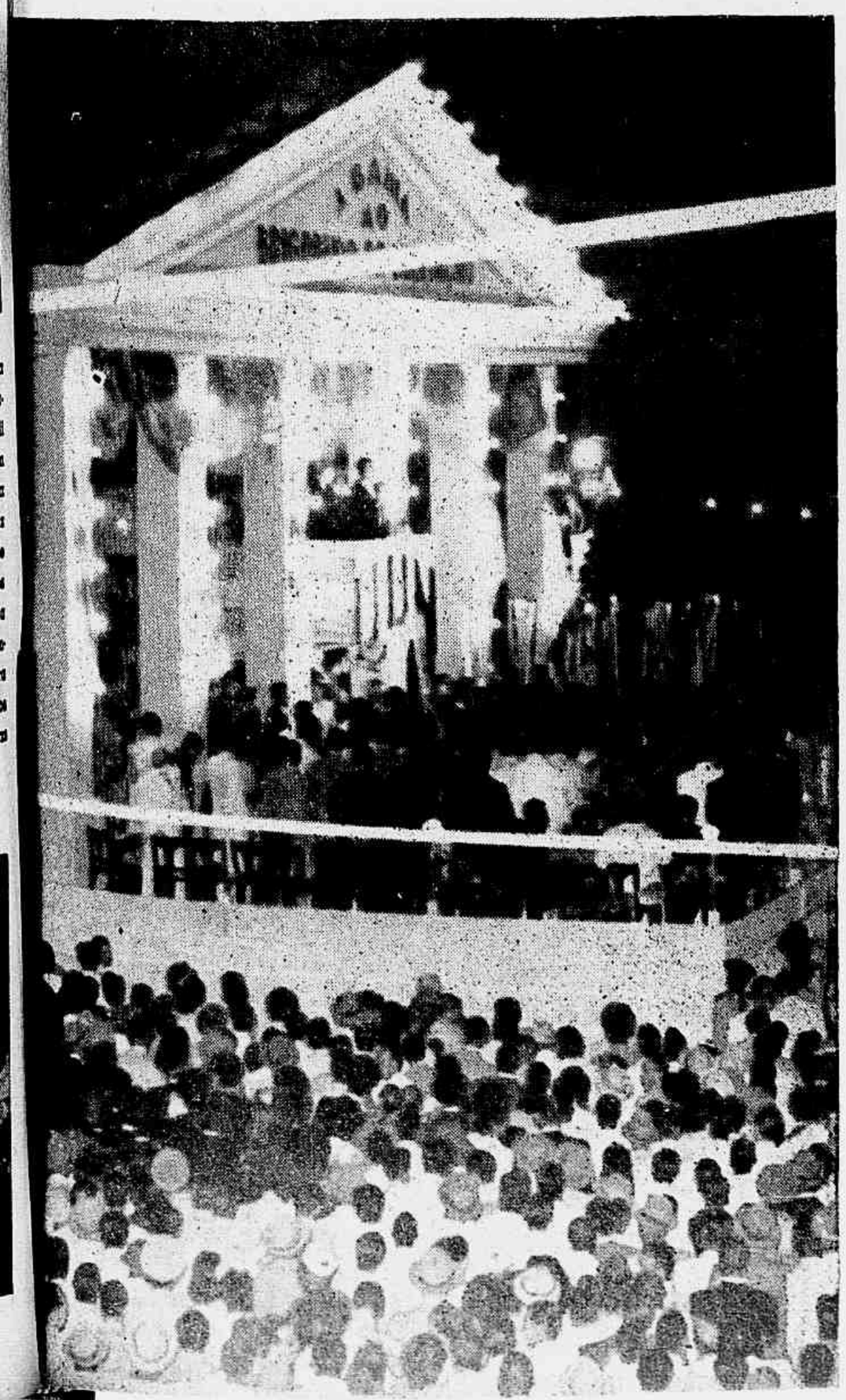
NOITE DE ELEGANCIA

Sob a luz lateiscente dos lampadários modernos, na "boîte" simpática do Pôsto 6, a fina flôr da sociedade patrícia se reune tôdas as noites. E porque as "soirées" ali são cordiais e bem humoradas e porque as ceias são um convite aos "gourmets" requintados e os espetáculos uma visão de sortilégio e esplendor, uma multidão seleta fez daquele sítio o recanto preferido para os momentos de lazer. Agora, depois do sucesso de Gloria Warren, outros artistas estão ali se exibindo para a satisfação de sua fina clientela. Estabelecimento de luxo discreto e de confôrto incomum, a "boîte" atlântica tem sido pequena para conter a seleta multidão que a procura. Estas duas fotos registram aspectos colhidos no "Atlântico" nestas últimas noites.

EDUARDO GOMES NA BAHIA

Flagrantes apanhados no Salvador, Bahia, por ocasião do grande comício ali realizado em prol da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes.

Estampamos um aspecto da assistência, outro da tribuna armada na praça da Sé, um grupo de senhoritas da sociedade que tomaram parte no desfile, e o brigadeiro Eduardo Gomes lendo o seu impressionante discurso a respeito da situação educacional do Brasil.



CARVÃO ESPECIAL PARA GASOGÊNIO

CARVOARIA BOM JARDIM

Carvão e lenha recebidos diretamente
— Artigos de 1.ª qualidade

Êste bem montado Depósito continua a servir os seus fregueses por preços mais baratos que em outras casas. Especialidade em carvão para ferro de engomar e cozinha.

LENHA EM TOCOS, FEIXES E EM TALHAS

Compras e vendas a dinheiro — Entregas grátis a domicílio

Antonio Ferreira de Almeida

RUA MARQUÊS DE SAPUCAÍ, 369 — Tel. 22-9566
RIO DE JANEIRO

APARTAMENTOS

Não dê LUVAS as escuras, para alugar uma casa ou apartamento! Empregue o dinheiro das LUVAS, adquirindo, às claras, um apartamento com um ou dois quartos, dos que estão sendo construidos no saluberrimo bairro do

GRAJAÚ.

Preços a partir de

Cr$ 42.000 00 com entrada inicial de Cr$ 2.000,00.

CONSTRUTORA SUPERLAR DE S. PAULO S. A.
RUA DO ROSARIO Nº 81 — 3.º ANDAR

Rua Chile, 164 — Natal
Rua Coronel Martiniano, 195 — Caicó
RIO GRANDE DO NORTE

Dinarte Mariz & Cia.

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

ALGODÃO — COUROS — PELES
— CÊRA DE CARNAÚBA
EXPLORAÇÃO DE MINÉRIOS
TELEGRAMAS: "DIMARIZ"

RUA DO ROSÁRIO, 81 5.º - RIO DE JANEIRO
salas 502/4 - Telefone 43-2973 BRASIL

C. I N E M

"Mrs. Parkington -- A Mulher Inspiraçã

Depois de um excelente filme musical, valorizado pela presença em seu "cast" pequena e formidável Margaret O'Brien e com a preciosa cooperação de José Ir nos a Metro, esta semana, outro espetáculo de alta classe com as exibições de Parkington". Não é de mais reconhecer que essa produtora continua mantendo, sente temporada, o mesmo nível, e um nível muito elevado, na apresentação de seus tendo mesmo o cuidado de selecionar de sua produção o que de melhor ne Hollywood, encaminhando assim o crême dessa produção para a tela do seu cinema. O material mais fraco, habitualmente, desvia-se para os Metros de e assim pode satisfazer-se a gregos e troianos, isto é, os "habitués" de Copacabana Tijuca têm também as honras de uma "première" vez por outra. Mas os filmes de maior vão sendo seguidamente exibidos na rua do Passeio. E nesse caso está recente "performance" da mesma e consagrada dupla de "Rosa de Esperança" do Pó" e "Madame Curie". Em Greer Garson não existe apenas uma revelação comediante, mas o tipo feminino agradável e simpático reproduzindo a imagem de muito cérebro e grande coração. Sempre que se assiste a um novo desempe Greer Garson, imagina-se o que não será de carinhoso ter ao nosso lado uma igual, para quem às pequenas misérias da vida devem sobrepor-se as tarefas do Ainda em "Mrs. Parkington" isso acontece. O filme dá ensejo à artista para se simultaneamente, velha e moça. Ela está contando a própria história, e quando a mulher encanecida, de ruças e cabelos de neve, para a miude quebrar a dêsse tipo com as evocações da mocidade. E então é a Greer Garson delicada cheia de beleza do corpo e da alma, que se reflete na tela, para encanto do pú atuação de Walter Pidgeon, como "partenaire" da sempre lembrada heroina de de Esperança", vale por um motivo de louvor. No veterano ator encontrou Gree o companheiro inseparável de seus melhores louros, artista que se presta gener a deixá-la figurar em primeiro e merecido plano, uma verdadeira continuidade personalidade artística. Na vida real, também um par que saiba combinar-se exatidão de pontos de vista, há de por fôrça encontrar o segrêdo da felicidade. por tudo isso, é recomendável a tôdas as classes de público. E o complemento afina pelo mesmo diapasão, sendo justa, nesta altura, uma referência particular balho de Agnes Moorhead. Vão ver, mesmo fazendo qualquer sacrifício. E aq outras acertadas escolhas de material literário para êsse ilustre e preclaro par da Metro. — C.

COTAÇÃO: 3½

As cotações desta coluna são dadas em combinação com as de "Cine-Rádio transmitido diariamente pela Rádio Globo: 1, filme regular; 2, bom; 3, muito bom

★

Ainda êste mês a Atlantida fará a estréia de outro filme, "Vidas Solitá Palácio. Na noite da estréia serão entregues os prêmios dos "melhores" de Clube de Fãs Cinematográficos.

Greer Garson e Walter Pidgeon em "Mrs. Parkington"

MUSICA

Três Récitas

Em nenhum dos espetáculos da Temporada Lírica o nível artístico se elevou tanto quanto na versão da "Norma", de Bellini, que Stella Roman e Jennie Tourel interpretaram. Os sucessos pessoais tinham sido, até então, a nota dominante, e éramos forçados a observar, depois de registrar um desempenho de maior relêvo: "os demais desincumbiram-se de seus papéis com discreção". Quando, porém, as duas principais figuras femininas do elenco se reuniram o resultado foi um estrondoso sucesso.

O D. Pasquale tinha sido um espetáculo agradável. A música alegre e despretensiosa que enfeita a cômica história do velho logrado estava a cargo de Reggiani, Landi, Valentino e Piloto, estreando êste no principal papel.

Pilotto pareceu-nos um comediante de largos recursos, sem apresentar, todavia, os exageros que quase se tornaram de praxe em óperas cômicas. Agradou-nos sua louvável sobriedade, que não o impediu de dar à parte cênica o relêvo que lhe faltou na parte vocal.

Valentino, por outro lado, confirmou a opinião favorável que deixou seu Marcelo na "Bohème". Poder-se-ia, mesmo, medir a distância que vai de Donizetti a Rossini, tendo em vista o Fígaro e o Dr. Malatesta de Valentino, porque se no primeiro êle não foi feliz, menos por dificuldades técnicas não superadas do que por falta de capacidade interpretativa, no segundo, que não exigia dêle mais do que êle poderia dar, mostrou-se realmente eficiente.

Poderíamos repetir a observação que acabamos de fazer a respeito da atuação de Hilde Reggiani. Também ela não conseguiu dominar perfeitamente o papel de Rosina e igualmente por falta de capacidade interpretativa. Tanto assim que fui obrigado a dizer a seu respeito que não cantara uma ópera de Rossini: cantara simplesmente, preocupando-se menos com a partitura do que com a maneira de traduzir a intenção do compositor, de atingir a justa medida do que com a própria voz, agradável, não há dúvida, mas que não vale o sacrifício da música. A "Norina", que Reggiani cantou muito bem, não apresenta problemas dessa espécie. Donizetti é encantadoramente superficial, às vêzes insuportavelmente banal.

Sôbre Landi só poderia repetir o angustioso dilema: ou canta em pianíssimo do princípio ao fim, ou revela uma voz áspera e desagradável. No D. Pasquale optou ora por uma ora por outra solução: o resultado não foi animador. Falta-lhe, também, a arte para suprir as deficiências vocais.

E' preciso não esquecer a respeito do D. Pasquale a cena dos criados, bem cantada e interpretada pelo côro.

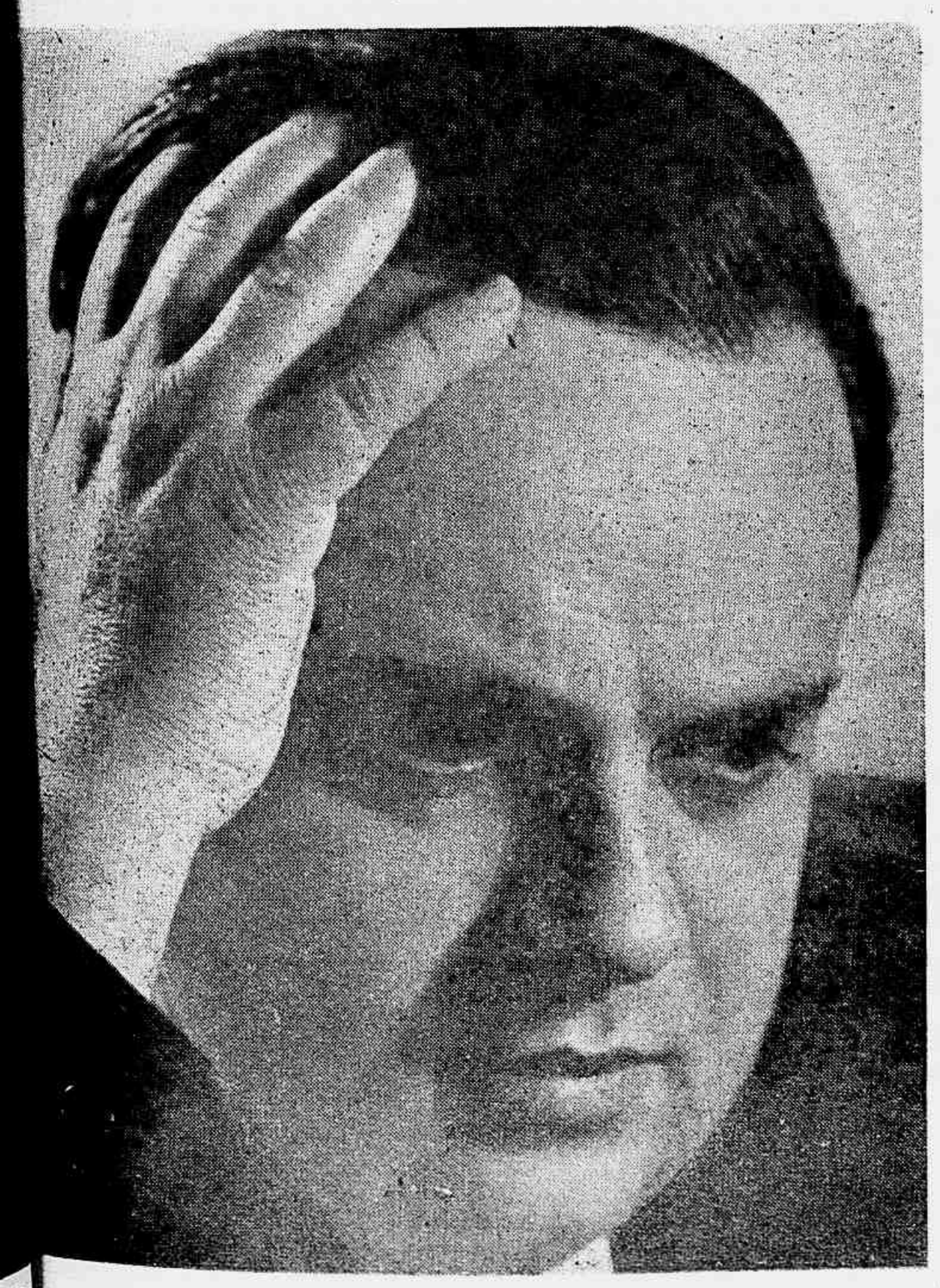
Depois de Donizetti, Bellini impressiona pela seriedade, pela simplicidade, que às vêzes atinge alturas inesperadas. A "Norma" não é obra homogênea mas há, nas suas melhores páginas, o ímpeto de uma inspiração elevada, contido por uma arte superior que lhes dá uma grandeza e uma dignidade extraordinárias. Abundam trechos da mais pura e nobre beleza, como a Casta Diva. Não vamos procurar um traçado firme de caracteres na partitura. Os traços característicos dos personagens não são sublinhados de modo que haja a criação musical de um tipo. Não diremos, porém, que a música se divorcia do texto: êste serve como base para grandes momentos. A fusão do texto com a música não se dá através do desenvolvimento musical de personagens concebidos pelo libretista sob forma dramática; opera-se o ajustamento da partitura ao libreto através do desenvolvimento de uma série de situações dramáticas que inspiram o compositor; a música corresponde ao momento dramático. Os personagens, integrados nessa idealização musical do momento dramático, não sobressaem individualmente nem são caracterizados e diferençados entre si: são simplesmente arrastados pela fôrça da ação tanto dramática como musical.

Stella Roman e Jennie Tourel, perfeitamente integradas nos seus papéis, proporcionaram-nos um grande espetáculo, com momentos inesquecíveis como o dueto do segundo ato, que levou o público ao auge do entusiasmo. Vozes afinadas, combinando muito bem, ambas emitidas com perfeição, maleáveis, quentes.

Jagel, em ótima forma, contribuiu para o sucesso com um Pollione discreto mas impecável, representando e cantando com extraordinária segurança.

(Continua na página 58)

O público não vê o "régisseur" mas o sucesso do espetáculo depende dêle. Germán G. Torel veio de Buenos Aires especialmente contratado para dirigir algumas récitas da Temporada Lírica.



UMA CREAÇÃO INIMITAVEL DE

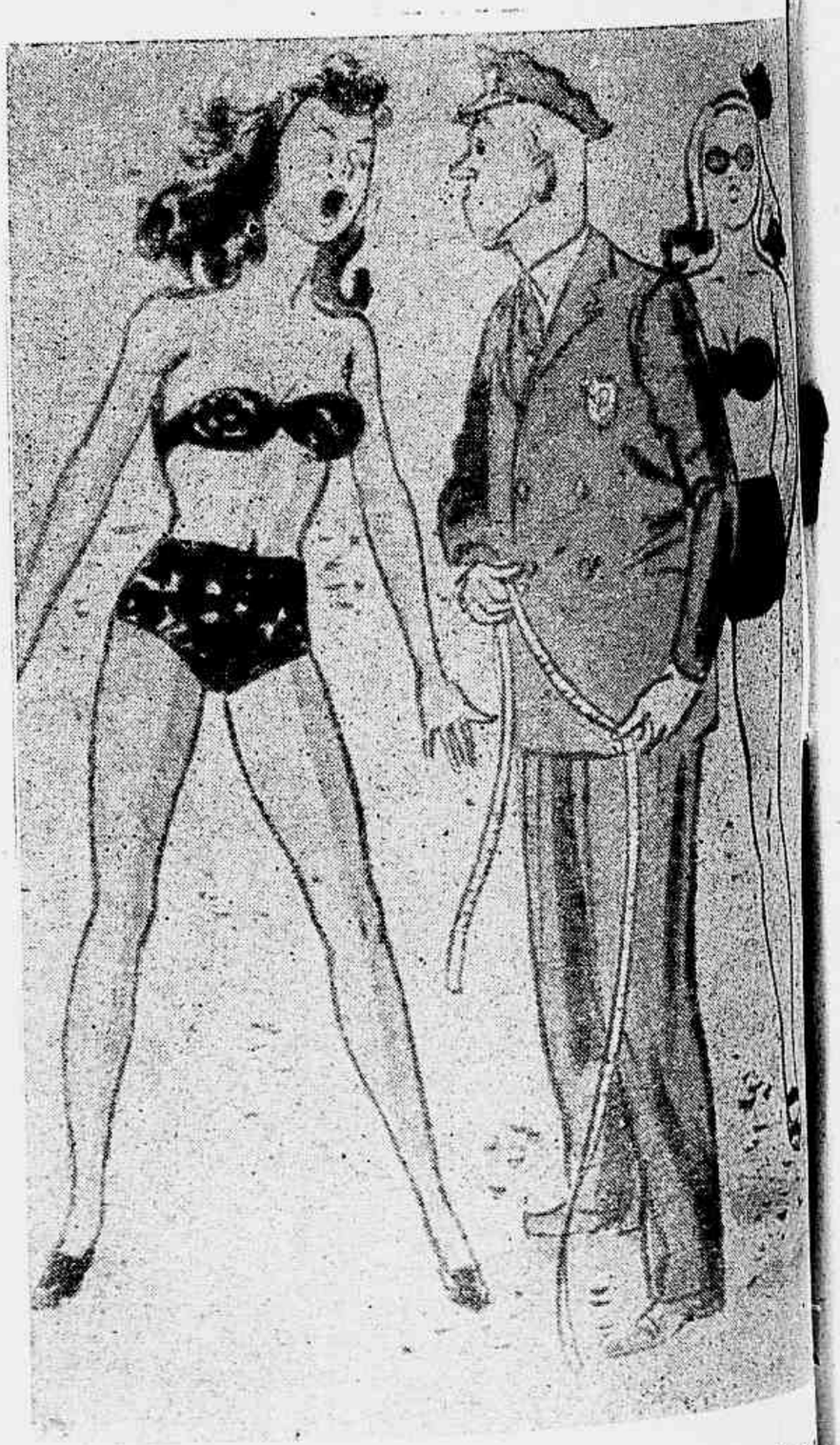
ROGER & GALLET

— Não tenho muita certeza, mas estou desconfiada de que nos sentámos em propriedade alheia!

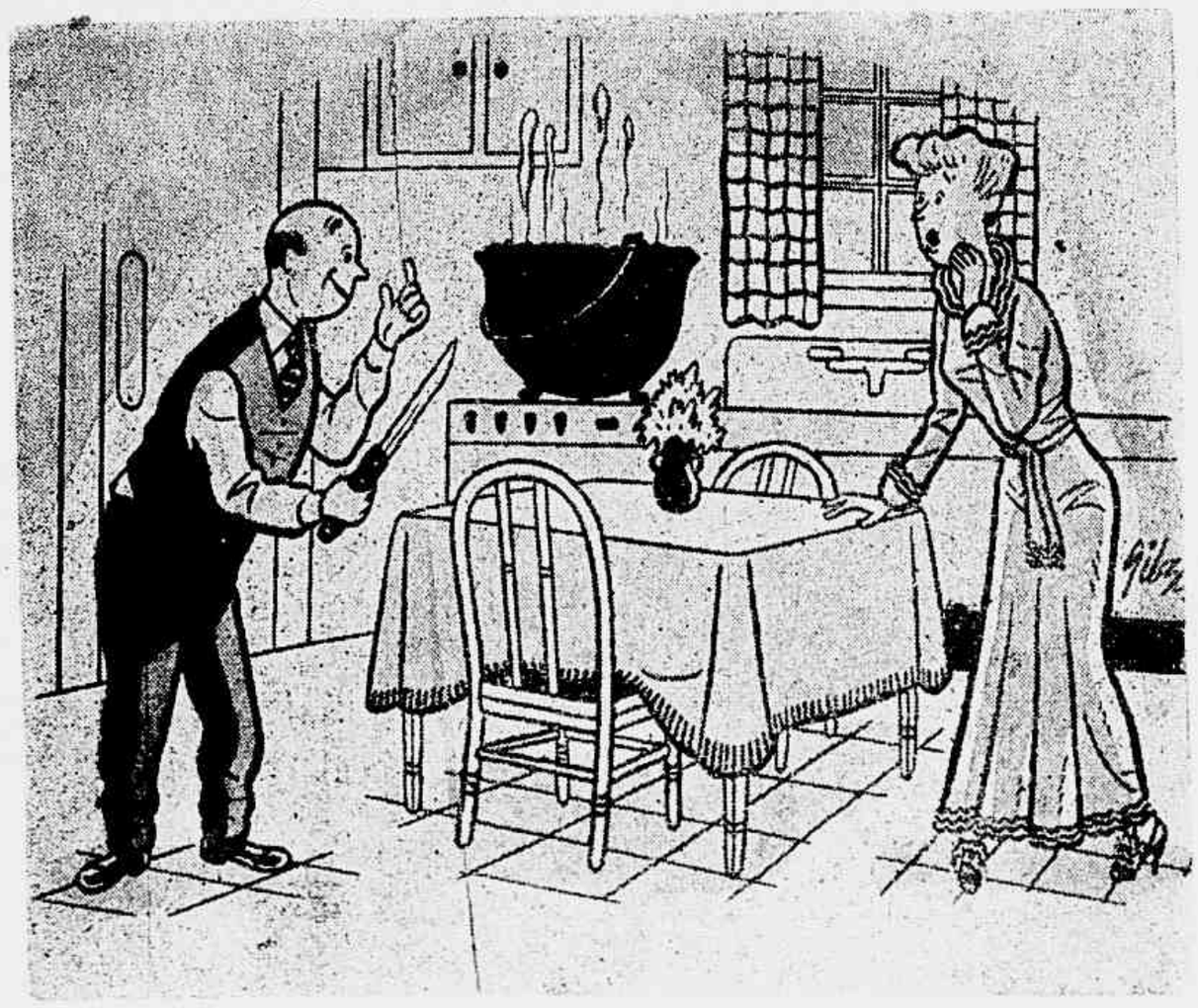
— Bravíssimos, rapazes... E agora que vocês foram tão gentis, querem fazer o favor de arranjar para mim um apartamento?

— Mas afinal, em que praia vim parar?

DE BOM HUMOR



— Que me diz, chefe? Será que êles vão também racionar a fazenda para os "maillots"?



— Benzinho... Você estava mesmo falando verdade?

O ANUNCIO

Conto de LAWRENCE STEVENS

O homem do guichet levantou os olhos e perguntou:

— O senhor tem mesmo certeza de que deseja publicar êste anúncio?

— Claro.

— Mas...

— Há algum inconveniente?

— Inconveniente, na verdade, não há. O regulamento não impede que publiquemos isso.

— Nesse caso...

— Bem, o senhor compreende que é... é original e...

— Haverá alguma proibição a êsse respeito?

— Não é bem isso. Isto é, se o senhor quisesse falar com o gerente eu ficaria mais tranquilo. Êle assumiria então a responsabilidade.

— Muito bem. Onde está o gerente?

— O gabinete dêle é alí.

O empregado apontou para uma porta do outro lado da sala. Selby encaminhou-se para lá, bateu e entrou:

— Bom dia.

O gerente, imediatamente, levantou-se e perguntou:

— Não quer sentar-se? Em que lhe posso ser útil?

Selby recusou a cadeira e colocou o anúncio sôbre a mesa, à frente do homem.

— O empregado do guichet achou mais aconselhável perguntar sua opinião sôbre êste anúncio.

O gerente leu-o rapidamente, em silêncio, e disse:

— Não. Não vejo inconveniente. É seu, não é verdade?

— Sim.

— Quer poupar seu dinheiro?

— Tem alguma sugestão a fazer?

— Tenho. Conheço o caso que o senhor está procurando.

— Ótimo. Quem é o cientista?

— É meu pai.

Selby resolveu sentar-se.

— Conte-me tudo — pediu.

O outro começou a falar.

★

A casa, Selby reparou, não parecia o lar de um cientista. Tinha o aspecto luxuoso, tanto por fora como no interior, êste aspecto que associamos, geralmente, à idéia dos esplendores de um multimilionário, por influência da noção que Hollywood pôs ao alcance de todos.

— Tenho a bondade de entrar — disse o gerente guiando-o pelo "hall".

O mordomo, de ar solene, acompanhava-os.

— Baker, anuncie a Mr. Brighton que estou aqui.

— Muito bem, Mr. Lawton.

— Mr. Brighton — explicou Lawton a Selby — é o secretário de papai. Êle o porá ao corrente da invenção. Poderá explicar melhor do que eu.

O mordomo levou-os à sala de visitas e saiu. Alguns minutos mais tarde entrou um rapaz alto, magro com uns óculos enormes.

— Bom dia Harold, como vai?

— Muito bem, obrigado, e o senhor, Mr. Lawton?

— Otimamente. Escute Harold, eu trouxe aqui o rapaz que estávamos procurando há tanto tempo.

Harold tornou a olhar para Selby. Desta vez com mais interêsse.

— Mr. Hugh Selby... Harold Brighton.

— Muito prazer.

— Igualmente

Lawton observou:

— Bem, deixo-os a sós. Harold explicará ao senhor de que se trata.

Sós, Selby e Harold, êste perguntou:

— Desculpe a curiosidade, mas como foi que George o encontrou?

— Através de um anúncio...

— Sim. Mas quero dizer como foi que soube que se prestaria à experiência.

— Digo-lhe que foi através de um anúncio.

— Quer dizer que publicou um anúncio oferecendo-se?

— Sim.

— Muito interessante.

— Aliás não cheguei a publicá-lo.

— Como assim?

— Redigi um anúncio oferecendo-me para uma experiência. O senhor com certeza está curioso por saber quem eu sou. Fui homem riquíssimo. Perdi todo o meu dinheiro. Francamente, aos quarenta anos não é fácil recomeçar modestamente uma vida que se passou faustosamente até aqui. Portanto resolvi tomar essa decisão. Nenhum homem está disposto a servir de cobaia a um cientista para uma operação perigosa, por mais que lhe ofereçam. Portanto se eu oferecesse a minha vida em troca de uma fortuna teria uma oportunidade para reavê-la.

— Eu...

— Pode parecer complicado mas não é. Eu ia suicidar-me. Não queria mais viver na miséria. Portanto, nada tenho a perder. Agora, se passase pelo perigo de uma experiência científica e se vencesse, teria uma fortuna assegurada como remuneração; teria prestado um serviço à humanidade e continuaria vivendo como dantes. Era demasiado tentador para que eu não arriscasse.

— Portanto, um cientista riquíssimo como Mr. Lawton, pai de George, era o que o senhor estava procurando.

— Exatamente.

— Mr. Selby, confesso que nós estamos muito satisfeitos com o que sucedeu, pois de outra forma não poderíamos experimentar a invenção; porém, além de aceitar tôdas as suas condições, Mr. Sselby, quero pôr uma cláusula no seu entendimento...

— De que se trata?

— O senhor não poderá saber do que se trata.

— Como?

— Que invenção, para que é a invenção e que espécie de invenção: tudo isso o senhor ignorará. Virá passar aqui uma semana. Durante essa semana dar-lhe-emos todos os dias uma injeção. O senhor não saberá do que se trata. Essas condições não seriam aceitas por um homem qualquer... Mas pelo senhor...

— Bem...

— Poderemos provar a idoneidade de Mr. Lawton, a minha também se quiser. Depois de feita a experiência o senhor saberá do que se trata; antes não. Mais uma coisa: O senhor deve estar prevenido de que correrá perigo de vida. Aceita?

— Não posso falar com seu patrão primeiro?

— Êle ve-lo-há depois de ter a certeza de que se submeterá ao "test"...

Selby hesitou um instante, depois disse:

— Aceito.

★

Quando o documento foi assinado e o advogado partiu, Selby começou a ficar apreensivo. Mesmo durante a assinatura do documento êle sentira uma estranha apreensão. Estava tudo muito claro, e o dinheiro que êle exigia fôra posto imediatamente à sua disposição. Dentro de uma semana, se ainda estivesse vivo, êle seria um homem rico novamente. Mas estaria vivo?

O cientista esperava-o no laboratório.

— Uma injeção somente, Mr. Selby — disse.

Selby viu aproximar-se a enorme agulha. Sentiu procurar o nervo. E perdeu os sentidos.

★

O cientista sorriu, amavelmente.

— Engana-se, meu amigo.

Selby estava quase histérico.

— Mas se eu lhe digo que êle me seguiu...

— Foi provavelmente uma coincidência.

— Não. Êle me seguiu. Era um homem baixo, magro, usava óculos.

— Não se preocupe. Mesmo que o tenha seguido, que tem isso?

— Que tem isso? Pois... pois êle parece um bandido. Querem matar-me! Querem raptar-me!

— Não fique nervoso!

(Continua na pág. 46)

PEARL BUCK - A MULHER E A ESCRITORA

SEUS PRIMEIROS TRABALHOS LITERÁRIOS — SUA INFÂNCIA NA CHINA — O "BACK-GROUND" CHINÊS — EAST AND WEST ASSOCIATION — "O MUNDO NÃO VALE O MEU LAR"...

Nova York, setembro. — Pearl Buck. Haverá necessidade de dizer mais alguma coisa sôbre essa extraordinária personalidade feminina?

Terra, velha terra, que originou "Terra dos Deuses" do cinema, "O Patriota", "Mãe" e tantos outros livros que nos apresentaram companheiros inesquecíveis. Companheiros que nos tiraram, por horas, do nosso mundo cotidiano e, quando se foram, deixaram conosco um pouco mais de fé e de coragem. Um dia pedi a Beatriz Schafran que me conseguisse um "apontamento" com Pearl Buck. Eu queria apenas vê-la, de perto, fora da minha imaginação, e levar-lhe um pouco da personalidade num autógrafo. Beatriz foi mais audaciosa e solicitou uma entrevista. Pearl Buck acedeu. Fui vê-la, na rua 49, no seu escritório, na West and Eeast Association.

Ela é exatamente como nos mostram os retratos. Feminina, simples, carinhosa na voz e nos gestos, com um jeito de "mamãe" tão profundo e espontâneo que eu tive logo vontade de entrevistar e conhecer a mulher, esquecendo a escritora. Cabelos grisalhos, um vestido simples, sem maquilagem. Depois da apresentação ela inicia a entrevista:

— E' a primeira vez que converso com uma brasileira. E gostaria de conversar muito tempo e sentir sua terra através as suas palavras.

— Sente interêsse pelo meu país?

— Muito. Mentiria se dissesse que é um interêsse especial. E' um velho sonho meu conhecer bem todos os países através o povo.

— Conhece alguma coisa do Brasil?

— Sim, através os jornais, revistas e livros americanos.

— Pode lembrar-se de algum autor brasileiro?

— Não conheço português e por isso li sôbre o Brasil e nada do Brasil.

Peço-lhe um instantâneo para a entrevista. Ela acede e retira um quadro da parede.

— Tenho especial carinho por êste quadro. Gostarei de mostrá-lo aos seus compatriotas.

Depois de batida a chapa digo-lhe:

— O que está escrito nesse quadro?

— E' um manuscrito de um intelectual chinês e quer dizer: "Em tôrno dos sete mares todos os homens são irmãos".

— Relembre-nos um pouco os anos que passou na China.

— Meus pais eram missionários. Depois de um longo tempo de árduos trabalhos nos sertões da China passaram um ano de férias na Europa e Estados Unidos, onde então eu nasci.

— Em que lugar dos Estados Unidos?

— Em Hillsboro, na Virginia. Posso dizer-lhe o ano. Foi em 1892, dia 26 de junho.

— Voltou logo para a China?

— Com quatro meses, e lá vivi 40 anos. Sou americana, mas o meu "back-ground" é chinês...

— Vem desde a infância seu amor pela China?

— O amor e a admiração. Eu aprendi a falar em chinês, e só na idade escolar estudei o inglês. A minha primeira influência literária, por assim dizer, foi exercida pela minha ama chinesa, que me repetia os contos e as histórias de sua terra.

— Conheceu muitos lugares da China?

— Sim, meus pai viajavam constantemente. Mas eu me lembro bem da cidade Chinkiang, ao longo do rio Yangtse, onde passei grande parte de minha infância. Mo-

Pearl Buck examina o globo terrestre e pergunta a Sagramor: "Onde está aqui o seu país? Mostre-me a sua cidade neste mapa...". E a autora de "Terra dos Deuses" parece interessar-se realmente pelo Brasil. Tanto quanto pelo resto do mundo, mas um interêsse muito pronunciado pela Humanidade. De olhos claros e serenos, senhora de uma casa, ela é também a mulher que se interessa pelas outras mulheres. As que trabalham, principalmente.

Pearl Buck mostra um quadro chinês e traduz o que nele está escrito: "Em tôrno dos sete mares todos os homens são irmãos". Ela é a organizadora do "West and East Association", um ideal que tem por lema "O povo para o povo". Organização de conferências com personalidades de todos os países para falarem aos auditórios americanos. E elementos americanos para auditórios estrangeiros. Troca de idéias sôbre literatura e a vida na linguagem mais simples e humana.

rávamos num bangalô pequenino sôbre uma colina. Eu olhava a cidade super-habitada, tão cheia de casas que os telhados, muito próximos uns dos outros, pareciam ao longe as escamas de um grande peixe.

— Quando começou a escrever?

— Desde que aprendi a usar o lápis e o papel minha mãe me acostumou a escrever sôbre tudo que eu via e sentia. E principalmente me ensinou a ver e a sentir a beleza das coisas mais simples. Ela lia e comentava os meus escritos. Era uma crítica severa e carinhosa ao mesmo tempo.

— Como nasceu o primeiro trabalho publicado?

— Ainda das mãos de minha mãe, num jornal da China editado em inglês, numa edição semanal para as crianças — "Shangai Mercury". Para êsse jornal minha mãe mandou meus primeiros contos.

— Entre as vitórias de sua carreira qual a que lhe deu a maior emoção?

— A maior não sei, mas uma das grandes foi em 1938, quando recebi o Prêmio Nobel. Não foi dado devido a um livro meu, como talvez possam pensar, e sim em consideração à minha obra publicada até então.

Eu me lembro então já ter lido sôbre isso: Pearl Buck foi a primeira mulher americana a receber o Prêmio Nobel. O dr. Hollstrome, secretário da Academia sueca, escreveu sôbre ela: "Ninguém como Pearl Buck jamais fotografou tão bem a alma da mulher chinesa".

Falo-lhe sôbre isso. Ela responde simplesmente:

— E' o "back-ground" chinês que já citei...

Nós sabemos que é a fôrça de sua alma, a qualidade de seu espírito, aberto para tôdas as expansões e a pena fiel que sabe contar o que ela sente. Volto às perguntas:

— Além dos livros qual é sua outra ocupação?

— West and East Association.

— E o que é West and East Association?

— Um ideal que tenta sua concretização. A Association é parte de minha vida.

— Como nasceu essa Associação?

— De um ideal. "O Povo para o Povo". Conseguir que os diferentes povos do mundo se conheçam e possam então se entender. A Associação nasceu para realizar êsse ideal. E o tem conseguido. Não acho suficiente a boa vizinhança feita entre os diplomatas e governos, intelectuais e artistas. O povo simples e humilde deve conhecer o seu vizinho, que fala outra língua mas é igual a êle, assim simples e assim humilde — **que o povo é sempre igual.**

— Pode dar-nos uma idéia do programa da Associação?

— Posso. Organizamos conferências, convidando personalidades de todos os países para falarem a auditórios americanos. E levamos elementos americanos para auditórios estrangeiros. Promovemos reuniões formadas por pessoas de diferentes nacionalidades que conversam, trocam idéias, contam fatos da pátria distante e indagam sôbre a vida americana. Um chinês, conversando frente a frente com um americano sôbre sua terra, pode revelar mais a China que todos os livros e as fitas de cinema — que são palavras e fotografias. Êle é a vida da China, a voz da China, um pedaço vibrante da China. Vê o nosso ideal? Aproximar o povo do povo, explicando uns aos outros, na linguagem mais simples e mais humana. Temos também bibliotecas sôbre hábitos, costumes, indústrias, cultura e literatura de todos os povos do mundo. Uma vez por mês enviamos aos mestres americanos uma coleção de material literário e informativo sôbre outros povos, para que as crianças aprendam também a conhecer e amar o mundo humano. Temos um teatro vivo onde atores estrangeiros representam, em inglês, peças de seus teatrólogos, vestidos a caráter, com cenários fiéis às paisagens da pátria. Acredito na grande influência dêsse teatro. O povo rude, que não lê os livros e não entende os tratados, não esquecerá mais a história, o cenário e aquêles artistas estrangeiros que contaram coisas de suas terras... O programa tem ainda um outro ponto interessante. Chama-se "A Porta Aberta". Os membros da Associação facilitam aos estrangeiros contacto com os seus líderes, religiosos ou não, para solução de seus problemas e os ajudam nos seus casos e dificuldades. Temos também muitas publicações. Folhetos, boletins, bibliografias. Mensalmente apresentamos um resumo do melhor livro escrito sôbre outro povo.

— Penso que a West and East Association é mais uma de suas belas obras. Um deslumbrante poema de humanidade.

— E eu penso apenas que ela tem um ideal de verdade pura: a Paz só será realmente possível quando, fora dos tratados e dos congressos, os povos se conhecerem, se admirarem, se compreenderem mutuamente.

— O que é preciso para ser membro da Associação?

— Você acredita sinceramente na necessidade de um entendimento maior entre os povos?

— Sem dúvida. Êsse ideal, além de grandioso, é a maior verdade que já ouvi.

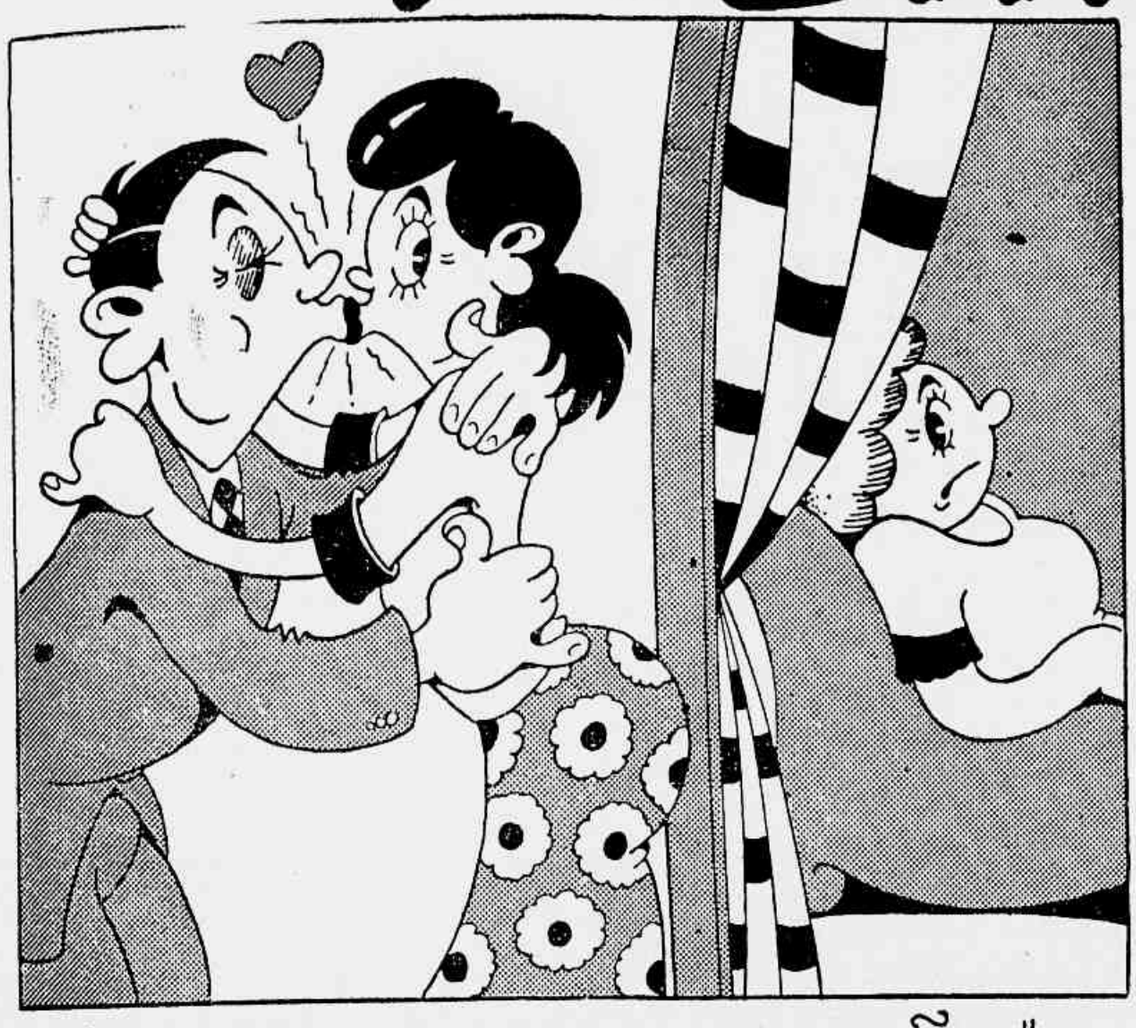
— Então, se você crê, você é um membro da Associação. Ajude-nos no que puder. E se quer tomar a sério a sua pergunta escreva-nos, por exemplo, páginas sôbre o Brasil.

(Continua na pág. 58)

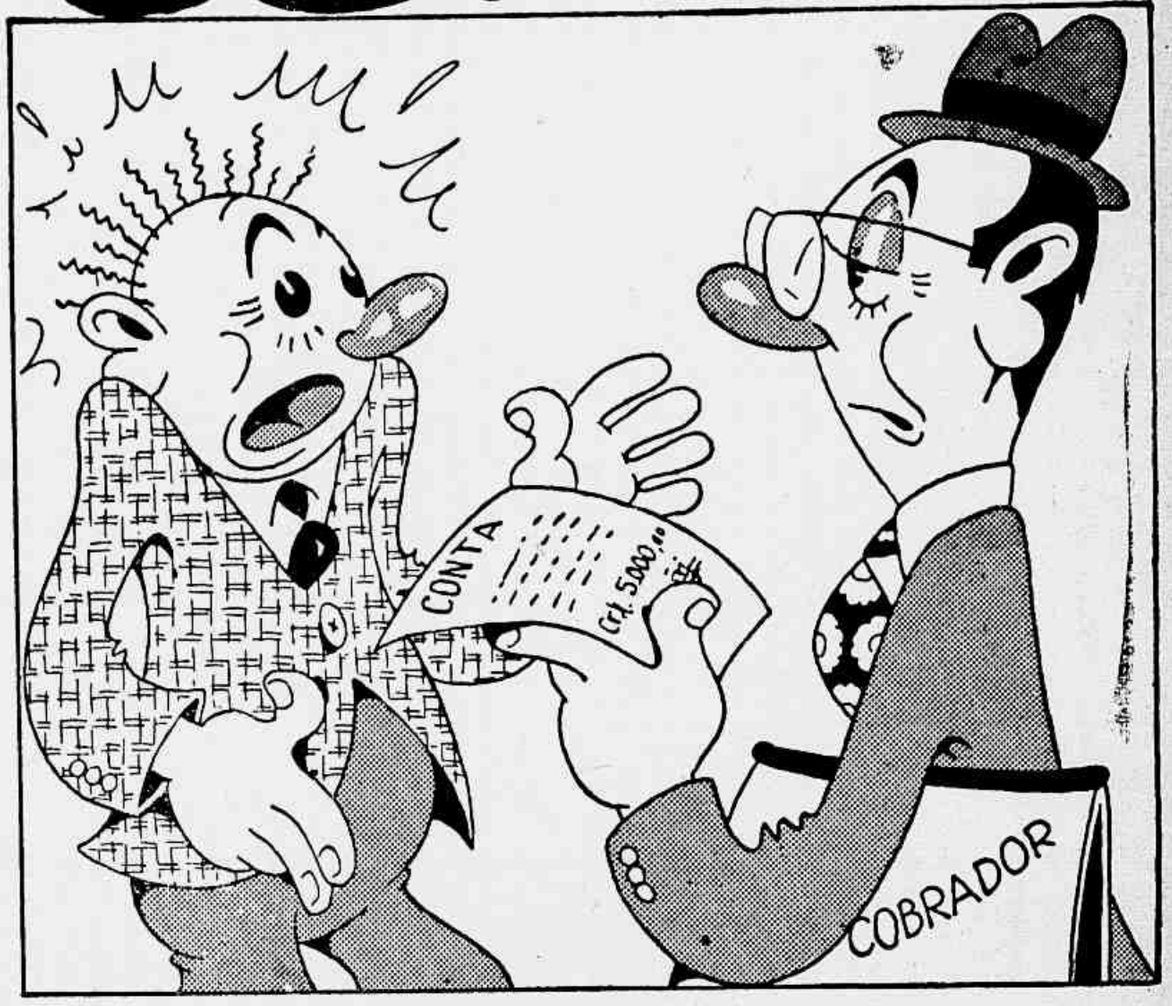
ARTES PLASTICAS

Inaugurou-se, no dia 8 do corrente, no Museu Nacional de Belas Artes mais uma exposição de óleos do pintor patrício Orlando Teruz. Modernista moderado, caracteriza-se Teruz pelo seu colorido original e todo próprio, suave e recatado, mas que traz em si tôda a expressão impressionista de sua grande arte. Tendo já exposto na Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália e Argentina, Teruz está definitivamente consagrado pela nossa crítica, embora não use o exagêro como arma. Nesta página, três dos quadros expostos por êle no Museu Nacional de Belas Artes: ao alto, "Nudistas"; em baixo, à esquerda, "Madona", e, à direita, "Espôsa do Pintor", retrato de sua senhora.

FILMES...



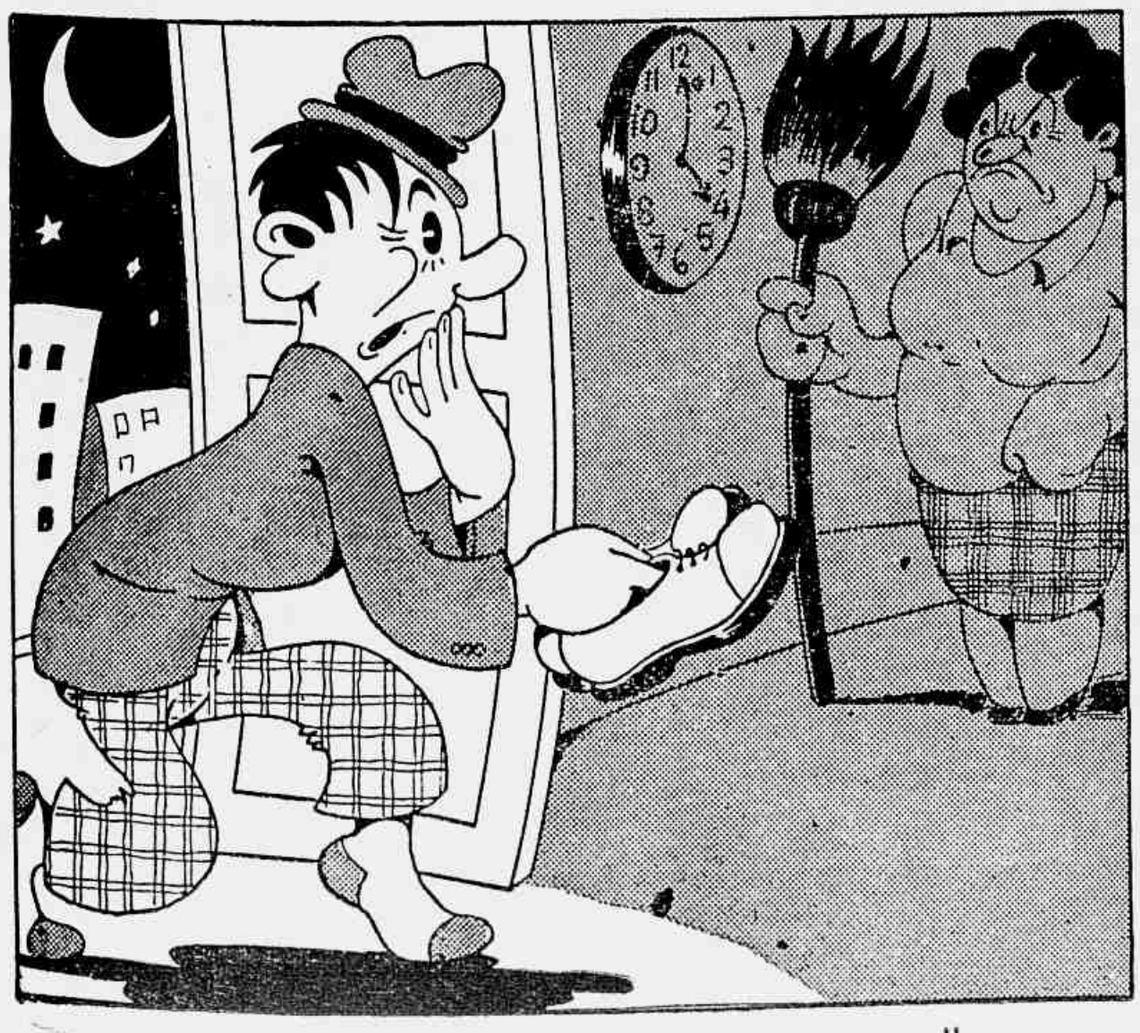
"CUIDADO COM MAMÃE"



"APARIÇÃO SINISTRA"

"SOMOS TODOS IRMÃOS"

"DUAS GAROTAS E UM MARUJO"



"ARES DE TEMPESTADE"

"TUDO ISTO E O CÉU TAMBEM"

BI-DEPUTADOS

ESCRAGNOLLE DORIA

Já se desatando de colonia, o Brasil elegeu representantes às Côrtes Portuguesas de 1821. Adiando viagem a Lisbôa, doze deputados por Minas deixaram de figurar naquelas Côtes, entre eles o inconfidente Rezende Costa.

Para assinatura da Constituição elaborada e jurada pelas Côrtes, poucos deputados nossos tomaram mão de pena.

Quando a Constituição lusitana de 23 de Setembro de 1823 entrou a viver, o periodo colonial no Brasil estava morto, bradada a mórte no Ypiranga. Mas as côrtes, por muito distantes, não lhe podiam ouvir o éco.

Consequencia do brado de 7 de Setembro foi a reunião de Constituinte no Rio de Janeiro, cabeça do novo Imperio do Brasil.

São Paulo e o Rio de Janeiro bi-elegeram então deputado constituinte a Martim Francisco, optando o eleito para representação fluminense. Ficasse José Bonifacio deputado por São Paulo.

Dissolvida a Constituinte, elaborada por varios ex-constituintes uma Carta Constitucional, o Brasil teve parlamentarmente primeira legislatura ordinaria, primeira do Primeiro Reinado no qual o coração de Pedro I tantas vezes bateu fórte.

As eleições ordinarias de 1826 foram grandes e de dois gráos, isto é de eleitores elegendo eleitores; a estes segundos cabendo em definitivo escolher os representantes da nação.

Para escolhel-os o ainda pouco pratico eleitorado brasileiro foi às urnas às quais frases feitas atribuem "boca e vóz", sem repararem quantas vezes, à força, se lhes fecha a boca, portanto impossivel emissão de sons.

As eleições de 1826 escolheram senadores e deputados. O Pará, o Piauí, Pernambuco e Minas incluiram Maciel da Costa nas suas listas senatoriais, o visconde em breve marquês de Queluz, afinal senador pela Paraiba do Norte.

Não se pode dizer as eleições de 1826 realisadas do Amazonas ao Prata, o Amazonas só provincia em 1850.

Provincia unida ao Brasil, a Cisplatina tratou de eleger representantes seus ao parlamento brasileiro, eleições que resultariam inuteis.

Provincias nossas, bi-deputando, retomariam o exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo dando duas cadeiras a Martim Francisco na Constituinte de 1823, para que ele fraternalmente cedesse uma a José Bonifacio.

Em 1826, o conego Januario Barbosa vio-se eleito deputado por Minas e pelo Rio de Janeiro e agradecendo a mineiros optou pela cadeira fluminense.

Bahiano de nascimento, apaulistado pelo matrimonio, Costa Carvalho, o futuro Monte Alegre, em 1830 sahio deputado pela Bahia e por São Paulo.

Balançou coração e preferio berço, para ser não muito depois regente do Imperio com Lima e Silva e Braulio Muniz.

Na segunda legislatura do Imperio (1830-1833) Sergipe e o Piauí bi-deputaram monsenhor Antonio Fernandes da Silveira, sergipano, do cabido da catedral do Rio de Janeiro.

Monsenhor Silveira optou por Sergipe cujos interesses o sacerdote zelava de longe, pugnando pelo estudo de minas de ferro na provincia natal, nela julgando existencia de um rio subterraneo.

A segunda legislatura recebeu ainda dois bi-deputados, o brigadeiro Cunha Mattos, eleito por Minas e Goiaz, e o padre Martiniano de Alencar, sufragado por Minas e pelo Ceará.

Reconhecido a Minas, Cunha Mattos preferio Goiaz, Alencar dando preferencia ao Ceará, onde tão envolvido nas lutas partidarias das quais João Brigido deu exáta noticia.

Qual Alencar, politico militante e combatido, Chichorro da Gama veio à Camara em 1834 com dois diplomas dados por Minas e Alagoas, que entendeu melhor representar. Minas e o Rio de Janeiro, em 1838, deram tambem dois diplomas de deputado a Honorio Carneiro Leão. Quiz representar Minas, a terra natal que o levaria ao Senado, de onde no seu famoso ministerio de 1856 enlaçaria conservadores e liberais na Conciliação.

Na lesgislatura de 1850, oitava do Imperio e ainda formada por eleição de dois gráos, apareceu na Camara Herculano Ferreira Penna, eleito por Minas e pelo Matranhão, presidido por Penna em 1841. O bi-deputado optou pela provincia nortista.

Em 1857 reproduzio Sergipe uma bi-deputação, as eleições realisadas então por distritos. Dois tinha Sergipe e ambos elegeram pessôa unica, João Gomes de Mello, barão de Maroim. Optou pelo 1.º distrito da provincia natal onde gozava de merecida influencia politica, esta em 1861 o conduzindo ao Senado, por votos de Sergipe. Faleceria nove anos após o advento da Republica e bem longe do seu Sergipe, na Mocóca, São Paulo.

Em 1861 o Rio de Janeiro e Minas elegeram simultaneamente um bi-deputado, Teofilo Ottoni. Preferio este a representação mineira, deixando a fluminense a outro mineiro, Martinho Campos.

O lenço branco de Ottoni, agitado em ferver de eleições, como sinal de união partidaria, tão assinalado ficou que em recente comicio de propaganda eleitoral em Minas se poz em uso o lenço branco agitado no Imperio.

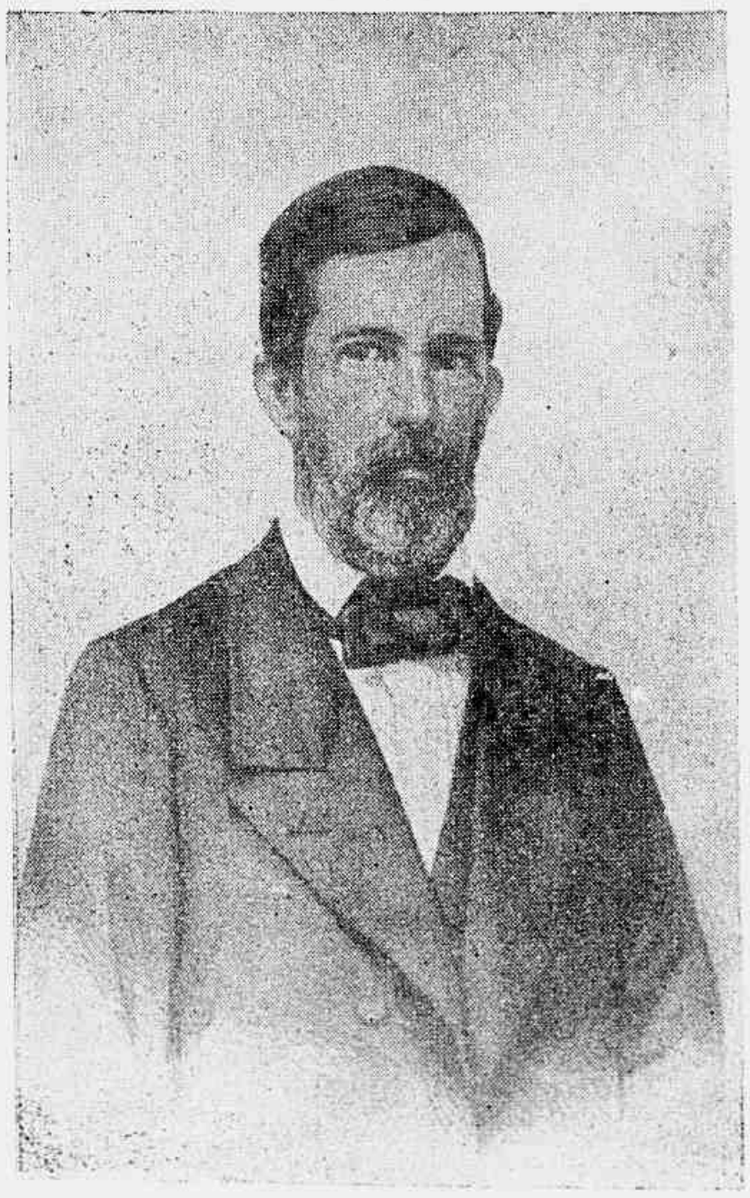
Em 1857 bi-deputára Sergipe o barão de Maroim, vitoriosamente votado em dous distritos da provincia.

A Minas, em 1869, coube sufragar o nome do Conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, eleito pelo 3.º e pelo 5.º distrito de Minas, provincia sempre de numerosa representação na Camara e no Senado.

Joaquim Delfino optou pelo 5.º distrito, deixando vaga no 3.º distrito para o Dr. Domiciano Monteiro de Castro.

TEOFILO BENEDITO OTTONI
1807—1869)

EM 1861 ELEITO DEPUTADO POR MINAS E PELO RIO DE JANEIRO.



Dez anos depois duas provincias, a Paraiba e Mato Grosso, elegeram bi-deputado alguem de toda notoriedade na vida nacional, Carlos de Laet. Achou-se sufragado em 1889, de modo especial, o professor do ainda *Imperial Colegio de Pedro Segundo*, nome historico substituido pelo inexpressivo de Instituto de Instrução Secundaria.

Na legislatura a iniciar-se em Novembro de 1889 figurava outro professor do *Pedro Segundo* e ornamento tambem de sua Congregação, Fausto Barreto, havia pouco presidente do Rio Grande do Norte, e logo depois eleito deputado pela provincia, dela mandatario na Camara para continuação de vida política recem-iniciada.

A legislatura na qual Laet e Fausto deviam ter exercicio foi dissolvida, em sessões preparatorias, pelo movimento armado de 1889.

Laet e Fausto voltaram a lecionar no *Pedro Segundo*, o primeiro em breve despejado de sua cátedra, por crime não previsto por codigo penal, o de propôr a conservação do nome de *Colegio de Pedro Segundo*.

A Republica teria caso unico de bi-deputação, o de Irineu Machado, eleito por Minas e pelo Distrito Federal, nome este sobreposto ao do antigo municipio Neutro ou da Côrte.

Na reduzida classe dos bi-deputados, Costa Carvalho foi deles o mais graduado pela sua posição de regente do Imperio, em seguida ministro, presidente do conselho, senador.

Senadores morreram os bi-deputados padre Alencar, Paraná, Herculano Penna, Teófilo Ottoni, Chichorro, este no ano da Republica.

Dos bi-deputados dois seriam, além de ministros, conselheiros de Estado, Paraná em 1842, Joaquim Delfino em 1889.

Dois antigos bi-deputados eram senadores ao ser proclamada a Republica.

Tais o Barão de Maroim, com vinte e oito anos de Senado, e Joaquim Delfino, decano da bancada senatorial mineira, com dezenove anos de Senado.

Joaquim Delfino Ribeiro da Luz sobreviveu assaz à morte do Imperio, falecido a 3 de Junho de 1903.

Sobreviveu assim à perda do seu cargo vitalicio. Aos que veem ao mundo temporarios, recomendava Horacio o aproveitar do dia, ele que perdia noites nos festins de Roma.

Para compensar a não eleição de bi-deputados por parte da sete provincias do Imperio, Minas bastante conferio duplos diplomas a um só candidato.

Desde seu alvorecer, a Republica elegeria deputados com trienio de mandato em cada legislatura. Aplicaria ao Senado a renovação pelo terço, havendo assim senadores por nove, seis e tres anos, reelegiveis os senadores participantes de quaisquer dessas classes.

A unica provincia nossa por algum tempo sem ensejo de reeleger e ainda menos de bi-deputadar ninguem foi a Provincia Cisplatina, à qual cabia mandar á Assembléia Geral do Brasil um senador e dois deputados.

Pois se "En la Muy Fiel, Reconquistada y Benemerida de la Patria Ciudad de San Felipe y Santiago de Montevideo Capital del Estado Cisplatino", a 7 de Novembro de 1825, fôra solenemente jurada a Constituição Brasileira de 1824, no Rio de Janeiro jurada a 25 de Março do mesmo ano.

D. Pedro I para senador cisplatino escolheu D. Damaso Antonio Larranaga, cura paroco de Montevideo e vigario geral da provincia. Nunca apareceu no Senado, alegando desfalecer de *"fuerzas fisicas y morales"*.

Falta agora apontar, o que se não vê muito apontado, os eleitos pela Cisplatina para seus representantes em nossa Camara dos Deputados: D. Lucas José Obes, ministro da Fazenda, e D. Nicláo Herrera, ouvidor do Tribunal de Justiça.

Circumstancias registradas na Historia, em 1828 a Provincia Cisplatina Republica do Uruguai, impediram a vinda de dois deputados orientais ao Rio de Janeiro.

O Senado e a Camara do Imperio do Brasil, viram-se privados da audição de discursos em espanhol

NOS BASTIDORES FEMININOS

NÃO faça de sua cozinha uma dependência secundária de sua casa. Não cometa êsse êrro. Lembre-se de que a maioria dos homens se prende pelo estômago. O homem é uma eterna criança. E as crianças adoram as guloseimas. O mau humor de seu marido pode atenuar-se diante de um prato apetitoso oferecido à sua fome de homem que trabalhou o dia todo, e por isso mesmo precisa e deve alimentar-se. Quando seu marido chegar à casa monossilábico, de testa franzida e com os gestos bruscos de quem está irritado, não o atormente com perguntas nem o aborreça com mimos inoportunos. Corra antes à sua cozinha e atire-se à confecção do prato que êle mais aprecia. Você verá como êsse gesto será eficiente. Compreenda, pois, que a sua cozinha não é uma coisa sem importância. Muito ao contrário: ela vale tanto quanto a sua alcova. Em ambas você deve esmerar-se para a conquista de seu espôso. Procure, pois, tornar a sua cozinha uma das dependências mais cuidadas de sua casa. Enfeite-a com objetos alegres, potezinhos coloridos, pequenas prateleiras decorativas onde você descansará pequeninos potes de barro. Arranje um relógio apropriado para colocar à parede. Há uns relógios bem interessantes para cozinha. Certa vez eu vi um em casa de uma amiga que não podia ser mais original. Imagine que o relógio era uma frigideira pendurada à paredel Arranje, pois, a sua cozinha para que você, dentro dêsse ambiente risonho, metida num aventalzinho "catita", possa ser vista pelo maridinho sem que o seu encanto diminua. Ao contrário: vendo-a, tão graciosa, a movimentar-se como uma boneca de carne e osso no meio de tanta coisa bonita, êle irá achar outro sabor no osso e na carne que você lhe servir.

Jesy Barbosa

(Foto Paramount)

A FANTÁSTICA HISTÓRIA DO MAJOR MULLER

Conto de
PAUL VERLAINE

Ilustração de
ARMANDO MOURA

— Ah! êste Hans com suas teorias!...

Esta exclamação, como um côro desafinado, rompeu de dez ou quinze bocas de estudantes que, com o cachimbo de louça entre os dentes, tinham, em frente dêles, sôbre a mesa de carvalho da taberna, imensos cangirões cheios de cerveja.

O estudante assim interpelado era um rapaz alto, muito barbado e muito cabeludo, sob a invariável casquete de veludo. Trajava sobrecasaca, culote de couro e botas a Souvarow. Sua face pálida e sua fisionomia, mais finas que as de tôda aquela assembléia de futuros médicos de inteligência um pouco espêssa, denotavam um espírito e uma alma superiores.

— Não riam, senhores — disse êle — e em apoio à minha tese, da afinidade existente, mesmo após uma separação violenta, entre os membros de um corpo e êsse corpo, vou contar-lhes uma história.

— Nós te escutamos e procura ser interessante! — gritaram os incrédulos camaradas.

Com uma voz pausada, Hans começou:

"Eu era muito amigo do major Muller, que foi, em su[illegible]po, vocês sabem, o mais belo jogador de nossas estações balnea[illegible]. Conhecia-o desde minha infância. Era um antigo amigo de m[illegible]. Colia e cada vez que vinha à minha casa não deixava de le[illegible] um monte de guloseimas. Quando tornei-me rapaz, foram lir[illegible] palmente romances, obras sôbre arte militar que êle me dei[illegible]. "Seja que sejas marechal", dizia-me muitas vêzes, torcendo-me[illegible]. Depois, na minha adolescência, fazia-me presente de arm[illegible].

Sentia eu por êle um respeito afetuoso, que me pers[illegible] que deixei de ser um fedelho, entrar em sua amável infi[illegible]. Além disso, muito estroina, [illegible] foi um homem encantador. Além disso, muito estroina, [illegible] mulheres, a bebida e o jôgo, mas o jôgo e a bebida ainda [illegible] as mulheres.

— Não sem razão, talvez! — observou o gordo Fritz.

Hans tornou:

— Foi precisamente a propósito de uma briga de jôgo [illegible] uma dama, como afirmaram alguns sem autoridade, que [illegible] sido insultado, êle se bateu, à espada, num duelo famoso, [illegible] o adversário. Recebera porém, êle também, um tão infeliz [illegible] no pulso que tiveram, apesar dos sintomas não serem a[illegible], de lhe cortar a mão direita. Por um estranho capricho o m[illegible] quis se separar dêsse órgão que êle tinha muito belo, de um[illegible] viril. Para conseguir isso, mandou, preciosamente, saturá-[illegible] mas, injetar bálsamos muito poderosos e conservou-o sob [illegible] de cirstal, em seu quarto de dormir...

— Ah! Ah! que boa farça...

— Fritz, calas-te ou não?

— Eu a vejo ainda, essa mão sêca e cabeluda de vel[illegible], vejo aquêles dedos que pareciam crispados, febrís em sua im[illegible] terrível de desenfreados jogadores, repousando sôbre o t[illegible] melho e verde de uma almofadinha com borlas de ouro. A[illegible] aquilo, se aquêle objeto cruelmente, quase fantasticamente [illegible] podia se chamar carne, a carne que se diria de gêlo sob o p[illegible] moreno que fôra a pele, não tinha naturalmente nenhum [illegible] mento, mas causava um arrepio ao contemplá-la. No [illegible] enorme anel engastando um pesado rubi, que o sol ou a l[illegible] a reverberação das flamas resinosas da grande chaminé [illegible] estranhamente. As unhas, cortadas curtas, à maneira d[illegible] haviam imperceptivelmente crescido após a fatal amputação [illegible] espêssa, nervosa apesar de tudo, e de maneira feroz, a mão [illegible] havia anos, sob selvagens troféus, entre maciças joias: [illegible] arção embutido de ouro, adagas com bainhas de prata e [illegible] velhos sinetes com bizarras divisas, sôbre uma tábua de [illegible].

Ela dormia, a mão, havia anos, quando o major caiu d[illegible] limiar da moléstia que o devia levar, como dizem nossos [illegible] ilustres professores, que foram, quase todos, vocês não ig[illegible] sultados naquela ocasião. Mas eis a verdade...

Pronunciando estas últimas palavras a voz de Hans [illegible] grave e lenta.

E foi, de resto, nesse tom que êle prosseguiu sua narr[illegible]

— Fui chamado à casa de Muller, primeiro na qualidade [illegible] amigo do major e a pedido dêste, e também como aluno do dr. Schnerb, que presidiu, vocês se lembram, às inumeráveis conferências mantidas em tôrno daquela memorável cabeceira. Porém, a primeira circunstância fez com que o doente me preferisse para o velar tôdas as suas noites. O caso exigia numerosas fricções para as quais os revulsivos mais violentos eram indispensáveis, e a mesa de cabeceira, assim como as outras mesas, se achavam atravancadas tanto de loções, como de drogas, numa grande desordem.

Negligência fatal, ou talvez não, porque provo que se tudo estivesse arranjado de outra maneira o resultado seria o mesmo...

— Ao resultado, então, sem mais rodeios!

— Senhor Fritz, pela última vez está convidado a calar-se.

Estas palavras, em côro, traduziam agora um interêsse impaciente. Hans continuou:

— Eu passo sôbre os penúltimos dias do major, que foram de uma imensa agonia. A fôrça extraordinária do moribundo fê-lo passar por todos os horrores possíveis: febre, calafrios, caimbras, delírio, sobretudo delírio. Ah, camaradas, que delírio! Ora eram gritos de comando, de entusiasmo militar, tais como os cantos fogosos de fúria guerreira, de másculo furor bem germânico; ora eram os sorrisos e os gestos inequívocos de um perseguidor de mulheres habituado a tratá-las sem cerimônia, porém não sem paixão. Depois apregoando cartas, lançamentos de dados e de fichas em tôdas as roletas dêste mundo. Enfim, uma mania louca de auto-biografia falada. Êsses sintomas altamente alarmantes cessaram bruscamente e pensamos que o enfêrmo entrasse na fase comatosa, porém nos enganámos. Uma reação das mais rápidas operou-se, uma melhora admirável seguiu-se e quase acreditámos num princípio de convalescença.

Ora, uma tarde em que eu velava, Muller caiu numa grande sonolência e acabou por dormir um calmo e profundo sono.

Eu lia, sentado numa poltrona.

O quarto que, para poupar os olhos do enfêrmo, havia sido escurecido com grandes cortinas verde escuro, era alto, ornado com tapeçarias representando Festas Galantes e Cenários de Pastores. Aqui e ali miniaturas de mulheres, retratos de oficiais superiores. Esta decoração estranha, essa mescla de guerra e de volúpia impressionava, sobretudo nesse falso dia sombrio.

Recordo-me bem que eu lia Jomini, com um resto de sabor que o excelente major me havia comunicado outrora pelas coisas militares: uma leitura tão pouco sugestiva para o fantástico como é possível ser. Pouco a pouco, entretanto, eu me sentia levado pela sonolência e decidi abandonar-me a esta por algum tempo, pois que o doente, naquele momento, não necessitava de nada. Mesmo assim fui olhá-lo de perto e constatei que a respiração estava calma e o sono tranquilo como o de uma criança. Retornei ao meu lugar com os olhos, por acaso, voltados para o canto, onde estava a mesa sôbre a qual repousava a mão. O quarto estava iluminado somente por uma lamparina suspensa. Pareceu-me ver a mão se agitar: "Interessante o efeito do sono", pensei, e aproximei-me, sorrindo.

— E a mão movia-se mesmo? — cantarolou, curiosamente, Fritz.

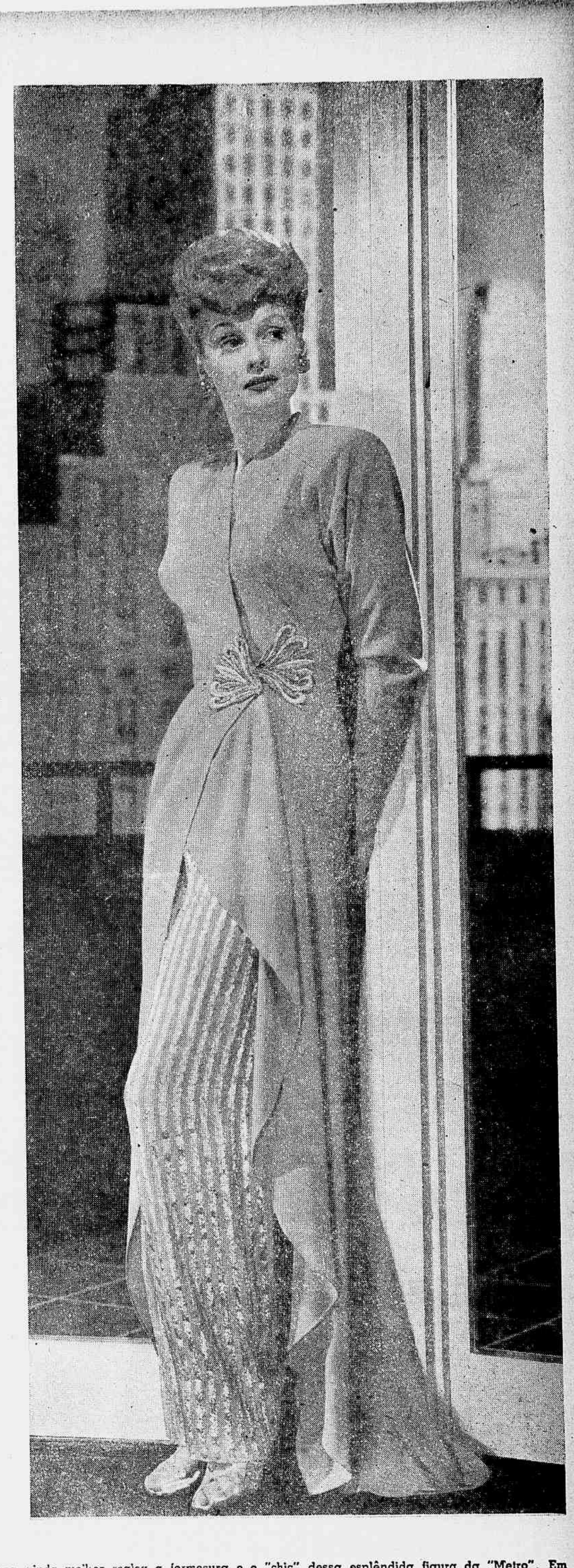
Desta vez ninguém notou a interrupção, e Hans, após sorver ligeiramente um pouco de cerveja de seu copo com tampa de estanho, continuou:

— Sim, senhores, a mão movia-se sempre, ou pelo menos pareceu-me mover-se, assim como os dedos, que se erguiam e se abaixavam, um por um ou todos juntos, num sentido diferente e inteligente. Espreguiçava-se numa palavra, como desperta de um longo letargo.

Surpreso, fiquei, por assim dizer, pregado no tapete, não querendo crêr em semelhante aberração. A mão continuava, eu só posso dizer continuava, e verão que tenho de me exprimir assim, continuava a mover-se mais e mais como a retomar fôrça e direção. Não me contendo mais e querendo ter certeza do que via, ergui o globo de cristal que cobria a estranha relíquia e pus assim esta última em plena liberdade. Subitamente a mão virou-se sôbre o côto do pulso coberto por um amplo punho de rendas! E os outros dedos, menos o polegar, se fecharam, ordenando-me com o índice que eu retornasse ao meu lugar.

(CONTINUA NA PAGINA 42)

FIM DE
ESTAÇÃO



À ESQUERDA:

Lucille Ball apresenta-nos um traje elegantíssimo, cuja originalidade sóbria e harmoniosa ainda melhor realça a formosura e o "chic" dessa esplêndida figura da "Metro". Em veludo negro a calça e o bolero, cuja blusa em crepe azul está esplendidamente recamada com lantejoulas em ouro e azul, formam um lindo conjunto para as reuniões em sua casa.

À DIREITA:

Pijama em estilo oriental cuja túnica se prolonga num movimento graciosíssimo formando "godet". As calças, longas e largas, são confeccionadas em crepe cinza com listras prateadas. Na cintura um "cabouchon" em galão prateado. Sapatos prateados em estilo sandália. Lindíssimo êste conjunto para a intimidade de uma reunião.

NA PÁGINA AO LADO:

Aqui temos Lucille Ball, sempre elegante e encantadora, num traje sóbrio para as manhãs chuvosas, confeccionado em tecido de algodão azul marinho e branco. Chapéu em palha branco, enfeitado com um finíssimo véu azul marinho. Blusa branca, um colar de contas brancas; luvas brancas; bolsa e sapatos em azul marinho.

ANTES MAL ACOMPANHADA...

Conto de B. SIMMONDS

Marcia era uma menina extranha. Vivia só, não tinha amigas... Até que um dia...

ERA incrível, positivamente increditável. Por outro lado, era a pura verdade. Alice sentou-se, mal refeita do choque, e pôs-se a refletir. Dentro de alguns minutos verificou que era impossível refletir serenamente sôbre uma pessoa como Jasmim. No entanto era preciso tomar uma decisão, assumir uma atitude. Deixar que as coisas seguissem seu curso, dado o rumo que tinham tomado, era mais que covardia, era um crime, uma monstruosidade. Marcia, jovem e inexperiente, não saberia livrar-se daquela moça. Era preciso que ela, Alice, tomasse a iniciativa. Tom saberia ampará-la. Sim, era preciso conversar com Tom, pedir um conselho a êle, achar um meio de fazer ver a Jasmim, muito delicadamente, está claro, que era indesejável. Tom saberia lidar com aquela mulher. Afinal de contas era homem, era marido de Alice e — mais importante — era pai de Marcia. Para defendê-la não hesitaria em escorraçar aquela criatura.

Os pensamentos dela tornaram-se veementes. Era sempre assim, não conseguira nunca exprimí-los. Era preciso que Tom a ajudasse, adivinhasse o que ela queria dizer.

— Tom, preciso falar com você.

O marido levantou os olhos do trabalho e pensou: "Como sempre, quem vai falar sou eu... Ela nunca pode dizer o que quer de uma maneira clara e precisa".

— E' a respeito de Marcia — disse Alice, e fez uma pausa.

"Eis minha deixa", pensou o marido e, já habituado com a mulher, adivinhou imediatamente.

— A respeito de Jasmim, não é?

— Sim.

— Você acha que ela é uma má companhia para Marcia, acredita que Marcia poderá ser influenciada por ela e...

— Tom... ela é... é...

Sentia uma verdadeira agonia quando não encontrava as palavras. Tom compreendia o que ela queria dizer. Procurou um têrmo que exprimisse os seus sentimentos violentos.

— Ela é ordinária!

Tom sorriu. O marido sempre sorria quando ela deixava entrever tôda a turbulência que se escondia sob a sua aparência de placidez. Êle adivinhava tudo... Mas ria sempre. Alice, às vêzes, desejava que êle não risse, que não se mostrasse tão evidentemente superior a ela. Ela sabia que não conseguia exprimir-se. Quanto mais profunda era a sua convicção, mais incapaz ela se tornava para traduzí-la com palavras. Quando, por outro lado, um sentimento violento de antipatia a agitava ela não dizia uma só palavra; caprichava na sua placidez, tornava-se mais calma; à medida que a tempestade ia se adensando dentro dela, batia-lhe o coração depressa, latejavam as têmporas, de raiva, e ela nada dizia. Quando não conseguia mais conter-se dizia numa só palavra tudo aquilo que ia dentro dela:

— Jasmim é uma... uma ordinária.

Era um exemplo. Não sabia argumentar. Os argumentos existiam, eram satisfatórios; mas exteriorizá-los era mais do que difícil: era impossível.

Por isso quando o marido não concordou ela não pôde replicar. Entretanto aquêle desacôrdo aprofundou mais a sua convicção. A moça, fulgurantemente bela, com os olhos brilhantes, os cabelos negros e boca muito pintada inspirava-lhe uma aversão tão grande que ela estremecia tôda ao pensar nela.

Desde o dia em que viera jantar pela primeira vez.

E depois a vira nos braços daqueles rapazes: não de um, de muitos...

— Uma colega minha, mamãe.

Marcia apresentara a amiga esperando a aprovação dos pais. Uma menina estranha, retraída, era a primeira vez que ela fazia amizade com uma menina de seu colégio, que chegava a trazê-la para casa.

— Você mora perto, meu bem? — perguntara Alice.

— Moro num apartamento com mamãe.

— Ah...

— Mamãe é divorciada. Papai era um sem-vergonha.

Alice escondeu a desaprovação.

— Uma pena.

— São coisas da vida.

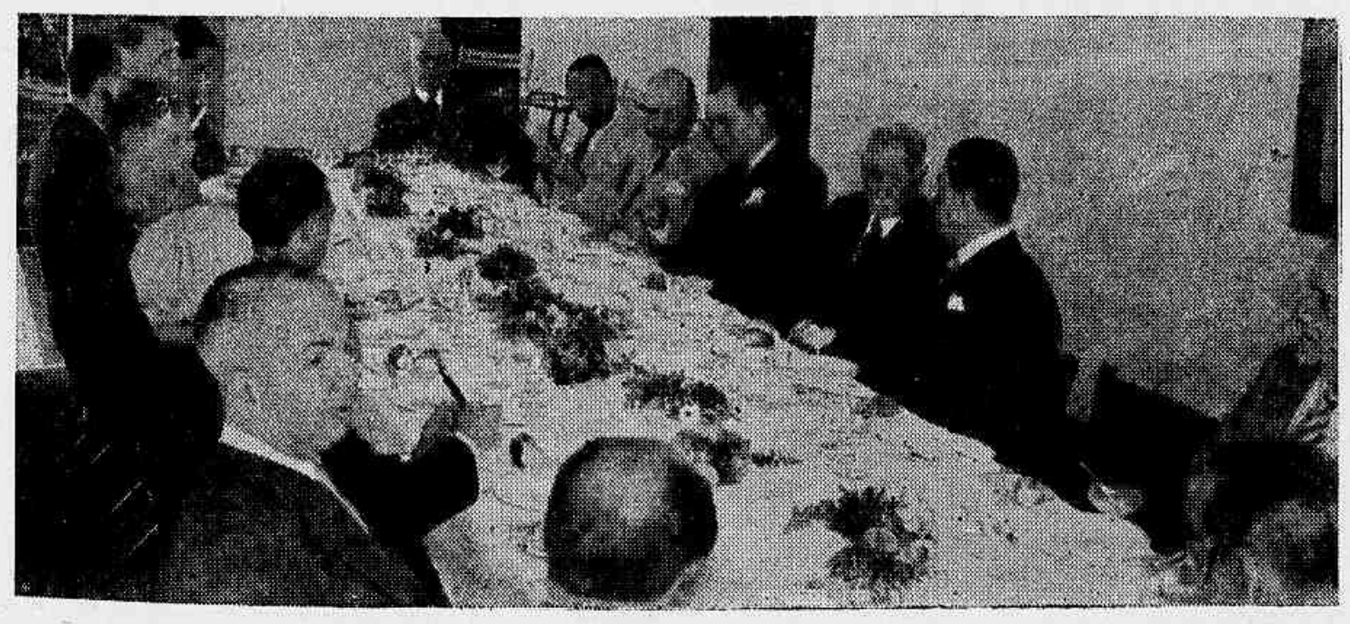
Depois do jantar ela ficou de pé no meio da sala, marcando o compasso da música do rádio com o pé. Depois chegou para Tom e disse:

— Você é o único homem aqui. Venha dançar.

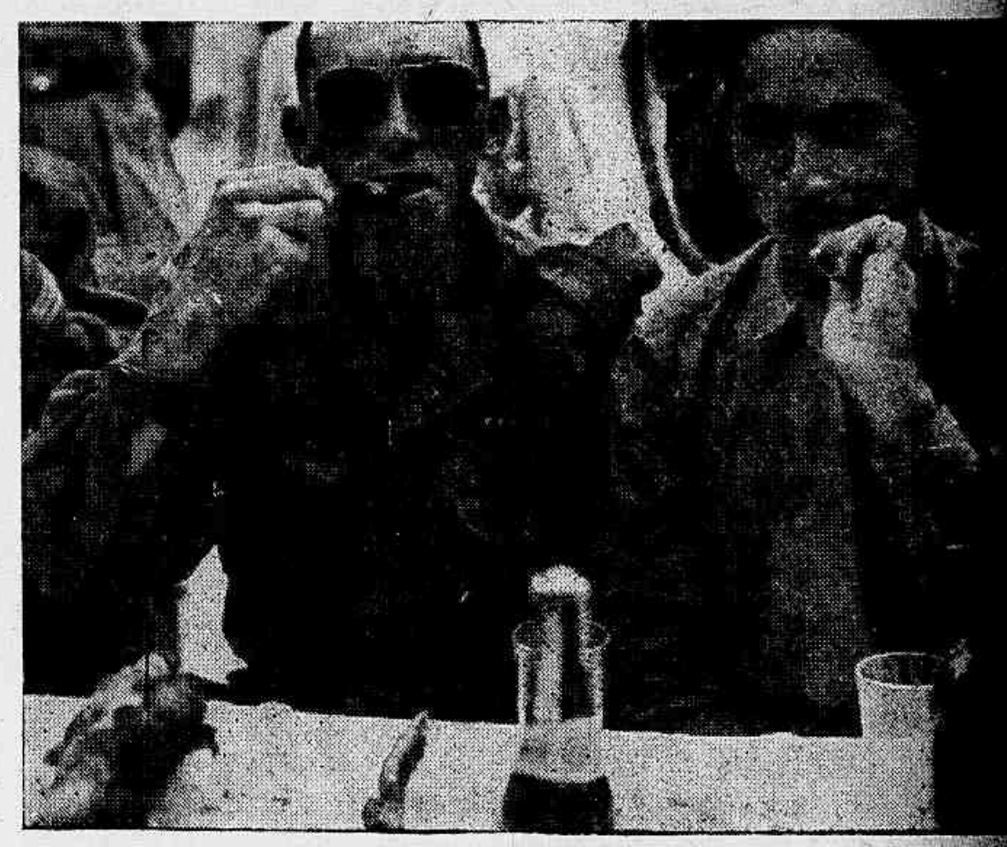
Mostrou a êle como deveria fazer.

Continua na pág. 45.

Na matriz de Nossa Senhora da Glória realizou-se, no dia 7 de julho último, o enlace da sta. Heleny Caldas Moreira com o sr. Arnaud Moreira Oliveira. Na gravura, um flagrante dos noivos após o ato nupcial, vendo-se também a menina Helecy, irmã da noiva.



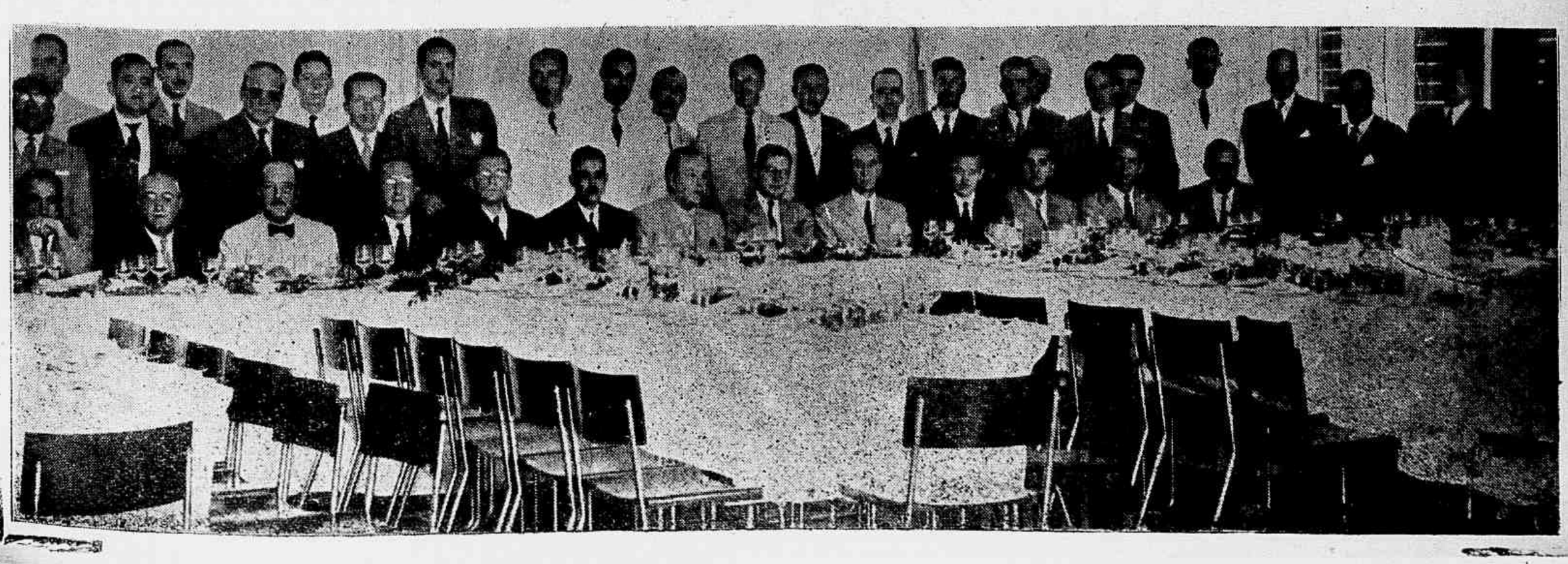
Almôço oferecido pela diretoria da Associação Brasileira de Imprensa ao sr. Albino de Souza Cruz, grande benemérito da Casa dos Jornalistas, pelas reiteradas provas de amizade e apoio para com a A. B. I.



De regresso ao seu torrão natal, os pracinhas goianos foram alvo de muitas homenagens. Em cima, o interventor Pedro Ludovico assiste ao desfile. No centro, os garbosos rapazes da FEB recebem na praça Cívica, calorosas palmas do povo. Em baixo, flagrante do churrasco oferecido aos 16 pracinhas de Goiaz, pelo Govêrno, no Jockey Clube de Goiânia.

FIGURAS E FATOS

Em regosijo pelo transcurso de mais um aniversário da revista mineira "Alterosa", os amigos e admiradores do jornalista Miranda e Castro ofereceram-lhe, no restaurante da Feira de Amostras, em Belo Horizonte, um banquete, com a presença de figuras representativas da intelectualidade local. O festejado poeta Djalma Andrade usou da palavra para ressaltar o trabalho da revista e de seu diretor.



PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Petrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

Livros

AFRICA DO NORTE, impressões de viagem de Pedro da Costa Leite — *Rio de Janeiro, 1944*

Formam este volume as noções informativas colhidas e as impressões pessoais registadas pelo tenente coronel Pedro da Costa Leite no correr da campanha da Tunísia. Não foi nêle visada a alta literatura; nem houve a pretenção de se oferecerem às universidades, às associações científicas verdades históricas ou quaesquer outras por elas até agora ignoradas.

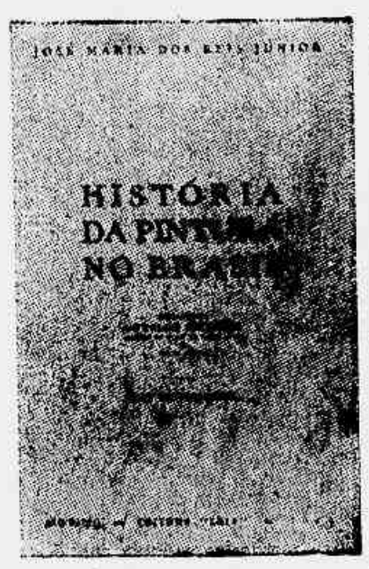
O autor pensou sobretudo em prestar serviço aos Expedicionários Brasileiros. E' a êles que se dirige, em linguagem simples e em tom familiar. Enquanto escrevia estes capítulos teria o Sr. Costa Leite a ditosa impressão de se comunicar de perto, diretamente, com os seus inferiores e comandados. Era como se os sentisse à sua volta, não a ler o que a mão ia traçando mas a ouvir aquelas mesmas palavras proferidas numa aula onde todos coubessem sem prejuízo da necessária intimidade. As lições são breves mas contem as coisas essenciais que os discípulos devem aprender e meditar. Sempre sucinto e claro, o mestre lhes fala daquelas paragens cheias de sol e semeadas de heroismos; das estações climatéricas, das riquezas que a terra oferece e das vidas que a povoam; da ardência que diriamos sempre a mesma e das areias que se afiguram sem fim, sob uma eterna maldição. Vem depois, divididas as épocas e os assuntos em exposições igualmente precisas, a parte histórica, desde os primeiros habitantes e Cartago até ao domínio francês e a esta guerra em que as armas aliadas cobriram de novo sangue e novas glórias o solo disputado palmo a palmo.

Apresentando agora, organizados em livro, os seus apontamentos e comentários como observador militar e observador por conta própria, o Sr. Costa Leite os precede duma nota em que explica os motivos e a involuntária demora da sua publicação. E um dos parágrafos se reveste de simpático bom humor:

"Houve quem dissesse que os homens falam de pijama e escrevem de casaca. Dado o meu temperamento, preferia dizer a escrever o que li e ouvi durante os três meses passados no norte africano, que mais pareceram três anos em virtude da multiplicidade de emoções que a guerra moderna desperta. Como, porém, não me fosse possível falar a todos os camaradas que servem nas guarnições militares do nosso vasto e dadivoso país, não encontrei outro meio senão o de reunir neste livro as minhas observações e algumas compilações, colocando-me com isso nos moldes de conhecido provérbio árabe, visto que já tinha merecido a graça de ver o meu lar povoado de filhos e plantado muitas árvores".

❁ ❁ ❁

HISTÓRIA DA PINTURA NO BRASIL, por José Maria dos Reis Junior — Editora "Leia" — *São Paulo, 1945*.



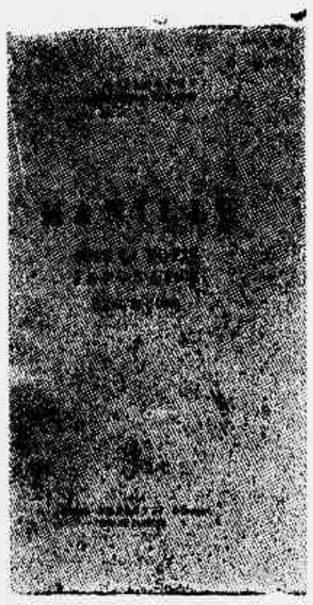
De vasto formato, com mais de quatrocentas páginas e mais de trezentas ilustrações, tudo em rico papel *couché* e de aprimorada execução gráfica, este volume vem inesperadamente enriquecer a nossa literatura sobre Belas Artes. Inesperadamente, dizemos, porque se não poderia imaginar, em época de tais aperturas e tais lamentações em tudo o que diz respeito a material de imprensa, empreendimento de tal vulto e tal esmero. A sua confecção constitue uma espécie de heroismo. E sem dúvida do melhor: a temeridade de realizar um sonho, sem olhar ao esforço prático nem aos resultados materiais. Tão raramente estes casos se produzem, por entre as catadupas da fancaria editorial, que considerá-los é fazer os mais veementes votos pelo seu bom êxito. E, se êste não depende da nossa vontade, louvemo-os excepcionalmente — e assim cada um concorra, na medida das suas possibilidades, para o merecido triunfo.

Tinhamos, no gênero e de vulto, *Um século de pintura*, de Laudelino Freire. O Sr. Reis Junior cita mais de uma vez esse trabalho de grande valor. Mas, em verdade, o excede a certos respeitos, consideravelmente. O autor da presente *História da Pintura no Brasil* exerce amplamente e minuciosamente a tarefa do pesquisador. Vai aos museus, a outros edifícios públicos, a templos e instituições pias, a coleções particulares, a todos os lugares onde possa levar a sua ansiedade de verificar ou descobrir e se possa fazer acompanhar dum fotógrafo. Certamente o seu plano de documentação levou alguns anos a executar; depois vieram os cuidados e escrúpulos do artista; e finalmente, a função do crítico. O Sr. Reis Junior não se restringe a historiar o advento das Belas Artes ao Brasil e a sua evolução neste país. Estes capítulos não valem sómente pela fidelidade da narrativa e os dados que encerram. Sempre que as circunstâncias reclamam explicação ou comentário, o autor se vale do seu próprio critério e expende observações, reflexões, juizos bem seus. Por isso, o livro lhe saíu, além de largamente informativo, animado dum espírito de apreciação, do qual, uma vez ou outra, se poderá discordar, mas em cujas deduções e conclusões se deve sempre, e respeitosamente, reconhecer a inteligência e a sinceridade.

Divide-se o volume em nove partes: Panorama histórico, Período colonial, A missão francêsa, Os primeiros professores de pintura, Os discípulos de Debret, Outros pintores estrangeiros, Estágio preparatório, Apogeu, A República. O autor começa seguindo historiógrafos, sociólogos, mestres em estética, indagadores e reconstituidores, doutrinadores e artistas como Weingartner, Araujo Porto Alegre, Rocha Pombo, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Latino Coelho, Oliveira Lima, Gonzaga Duque, Afonso de E. Taunay, Morales de los Rios, pai e filho, Francisco Marques dos Santos, outras autoridades, outros guias ilustres. Mas o trabalho repetimos, apresenta, desde logo, saliente cunho pessoal. E este carater se vai acentuando, ao passo que os tempos decorrem e o assunto capital se aproxima dos nossos dias. O estudo sobre Visconti, por exemplo, se faz apreciar pela segurança, a clareza e uma independência que, está visto, não impede o Sr. Reis Júnior de prestar ao realizador das *Oréadas*, do retrato de Gonzaga Duque e doutras telas verdadeiramente superiores, a homenagem que nenhum homem culto e clarividente lhe poderá negar. Análogos preitos êle rende a Almeida Junior, Henrique Bernardelli, Amoedo, Parreiras, Batista da Costa, Belmiro, Castagneto e outros — depois, está visto, dos grandes do período a que chama "O apogeu": Pedro Américo e Victor Meirelles. Dos vivos, não fala no sentido crítico. Limita-se a reproduzir-lhes as criações principais e a dar-lhes os traços biográficos — não sem algumas lacunas e uma delas grave: nenhum quadro de Helios Seelinger figura em tão copiosa documentação fotográfica. Quanto à falta de opinião propriamente dita nesta última parte, andou o Sr. Reis Júnior com judiciosa prudência. Fez realmente bem em deixar para qualquer futuro organizador de obra semelhante a esta a missão de se manifestar quanto ao valor dos artistas que ora continuam a trabalhar e produzir, definindo-os e julgando-os depois de haverem dado tudo o que tinham a dar na vida inclusivamente.

Novos

MANILLE SOUS LA BOTTE JAPONAISE, impressões do consul geral de França G. Willoquet — Irmãos Pongetti, editores — *Rio de Janeiro, 1945.*



O Sr. G. Willoquet estava em Manila, no exercício das suas funções consulares, quando a capital filipina sofreu o ataque dos japoneses. Declarada cidade aberta, nem por isso os bombardeamentos nipônicos se lhe tornaram menos flageladores. Os chefes militares de Hirohito não acreditavam em bandeiras brancas, em qualquer compromisso ou afirmação do inimigo. Em tudo criam ou admitiam o propósito de traição. Bom julgador por si julga.

Depois da rendição de Manila, as forças do Micado continuaram a tratá-la como se, lá dentro, só houvesse homens armados e prontos para arremeter de surpreza. A invasão seguia-se toda sorte de violências e crueldades. Os habitantes menos capazes de reacção e até os que, cheios de pavor, só cuidavam de se esconder, fugir, salvar as mulheres e as crianças de possíveis perversidades, sofriam maus tratos só aplicáveis a grandes criminosos. Sob a acusação de entendimento com o inimigo, eram interrogados ao mesmo tempo insolente e capci samenre e, na maior parte dos casos, torturados. Ao menor pretexto se ordenavam fusilamentos; de repente, eram as ruas varridas a rajadas de metralhadora. E nenhuma condição do paciente: idade, categoria social, cultura, respeitabilidade notória, prevalecia contra aqueles métodos de guerra. Naturais do país ou estrangeiros passavam pelos mesmos vexames, sob as mesmas ameaças de suplício ou morte. E o autor do presente livro, apezar da consideração devida ao seu carater diplomático, ouviu, durante os interrogatórios, toda sorte de injúrias: "mentiroso, impostor, traidor", outros insultos piores.

Trata-se, portanto, em *Manille sous la botte japonaise*, dum depoimento não apenas exato, verídico, mas também profundamente sentido. Da realidade dos fatos, da usteza das narrativas, outros escritores, além dos correspondentes de imprensa, nos oferecem a plena confirmação. O que mais interessa e, realmente, mais se faz apreciar no trabalho do Sr. G. Willoquet é o comentário, a nota pessoal de quem não observou apenas mas esteve envolvido, padeceu a injustiça, o escárneo, a brutalidade e experimentou o pior dos martírios que é o da revolta impotente. Por esse carater dominante, que tem a servi-lo uma forma literária de exemplar clareza, este livro se apresenta como dos mais sinceros e impressionantes entre as obras inspiradas nas terríveis miserias da guerra.

❁ ❁ ❁

João, romance de Amadeu de Queiroz — Livraria do Globo, editora — *Porto Alegre 1945.*

Adverte uma nota da empreza editora que, neste romance, nada se passa de "anormal". Pouco importa. O interêsse das historias não consiste positivamente na natureza ou feição daquilo que nelas sucede, e sim na maneira como são contadas. Inúmeros indivíduos proclamam, com uma espécie de júbilo sobranceiro, que a sua vida daria um romance. Julgam êles que a imortalizam, "superiorizam". Mas na existência de qualquer herói e contém um romance até trezentas vêzes. A questão que em todos achamos que valha a pena escrevê-lo, e, ainda que achemos, resta a questão, justamente a capital: e os saberemos escrever. Assim cada um de nós consigo mesmo, as imagens romancista com os seus personagens. Não é a figura ou carater dêstes que o bom êxito depende e sim, e unicamente, do engenho daquêle.

Em verdade, no decorrer desta espécie de biografia caipira, nada se nos depara de excepcional como acontecimento ou como efeito impressionador. Completa ausência da nota, como hoje se diz, espectacular. Mas o autor de *João* levará consigo e cativará o espírito e o sentimento de quem lê. A sua exposição é sempre clara, ir e estilo a mesmo tempo a página e o comentário completa a expressão, o poder comunicativo da verdade. Desses dotes e recursos literários se compõe a singular maestria que estas páginas ostentam.

Não lhes faz a menor falta a originalidade pinturesca ou psicológica do heroe. O heróe prima, ao contrário, pela simplicidade. O nome mesmo, *tout court*, como batismo de protagonista, indica o indivíduo mais vulgar. E' um amanhador da terra que casou com Maria, filha mais velha do patrão. Não sabe ler nem dispõe de outras habilidades. Só as que aprende cavando o torrão, lidando com rezes, trocando algumas palavras, nunca muitas da sua parte, com outros homens da roça. Mas vive sem raleiras nem preocupações, quer dizer: vai vivendo. Ora, um dia, o sogro o suspeita de haver revelado a estranhos, por tara oculta, a desgraça doméstica, que ninguém de fóra devia conhecer: um dos filhos declaradamente leproso. Acusação sem fundamento: João era incapaz de semelhante coisa. Mas o sogro o julga sumária e inapelavelmente, expulsando-o de casa. João consegue emprego alhures, a esposa o acompanha, para não mais voltar. E o tom em que Maria se despede do pai: "sa bença", bem significa a resolução de o não tornar a procurar nem querer saber mais dêle.

Dentro da prudência e das reservas caipiras, o novo patrão de João tende para a generosidade. Resolve, até certo ponto, protegê-lo. Ajuda-o a economizar; guarda-lhe o dinheiro; encaminha-o, quando possivel, para a compra dum sitiozinho próximo. Assim João, contraindo uma dívida, com uma hipotéca às costas, se torna proprietário rural — assinando a escritura de cruz. O seu natural laborioso e poupado, a ajuda de Maria mourejando dentro e fóra do lar, vencem todos os compromissos, juros e capital. Mas pouco depois, Maria, esfalfada pelo trabalho, adoece para morrer. Não havendo filhos, é João obrigado a entregar ao sogro metade dos bens do casal. Para não dividir a sua terra, consegue um arranjo mediante o qual paga ao sogro em dinheiro — endividando-se outra vez. Mas a vida continua. Passados seis meses, um conhecido de João, meio jornaleiro, meio vagabundo, grande contador de fábulas oportunas — lhe inculca certa viuva, possuidora dalguns bens. Seguem-se as diligências de entendimento, as negociações. João casa com a viuva, paga o que deve, de novo se torna senhor da fazendola. E a vida continua...

Como se vê, nada acontece de extraordinário. Mas o Sr. Amadeu de Queiroz realmente nos sabe dar a imagem ou a sugestão de muita coisa.

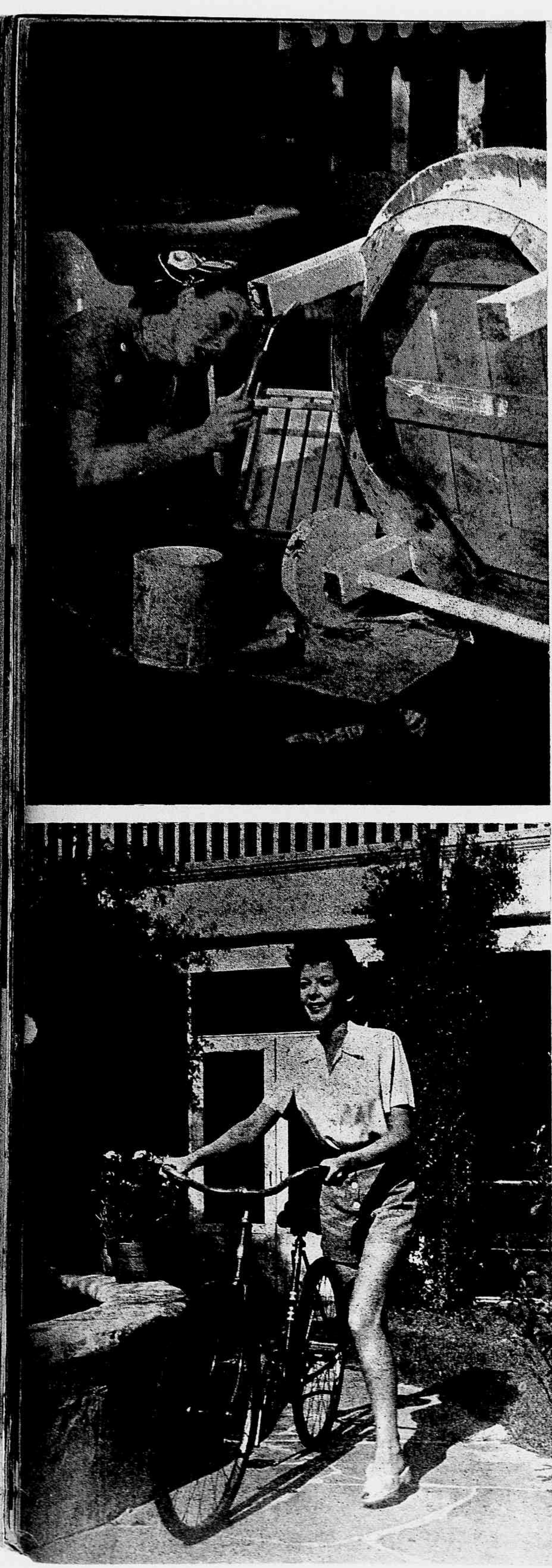
J. L.

Controle com a ponta do dedo... Abre-se a um toque, em qualquer letra, 1380 espaços para números de telefones, nomes, preços, tabelas, fórmulas, listas de fregueses e muitos outros usos, V S. poderá encontrá-los imediatamente. Ricamente acabado. Blocos facilmente trocáveis. Uma necessidade nos escritórios e nos lares. Um presente perfeito para cavalheiros e damas.

Corra o indicador para a letra desejada, aperte a mola e... pronto! V S. a tem.

Ideal para propaganda, com o nome de sua firma, produto ou marca, a preços especiais. Peça-nos informações, sem compromisso

THE BATES MFG. Co.,
NEW YORK, USA.
Rep.: Rogerio Guerra & Cia. Ltda.
Rua Teófilo Otoni, 64/66 — RIO



A REVISTA EM HOLLYWOOD

De Luiz Serrano (Correspondente da REVISTA DA SEMANA em Hollywood) — Longe dos estúdios da Warner, onde agora mesmo terminou a filmagem de "Pillow to post", Ida Lupino é muito diferente. Quando a visito em seu novo "home" de Beverly Hills, sou surpreendido com a aparição de um legítimo rapazola que, envergando um "macacão" simples e não muito limpo, trata da jardinagem. Ela é quem se incumbe de pintar a grade e os móveis de madeira do jardim. Ela trata de pendurar os quadros com simetria, e fala-me com entusiasmo daquela bonita gravura que reproduz uma caçada à raposa. Mas Ida Lupino é das que acreditam na ginástica e no exercício. Aí no Rio seria fã do professor Oswaldo Diniz Magalhães. Aqui em Hollywood faz o seu giro habitual de bicicleta, por espaço de uma hora, nas imediações de sua casa, e, findo o exercício, refestela-se num divã para "dar descanso aos ossos" e ler mais um capítulo do romance que um fã de Chicago lhe ofertou. E' assim Ida Lupino longe dos compromissos de estúdio, das filmagens obrigatórias e das atenções dispensadas aos visitantes do "set". Ela mesma, ao natural, sem máscara de "estrêla" ...

Depois de sua brilhante encarnação de um sacerdote em "O Bom Pastor", parece que Bing Crosby está destinado a repetir o papel. Agora mesmo a RKO-Radio, mediante prévio ajuste, conseguiu da Paramount êsse ator para viver o protagonista de "The Bells of St. Mary's", também uma história sadia, não propriamente religiosa mas onde um padre protestante vai ser interpretado pelo cantor que se fez agora também um apreciado comediante. Aqui o vemos, na gravura acima, recebendo instruções do diretor Leo Mc Carey que se vê à esquerda. — Em baixo, Jean Pierre Aumont, nos estúdios da Metro, prepara-se para fazer sua "reentrée" de volta do exército onde serviu à França de De Gaulle. O marido de Maria Montez palestra com Sam Wood, diretor de "Hearthead", e vai fazer, na tela, um papel de participante dos exércitos subterrâneos que tão prestimosos serviços desempenharam na reconquista da França. E assim, aos poucos, os "astros" de Hollywood, daqui desligados pelas obrigações patrióticas, voltam à ativa.

INVENCIONICE...

Como conservar a
DENTADURA POSTIÇA
com firmeza na bôca

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sôbre ela uma camada de FIXODENT. Este pó *alcalino* (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na bôca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a bôca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.o andar
Rio de Janeiro

80-B

Desperte a Bilis do seu Figado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martirio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Figado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr êsse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o figado. Não aceite outro produto. Preço Cr$ 5,00

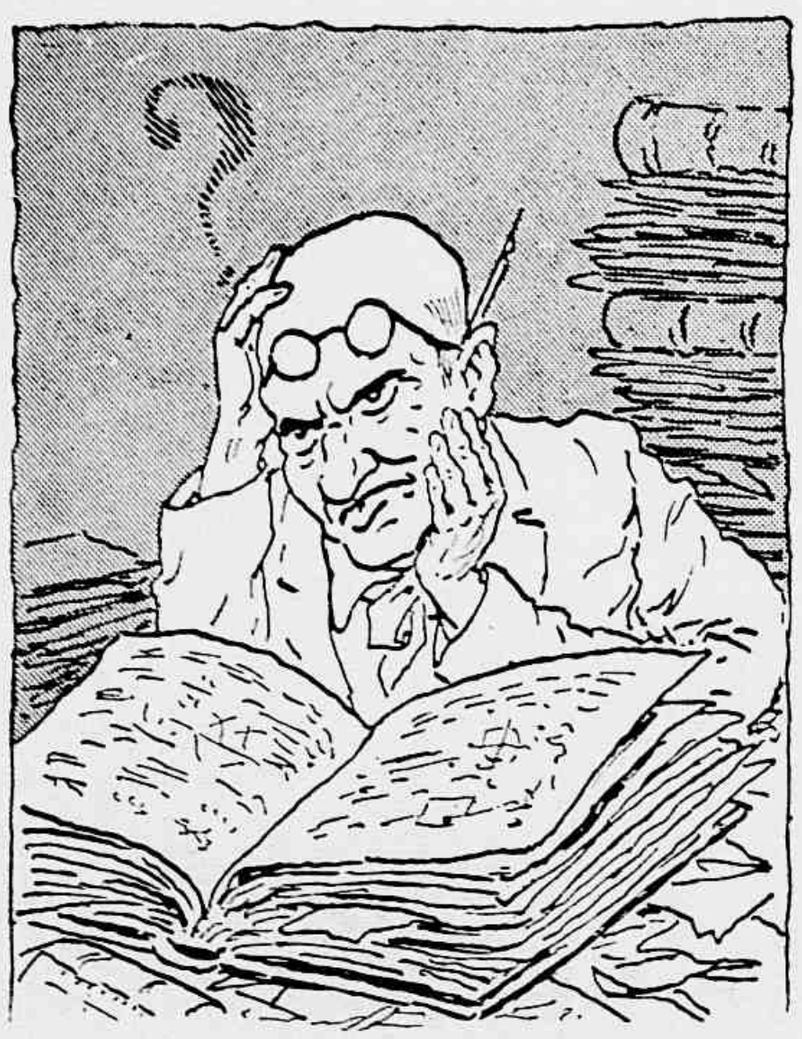
Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1935 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais régem a vida sexual da mulher.

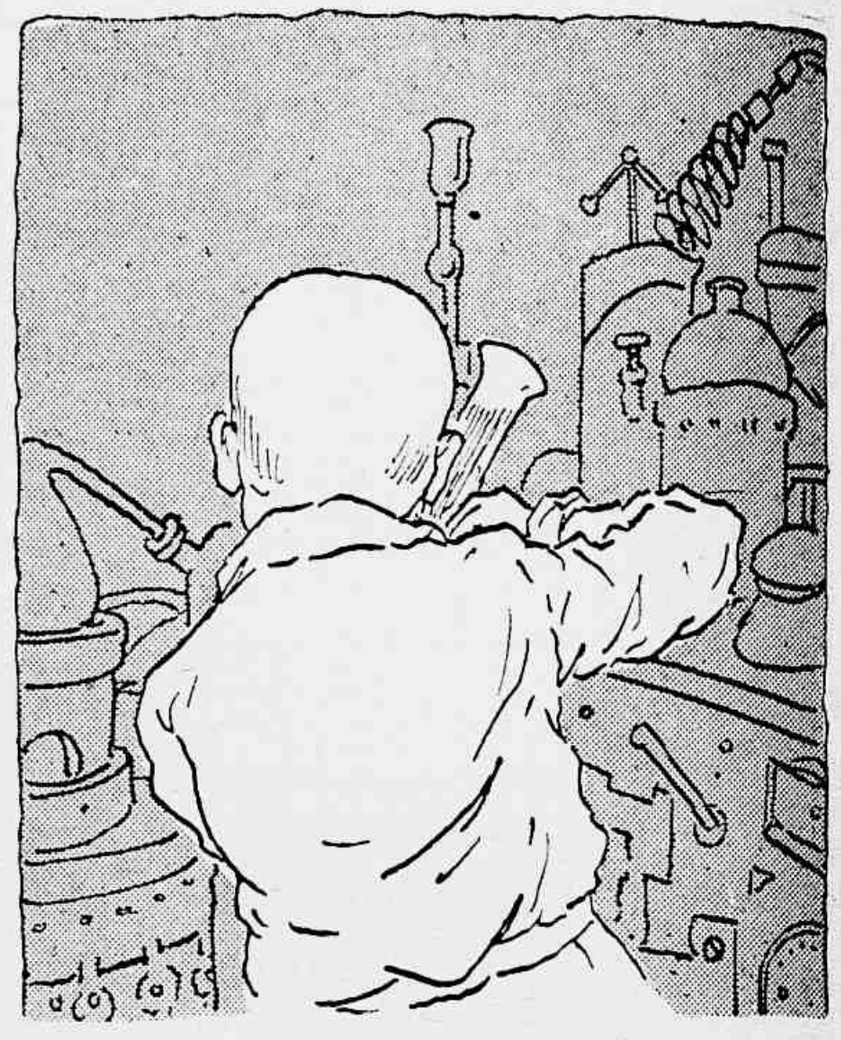
Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e tôdas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drágeas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" Feminin encontra-se à venda em tôdas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo reembolso Postal
Cr$ 35,00 o vidro

Produtos PANVITAL - Rua da Estrela, 1
RIO DE JANEIRO

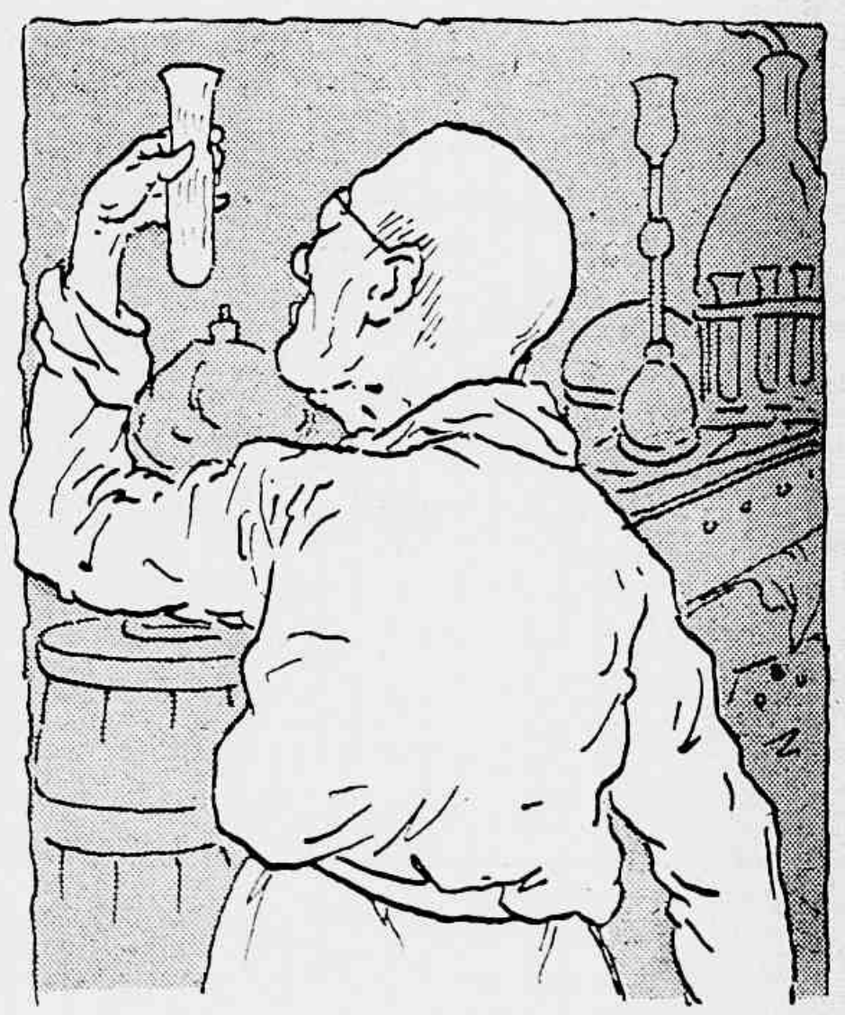


— Vou cavar um meio de dar fim à função desastrosa da bomba atômica.

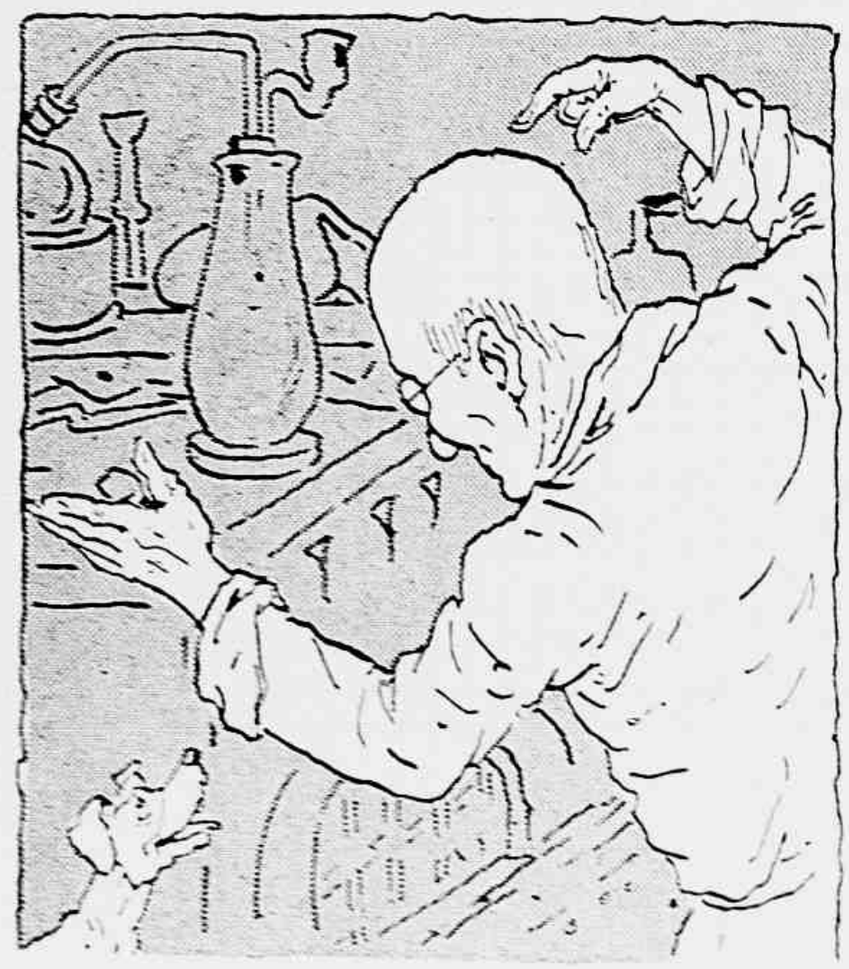


— A química marcha de modo precipitado.

— Mãos à obra! Hei de achar o "contra", a favor da humanidade.



— Parece que dá certo e o estrago tem consêrto.



— Eureka! Achei o contra-veneno! Um viro lento e antagonista

Aqui está a tônica bomba ana-atômica...

ESPORTES

FILOSOFANDO COM OS INDIFERENTES

Estamos vivendo a trepidante era atômica. A velocidade tornou-se um fator preponderante no progresso. Tudo é movimento e vibração. Precisamos acompanhar em cadência cronometrada o ritmo da vida moderna. Mas para acertar o compasso é preciso antes de mais nada uma organização planejada. Nenhum mínimo detalhe pode ser esquecido. Porém eu quase ia me esquecendo do objetivo: "Ritmos do Esporte".

O esporte hoje em dia, apesar da oposição dos que ainda não compreenderam ou fingem ignorar a sua ação direta na educação e saúde dos povos, caminha passo a passo com o desenvolvimento maravilhoso da ciência.

A grande arquibancada do éter, que é composta pelos rádio-ouvintes, tem a possibilidade de assistir pelo sentido da audição ao movimento esportivo mundial graças aos batalhadores da transmissão de sons sem fio. No confôrto do seu lar, enquanto almoça, desfila perante o ouvinte grande contingente de atletas através as suas lutas apresentadas em notícias, crônicas, rádio-teatros, pela combinação de esporte e rádio.

Nos Estados Unidos, aonde o dinamismo aliado à organização resulta numa fôrça de constante renovação, o esporte emparelhou com o progresso. O têrmo turfístico "emparelhou" reforça a afirmativa dos imperativos da vida moderna, porque a inércia é fatal. No campeonato internacional de tênis em Forrest Hills os principais jogos foram "televisionados" pelo National Broadcasting System.

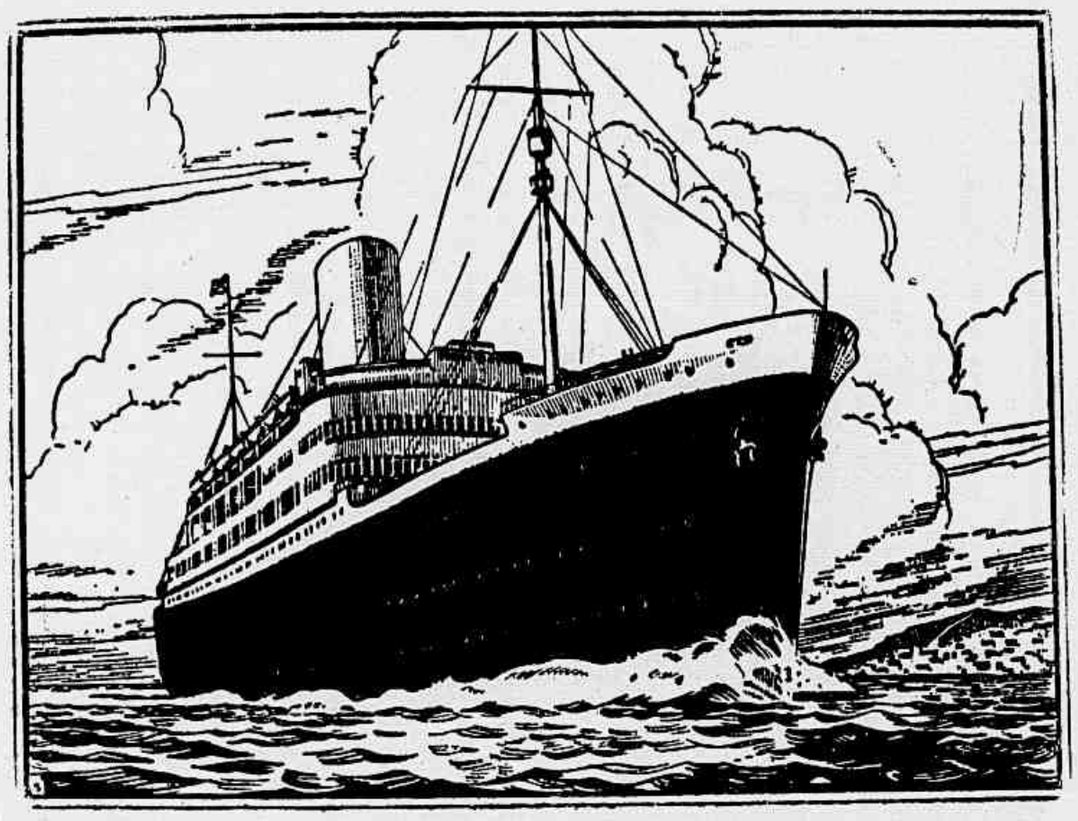
Ora, senhores que não gostam, e senhoras que detestam o esporte, vamos filosofar, não empregando as sábias experiências de Confúcio, Buda, Sócrates, Platão, Spinoza e outras ilustres personalidades do mundo que trabalhou e trabalha com o cérebro. Dirijo-me aos indiferentes a esta modalidade em que o intelecto se associa aos músculos, nivelando as chamadas "camadas sociais" — produtos de hereditariedade, fôrça de valor aquisitivo e intensidade de reação psicológica — na verdadeira expressão de democracia. O pensamento que vou desenvolver enquadra-se no sentido real, é simples e antes de mais nada feito para ser compreensível.

Muito bem. Os Estados Unidos são um país em que a policultura esportiva atingiu um grau de constante ascensão. Não há a predileção por um esporte. São grandes as massas que praticam e assistem ao rugby, ao base-ball, ao tênis, ao atletismo, ao basket, à natação, ao turf e a outras tantas modalidades. A principal atração no momento é o campeonato internacional de tênis em Forrest Hills. A forma mais avançada da transmissão, a televisão, compareceu ao desfile das raquetes e reproduziu, através as antenas de uma das principais emissoras americanas, a National Broadcasting System, as principais pelejas para o público comodamente instalado nas poltronas de suas residências.

O progresso se interessou pelo esporte.

Levy Kleiman

MALA REAL INGLEZA



UM SÉCULO DE TRANSPORTES MARÍTIMOS

Para fretes, passagens e mais informações dirigir-se aos

Agentes Principais:

ROYAL MAIL AGENCIES (BRAZIL) LIMITED

Avenida Rio Branco, 51-55

Rio de Janeiro

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cútis.

Depois de aplicar êste crême, observe como a sua cútis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

No toucador...

Após o banho

Dê à sua cútis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antissética e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... À venda em tôdas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA

Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas - 4 podem contraí-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorréia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o aviso da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorréia usando o método *experimentado* Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vêzes ao dia com FORHAN'S, o único dentifrício que contém o adstringente especial antipiorréico do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram melhoras positivas em apenas 30 dias de uso dêste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e sãos e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

Forhan's

4FP8

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

UM SÉCULO DE TRANSPORTES MARÍTIMOS

DEPARTAMENTOS

Estado de MINAS GERAIS:

Belo Horizonte — Francisco Sales — Palma — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

Estado do ESPÍRITO SANTO:

Mimoso do Sul — Muquí.

Estado de SÃO PAULO:

Valparaíba — Presidente Bernardes

Estado do RIO DE JANEIRO:

Barra Mansa — Cambucí — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Pádua — Petrópolis — Porciúncula — Pureza — Rezende — São Fidélis — Sapucaia — Volta Redonda.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

RUA DA QUITANDA, 72

Tels.: 43-7250, Pres. — 23-4113, Dir. e 23-1961 (Rêde Particular)

END. TEL. "RIJUBO" — CAIXA POSTAL: 1200

PRODUTOS QUIMICOS

CIBA S. A.

ANILINAS PARA TODOS OS FINS E PRODUTOS AUXILIARES PARA A INDÚSTRIA TEXTIL

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS E PRODUTOS QUÍMICO-FARMACÊUTICOS

★

RIO DE JANEIRO
Caixa Postal, 3437

SÃO PAULO
Caixa Postal, 3678

RECIFE
Caixa Postal, 439

A FANTASTICA HISTORIA DO MAJOR MULLER

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 31)

Imperioso era o gesto. Gesto de um chefe militar, designando um pôsto a ser ocupado sem demora e sem explicações. Tu sorris, Fritz, mas asseguro-te que naquele momento eu não tive vontade de sorrir e ainda menos de pensar no revoltante absurdo daquela visão. Absolutamente sem acreditar, mesmo vendo, sentia-me atordoado e, para que não confessar, se o fim dêsse fato me absolverá? — eu estava aterrado. Tanto assim que recuei até minha poltrona onde caí, os olhos cravados, sem o querer, no horrível objeto que agora — cúmulo do horror! — estendia seus dedos, encolhia-os, tornava a estendê-los, assim como para dar passes magnéticos...

Confesso que me senti hipnotizado, pregado na poltrona, incapaz de um movimento. Sim, pois que, repito, o acontecimento posterior não tardará a me desculpar dessa aparente credulidade e fraqueza. Ao mesmo tempo, a luz calma da lamparina empalidecia ainda e tornava-se de uma horrível brancura, de que somente a eletricidade poderia dar uma imperfeita idéia.

Qualquer coisa como chamalotes luminosos mais que lívidos, mais que lunares se alargavam, e espécies de ruidos indefiníveis, música lúgubre, semelhantes a tímpanos velados e trombetas ensurdecidas e órgãos muito longínquos, choravam, ronronavam, derramavam-se em ondas muito vagas, infinitamente obsedantes...

Subitamente, a mão ergueu-se sôbre seu côto, agitou-se alguns instantes de frente para trás e vice-versa, como para tomar impulso e saltou para o chão, como um gato, sem ruido algum. E ainda como um gato caminhou sôbre o tapete, com movimentos ondulatórios e, chegando-se perto da mesa de cabeceira, pulou para o mármore, e tateando entre os frascos de medicamentos desarrolhou um dentre êles, tomou-o e derramou algumas gôtas no copo de chá. Depois, ondulando até o nariz do major, beliscou-o de maneira que êste despertasse espirrando. A mão afundou-se entre o branco e negro dos lençóis, depois precipitou-se para o chão, onde não a segui mais com o olhar, pois daí em diante tôda minha atenção concentrou-se no enfêrmo. Êste disse: "Como estou com sêde!". E, para meu imenso, indizível horror, sem que eu pudesse me erguer da poltrona, onde me retinha não sei que fôrça diabólica, êle pegou o copo de chá e bebeu...

Precisamente nesse instante senti-me desligado daquela poltrona e corri ao leito, onde pude constatar a morte imediata do major. Sem fazer esforços inúteis, olhei para o frasco do qual a mão se havia servido (tenho de exprimir-me assim). O vidro continha um veneno fulminante, destinado a uma medicação para uso externo, e se achava, por engano, entre os bules de chá e os frascos de xarope.

Sentia-me aniquilado, como podem imaginar, e passaram-se vários minutos antes que pudesse tomar posse de todos os meus sentidos. Quando consegui, pensei imediatamente em prevenir os íntimos do major; porém, antes de sair, lancei instintivamente um olhar sôbre a mesa onde a mão costumava estar exposta: ela lá se achava sob o vidro tal como sempre, havia anos...

— Que boa farça! Eh! amigo Hans, tiveste uma bela alucinação, eis tudo!

— O fato é que como alucinação é inédita.

— Na verdade. **divinum aut potius diabolicum**.

Hans terminou:

— A morte foi atribuida a causas normais. O entêrro teve lugar e os dias se passaram. Necessitei ir mais de uma vez à casa de Muller. Não deixava de observar a mão que havia ficado na câmara mortuária, não frequentada após a catástrofe, e verifiquei sem admiração, sim, sem admiração, e chamem-me de louco se quiserem... (Eu havia lido e relido um monte de volumes em que até os títulos lhes são desconhecidos, senhores sábios!) e verifiquei sem pasmo uma notável deliquescência nos tecidos e na musculatura. Somente os ossos continuavam indenes, mais visíveis, dominando cada vez mais. Sobrevieram sintomas de decomposição, manchas, flacidez, etc... Um dia, desculpem, pois esta recordação me dá náuseas de horror e de nôjo, um dia eu vi... **vermes na mão!**

— Pára! Basta! Basta!

— Pára! Pára!

— Não importa: é tão verdade como é verdade estarmos vivos!"

Terminando essas palavras, nosso estudante afastou-se feliz e orgulhoso do efeito produzido, enquanto seus companheiros, espantados, se entreolhavam, uns quase horrorizados, outros quase sorrindo, todos visivelmente impressionados, e uma discussão parecia pronta a despontar daquele silêncio, quando Fritz, sempre cético:

— E se nós bebêssemos um truculento copo de "schnaps"? Isso nos purificaria as idéias.

Todos aceitaram. E foram pela madrugada emborcando copos sôbre copos, para esquecer a trágica história da mão do major Muller.

HEMORRHOIDAS? tome
EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS
Pilulas de Herva de Bicho
compostas imescard
LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.
DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

ARAMIFICIO CARDOSO
TECIDOS DE ARAME E ESTAMPARIA EM ZINCO

Coberturas de asbesto "Eternite" ou "Ardosia", Lambrequins, "Tetos de zinco" e ornatos de zinco ou cobre para construções, Telas "Rabitz" para forros de estuque.

Telas reforçadas para "Manganês", sal, carvão, etc. Tecidos de arame para cêrcas, galinheiros e todos os fins industriais, Telas de fio quadrado cobreado para elevadores, Telas "Liebermann" para turbinas de açúcar.

VIVEIROS PARA PÁSSAROS, BANCOS, MESAS, CADEIRAS E JARDINEIRAS

A. Lopes Cardoso

ESCRITÓRIO E VENDAS:
RUA BUENOS AIRES, 102
TELEFONE 23-4230
TELEGRAMAS "ARAMIFICIO"

FÁBRICA:
RUA S. LUIZ GONZAGA, 200
TELEFONE 28-3309
RIO DE JANEIRO

Feliz Descoberta
ANTISARDINA
o creme miraculoso

LABORATORIO ANTISARDINA
Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ

Senhores:

Em signal de gratidão pelos beneficios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

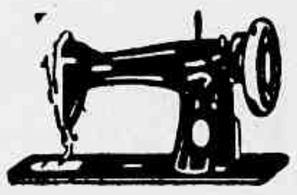
(a.) Ivonete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

AROMAS e SABORES de FRUTAS PARA FINS ALIMENTICIOS

PRODUCTOS AROMATICOS BURMA LIMITADA

CARAMÉLO e PRODUCTOS PARA BENEFICIAMENTO de FUMOS

Conserve
suas máquinas



com
ÓLEO DOMÉSTICO

SHELL

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE
INDUSTRIA BRASILEIRA

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta
Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-3940
OLEO — LOÇÃO

DE HOMEM PARA HOMEM:

DEIXE DE PESSIMISMO RAPAZ, FAÇA COMO EU.

Tenho mais de 60 anos e desde que comecei a usar as Pilulas Maratú, sinto-me cada vez mais jovem. Este poderoso tônico nervino é composto de duas plantas brasileiras: a Catuaba e a Marapuama (Acantis virilis). Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos indigenas que usavam-nas como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Elas lhe restituirão o entusiasmo perdido, proporcionando-lhe uma sensação de bem estar e alegria de viver. Experimente-as e verá. As Pilulas Maratú são licenciadas pela Saúde Pública como tônico nervino, no tratamento da astênia neuro-muscular e suas manifestações.

PILULAS MARATÚ
O SEGREDO DA MOCIDADE

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

VESTIDOS QUE EMAGRECEM

Aqui estão alguns modelos a que os franceses chamam "amincissants". São vestidos cujo talho afina as silhuetas. Aqui os estampamos para as nossas leitoras mais gordinhas

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MEDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

CUTIS CANSADA

e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda.-C.P. 1379-S. Paulo

Hemorróidas e Varizes

Tratamento sem operação

Para varizes (nas pernas) e hemorróidas internas, use via bucal. Para hemorróidas externas, use a pomada e tome juntamente o líquido.

Não encontrando em Farmacias e Drogarias, peça para a Caixa Postal 1874 — São Paulo.

PETTINATI

— Vamos.

Quatro rapazes rodeavam as moças.

— Com Marcia não, que ela gosta dessas coisas — protestou Jasmim.

Os rapazes riram.

— Vamos, Jasmim.

— Esperem! Esperem! Que pressa é essa?

— Vamos fazer acrobacias...

Continua na pág. 47

ANTES MAL ACOMPANHADA...

Continuação da pág. 34

— Passe o braço em tôrno da minha cintura. ..Assim... Um... dois... três... Você é muito desajeitado...

Ria olhando para êle, com o rosto junto do dêle... Alice sentiu ímpetos de avançar contra ela. Uma gargalhada cristalina fez-se ouvir.

Vira-a na praia com Marcia. Marcia estava sentada na areia. Jasmim veio convidá-la para nadar.

O ANÚNCIO

(Continuação da pág. 23)

— Mas...

— Calma. Olhe, vamos tomar mais uma injeçãozinha e vai melhorar êste nervoso.

Mas o resultado foi pior. A confusão que ia no seu cérebro aumentou. Êle já não distinguia mais o que pensava do que realmente acontecia...

— O homenzinho... O homenzinho...

Depois, pareceu-lhe ouvir uma conversa do cientista com Harold.

— Como vai êle?

— Mal.

— Delirante?

— Muito breve estará louco.

— Não há remédio?

— Não.

— E' o que esperávamos.

— É. Teremos mais um caso para cuidar.

— Pena.

— Se êle não morrer da moléstia morre da cura...

— De qualquer forma morre.

Foi um dos raros momentos de lucidez que Selby teve durante aquêle período. Então "esperavam" que êle ficasse louco? Era essa a vontade, o objetivo dêles? E depois iam matá-lo? Mas para que? Disseram "correrás perigo de vida". Mas e a parte da loucura? Isso não estava no entendimento... Queriam que êle os servisse de alguma forma, depois iriam matá-lo. Era isso? Mas já o delírio tomava conta dêle. Já se tornava cada vez mais difícil raciocinar... Entretanto ainda restava uma vaga idéia... Pedir socorro... Polícia... Fugir... Fugir...

✶

A sua primeira sensação foi de um grande bem-estar. Não ousou abrir os olhos. Aquêle latejar no cérebro parara e êle estava tranquilamente repousando num leito de hospital. Sentia, através dos olhos fechados, a brancura das paredes; sentia, em contacto com seu corpo, o linho frio e agradável dos lençóis. O calor passara. Passara a angústia.

A primeira coisa que avistou foi um policial.

— Então...

— Não se fatigue — disse o homem. — Estava guardando o senhor. Quer que chame alguém?

— Eu...

— Vou chamar a enfermeira...

Então as recordações que êle tinha eram verdadeiras... Êle caíra numa armadilha e salvara-se milagrosamente. Conseguira fugir... Lembrava-se ainda que em seu delírio êle pronunciara aquelas palavras... Fugir... Fugir...

O guarda voltou com uma enfermeira. Lawton e Harold a acompanhavam. Antes que Selby pudesse dizer alguma coisa Lawton explicou:

— Por favor não diga nada. E ouça, com atenção. Sabemos que você deve ter pensado coisas terríveis de nós durante êsses dias. Sabemos que você deve pensar que estávamos deliberadamente tentando enlouquecê-lo. Isso, na verdade, não deixa de estar certo... Mas há uma razão. Há um motivo para tudo isso. O que nós estávamos tentando fazer era descobrir um remédio. Há anos que eu venho trabalhando nesse meu projeto de curar uma das doenças mais terríveis que há: o câncer. Consegui afinal descobrir um remédio que poderá curá-lo. Porém aconteceu que êsse remédio, além de curar o paciente, enlouquecia-o, tal era o seu poder. Eu precisava encontrar uma substância que neutralizasse o efeito pernicioso da moléstia. Depois de encontrá-la precisei de quem se submetesse a uma experiência. Você se ofereceu. Aceitei. Você esteve próximo à loucura mas salvou-se. A substância de fato neutraliza a ação sôbre os nervos.

— Mas doutor, ou não tinha câncer...

O médico sorriu:

— Examinei-o. Você estava doente. Para experimentar o remédio era preciso que você estivesse. No caso contrário eu renunciaria à experiência.

Depois o médico acrescentou, sorrindo novamente:

— E sou eu quem vai pagar por ela...

Selby viu com espanto que êle tirava do bolso um cheque e entregava-o.

— Eis o seu dinheiro.

Mas podendo falar êle agradeceu:

— Espero vê-lo brevemente — disse Lawton antes de retirar-se.

— Assim que sair dêsse hospital.

— Darei então um jantar em sua honra, apresentando ao mundo minha cobaia...

50 anos de proteção à Família Brasileira

— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construida com os seguros já pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência

Sul America

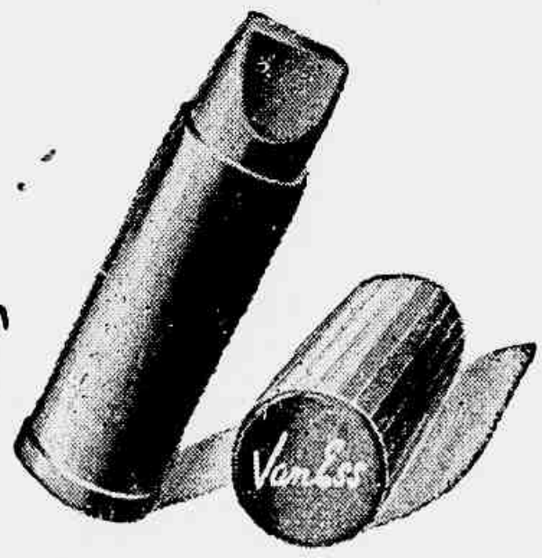
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro

Para convidar ao beijo daquele a quem se ama e para que o beijo seja eternamente recordado...

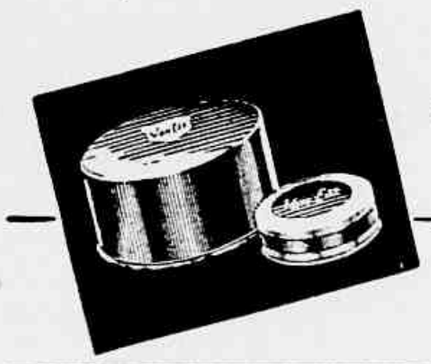
Tonalidades de última moda em uma base exclusiva de "creme veludo" que suaviza, protege e embeleza os labios.

Baton para os labios Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciencia!



★ Use tambem o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS, que tornarão irresistivel a sua cutis.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios

OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.ª Loja

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Pés doridos?

Êste sofrimento se reflete nas rugas de seu rosto!

Obtenha alívio imediato com um Remédio ou Aplicação do Dr. Scholl! Custo reduzido.

Faces sulcadas pela dor; indisposição; nervos cansados; fadiga; falta de energia; menor capacidade de trabalho — êstes são apenas alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés. Liberte-se dêste sofrimento! O Dr. Wm. M. Scholl, famoso cientista e autoridade em males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. À venda nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é reduzido. Procure a marca Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Eazer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caídos.

CALOS DORES NOS DEDOS

Os *Zino-pads Dr. Scholl* aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas dágua.

CALOSIDADES

Os *Zino-pads Dr. Scholl*, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sôbre o ponto dolorido. Desprendem, rápidamente, e extirpam as calosidades.

JOANETES

Os *Zino-pads Dr. Scholl*, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.

PÉS QUENTES E CANSADOS

O *Bálsamo Pédico Dr. Scholl* dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.

JOANETES

O *Redutor de Joanetes Dr. Scholl*, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.

UNHAS ENCRAVADAS

O *Onixol Dr. Scholl* é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.

Exames e conselhos grátis sôbre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUPORTES DE ARCO - REMÉDIOS - CALÇADOS
Lojas Dr Scholl
PARA O CONFÔRTO DOS PÉS
RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

ANTES MAL ACOMPANHADA...

Continuação da pág. 45.

Alice vira, escandalizada, que cada um dos rapazes segurava na moça. Dois pelas pernas, dois pelos braços; e mergulhavam os cinco, patinando na água, rindo...

A crise veio no dia em que ela descobriu Tom e Jasmim.

Viu-os pela janela, abraçados. Não entrou. Voltou para trás e foi esperar Jasmim à porta de casa. Finalmente apareceu a moça, requebrando-se, como era seu modo. Ao chegar quase perto de Alice ainda ajeitou os cabelos.

Alice avançou.

Mais tarde tentou recordar o que disse. Só se lembrava da palavra "desapareça!" e da outra que já disera antes: "ordinária!"... Jasmim não respondeu. Olhou-a com desprêzo. Depois, pouco a pouco foi desaparecendo sua habitual segurança, seu ar à vontade. Parecia que ia chorar. Voltou-se e desceu à rua rapidamente. Alice entrou em casa, ainda agitada pela discussão.

— Mamãe! Mamãe! Vou sair hoje! Um rapaz convidou-me para ir ao baile!

Era a primeira vez que Marcia saía com um rapaz. Perdera aquêles modos estranhos, aquêle

Continua na pág. 55

Nascido a tempo de herdar um milagre...

"A penicilina salvará vidas... Depressa!"

Foi o apêlo lancinante do mundo sofredor, há apenas quatro anos. A medicina demonstrara claramente que a penicilina poderia curar muitas doenças infectuosas para as quais antes não havia tratamento adequado. Mas, como produzir em larga escala a nova droga que salvaria milhões? No mundo inteiro não havia penicilina suficiente para tratar meia-dúzia de pacientes.

Partindo de uma quantidade mínima de "Penicillium notatum" contida num pequenino frasco, a Casa Squibb dedicou ao problema seus 87 anos de conhecimentos, experiências e recursos científicos. Hoje, em lugar daquele pequenino frasco há baterias de tanques de 15.000 galões, produzindo mensalmente bilhões de unidades de penicilina, para uso dos médicos do mundo inteiro. A Casa Squibb atendeu ao apêlo "depressa!" e é atualmente um dos maiores produtores dessa droga essencial. Assim, pois, qual foi a herança dêste garoto e de sua geração? Uma bênção da medicina que promete espalhar mais benefícios do que qualquer outra descoberta conhecida. Um milagre de pesquisa e de produção deu-lhe e aos seus companheiros a oportunidade de ser mais rico em saúde e felicidade do que jamais o foram seus antepassados.

E·R·SQUIBB & SONS

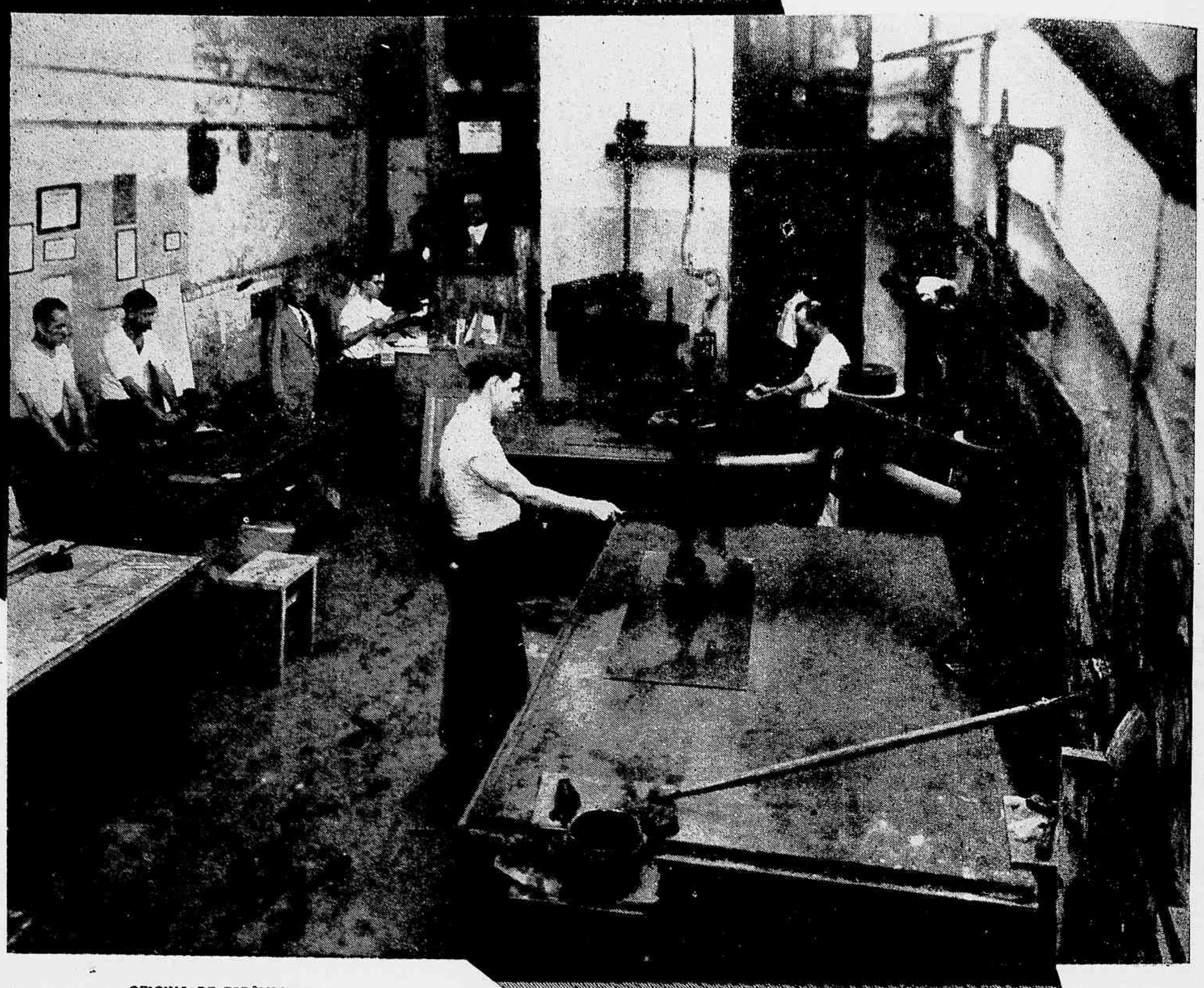
Quimicos farmacêuticos desde 1858

Destacam-se entre os produtos Squibb: Penicilina - Sulfamidas - Anestésicos - Anti-venéreos - Vitaminas - Hormônios - Dentifricios e outros preparados medicinais para o lar.

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

Jockey Club Mundano

Em missão especial partiu para Londres, por via aérea, o ministro Salgado Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro. A estima e consideração em que é tido o ilustre titular em todos os meios sociais do Rio de Janeiro levaram ao aeroporto Santos Dumont, ao ensejo de seu embarque, uma multidão de amigos e admiradores, entre os quais se contavam todos os seus companheiros de diretoria da nossa entidade máxima de turfe. Nesta página apresentamos aos nossos leitores alguns sugestivos instantâneos apanhados no aeroporto no dia em que o presidente do Jockey Club embarcou para a Inglaterra.



OFICINA DE ESPÊLHO
Secção de Polimento

GRANDE STOCK DE VIDRO
PLANO NACIONAL DA "COVIBRA"

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

FÁBRICA DE BISEAUTAR,
ESPELHAR E GRAVAR

•

22 - RUA EVARISTO DA VEIGA - 22

PAPELARIA
Quadros — Molduras — Espelhos
Tels.: 22-5527 e 22-5908

•

49 - RUA EVARISTO DA VEIGA - 49

VIDRAÇARIA
Telhas — Ladrilhos — Cristais
Tels.: 22-8226 e 42-6567

•

42 - PRAÇA DOS ARCOS - 42

SECÇÃO DE VIDROS PARA AUTOMOVEIS
Telefone: 22-5269

•

ENDEREÇO TELEGRAFICO: MIRACOR — RIO
Código: RIBEIRO

FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO EM CONSTRUÇÕES

RIO DE JANEIRO

"CASA MIRANDA"

VIDROS E PAPEIS
LTDA.

Quando nesta Capital e nos Estados foram realizadas com excepcional brilhantismo as festas comemorativas da Semana da Pátria, tivemos a registrar o gesto altamente expressivo do sr. Antonio Ferreira de Almeida, elemento destacado da colônia portuguêsa, o qual, através um despacho telegráfico cujos têrmos nos sensibilizaram sobremodo, quis associar-se às justas alegrias com que procuramos refletir nesta edição a grandiosidade e o esplendor das solenidades cívicas que assinalaram o transcurso de mais um aniversário da Independência do Brasil.

A delicada homenagem do sr. Antonio Ferreira de Almeida, cuja atitude vale por uma eloquente reafir-

Sr. Antonio Ferreira de Almeida, honrado e operoso comerciante nesta praça, cuja notável capacidade de trabalho lhe assegurou lugar de merecido destaque no seio das classes conservadoras e da colônia portuguêsa, a que pertence.

UM GESTO DE AFETUOSA E FRATERNAL AMIZADE

mação da tradicional e inquebrantável amizade luso-brasileira, reflete, por outro lado, a beleza moral de seu espírito

ver em que estado êle está. Amordaçado e com uma cara tão espantada.

LUIZ — Todo amarrado. Vamos soltá-lo.

(Ruídos característicos)

LUIZ — Então, rapaz. Conte lá o que houve com você.

CHOFER — Obrigado, doutor. Primeiro me soltem os braços. Aquêle bandido me amarrou com tanta fôrça que eu já tenho as carnes doídas. Hum... assim... ah... que alívio, meu Deus. Obrigado, muito obrigado, doutor.

COMISSÁRIO — Sabe que mataram o seu patrão?

CHOFER — Mataram o senhor Walter? Com certeza foi êsse mesmo homem que estava escondido aqui no quarto quando eu entrei. Êle me deu uma pancada na cabeça assim que eu abri a porta. E eu só dei acôrdo de mim quando já estava todo amarrado dêsse jeito.

COMISSÁRIO — Pois é isso, rapaz. Agora você também vai ficar detido até que as coisas se esclareçam. Você tem que prestar declarações. Você deve saber muita coisa da vida de seu patrão.

(Música)

ANDRÉ — Mas afinal que pressa é essa, Justino?

JUSTINO — Oh, meu caro André. Tenho que resolver o mais depressa possível a minha situação sentimental. Estou na eminência de mudar a minha condição social...

ANDRÉ — Quer dizer que você está mesmo resolvido a casar?

JUSTINO — E' claro. O homem para ser completo deve construir o seu lar. Lar, doce lar. Já disse alguém que o lar é o primeiro degrau da escada que conduz ao paraíso.

ANDRÉ (rindo) — Só mesmo esta me faria rir, seu Justino. Onde é que você aprendeu essas coisas?

JUSTINO — No livro da vida. A vida, grande mestra para quem não sabe...

ANDRÉ — E para quem sabe?

JUSTINO — Excusa de aprender, e passa a ensinar os outros...

ANDRÉ — É, seu Justino... como teoria tudo isso é muito bom, mas os problemas, parecendo iguais, são sempre diferentes... e é justamente quando a teoria falha que passamos então a aprender mais uma lição, e às vêzes tão cruel que nos transforma num cético. (Pausa) Eu, que sonhava como você... eu, que também sentia a vida tão risonha, tão fácil de ser vivida, tão compreensível, esbarrei numa tremenda desilusão que destruiu tôda a fé que eu tinha no amanhã. (Pausa. Outro tom) Bem, mas isto não quer dizer que todos sejam obrigados a passar o mesmo transe por que eu passei... você, por exemplo: parece-me que é feliz e talvez o seja mesmo. Chegaram a um acôrdo. Eu... eu não acredito que chegaria a êsse acôrdo.

JUSTINO — Por que não chegar, André? Eu acho que certos assuntos só mesmo conversando é que se chega a um entendimento satisfatório. Por que não tenta? A gente não deve dar ouvidos ao que se diz na esquina do pecado... (Outro tom rápido, como se tivesse lembrado de qualquer coisa importante) Esquina do pecado? Chi... estou atrasadíssimo... combinei com a pequena ir ao cinema e ela já deve estar à minha espera. Dá licença, sim, André?

ANDRÉ — Pois não, Justino. Vai e seja muito feliz.

JUSTINO (longe) — Obrigado e até logo.

(Música)

JUSTINO — Mas não é possível. Ela ficou de me esperar.

MULHER — Ela me disse que se o senhor chegasse lhe dissesse que o esperou até às sete e meia.

JUSTINO — Mas para onde ela foi?

MULHER — Foi para o cinema com o Dunga e a Nise.

JUSTINO — Dunga?

MULHER — É, sim...

JUSTINO — Está bem. Muito bem. A senhora quer me fazer o favor de dizer, quando ela chegar, que eu estive aqui? E que aqui jamais voltarei.

MULHER — Sim, senhor.

JUSTINO — Boa noite.

MULHER — Boa noite.

(Porta que fecha)

JUSTINO (só) — Aí está. Mais um problema igual a todos e diferente de todos. Ah, meu amigo André tem razão. Teoria é muito bom, mas na prática! Vôte...

(Música)

LUIZINHA (em tom de prece) — Não posso perder aquilo que justamente me pertence. Portanto o que é meu me será restituído ou receberei o seu equivalente. Sim. Eu espero, eu confio em você, Jesus Cristo, meu amigo, meu pai! Mas eu não quero nenhum equivalente, eu quero êle mesmo — o meu André.

JOSEFA (longe) — Luizinha... Luizinha...

LUIZINHA — Já vou, Zefinha. Já vou.

JOSEFA — A tia Alzira está aqui. Ela veio ver você.

LUIZINHA (chegando) — Eu estava acabando de arrumar a capelinha. Bom dia, tia Alzira. Como vai a senhora?

ALZIRA — Vou bem, Luizinha. E estou muito contente com você. Já está engordando, já melhorou de cara. Sim senhora. Eu logo vi que você não havia de renegar os conselhos da tia Alzira. Olhe, eu trouxe estas flôres para botar na capelinha. Tome, Luizinha. Vá colocar êste ramo nos pés de Nossa Senhora. São flôres de cactus. Cheias de espinho, hein? E' preciso segurar com muito cuidado. Elas são como os homens: a gente lida com êles, gosta dêles mas não deve esquecer os seus espinhos.

LUIZINHA — Infelizmente, tia Alzira, eu já me feri nesses espinhos, eu já conheço essa maldade.

ALZIRA — Bem, bem. Mas não vamos falar em tristezas. Vá levar as flôres à capelinha e volte para conversar.

LUIZINHA — Venha comigo, tia Alzira. A senhora ainda não viu tudo depois de pronto. Venha.

(Passos; porta abre e fecha)

(Transição musical)

ALZIRA (falando em surdina) — Mas é uma coisa tão bonita, Luizinha. Êste homem, de pé, com os braços abertos e sorrindo um sorriso tão bom. A gente chega e vem direto a êle. Nem escadarias, nem altar, nada, coisa nenhuma entre êle e a gente. Que idéia bonita teve a sua mãe.

JOSEFA — Mas é um crucifixo ou um Coração de Jesus?

ZÉ PEDRO — Nada disso. E' como se fôsse Nosso Senhor andando pelas ruas. Em tamanho natural, sorrindo e com os braços abertos. A gente tem a impressão de que êle está querendo abraçar todo o mundo.

JOSEFA — Mas então deve ser uma beleza.

ZÉ PEDRO — E' sim, Zefinha. E' uma beleza. E' uma imagem que põe a gente à vontade. A gente sente como se estivesse perto de uma pessoa muito íntima e tem vontade de dizer tudo, tudo, àquele Cristo.

LUIZINHA (entrando) — Zefinha... Zé Pedro... Venham ver quem está aí...

(Intervalo)

JOSEFA e ZÉ PEDRO — Quem é, Luizinha?

LUIZINHA — O Cristo, o Cristo que a mamãe mandou.

ZÉ PEDRO — Ah, então o coninhão já veiu, é?

LUIZINHA — Veio, sim. Eu mandei abrir o caixote. Eu não chamei você porque... eu queria recebê-lo sozinha. Eu tinha uma grande conversa com Êle.

JOSEFA — Vamos ver, Zé Pedro. Vamos ver.

(Música)

JOSEFA — Boa noite, Luizinha. Durma bem. Quer que eu apague a luz?

LUIZINHA — Não, Josefa. Eu vou ler uma segunda vez a carta que mamãe me mandou.

JOSEFA — E você nem me deu p'ra ler a carta de sua mãe...

LUIZINHA — E' verdade, Zefinha. Foi uma distração. Sente-se aqui perto da cama. Eu vou ler para você. Ouça. Veja que coisas tão lindas a mamãe me escreveu: Luizinha querida...

VOZ DE REGINA — Antes de levar seu pai até você, eu lhe mando êste outro, que é o pai de todos nós. Aí está êle com seus braços acolhedores, disposto a tudo entender, a tudo perdoar. Receba-O com simplicidade. Êle não gosta de cerimônias. E fale com Êle como quem fala ao melhor dos amigos. Um amigo que nos compreende e por isso mesmo nos estende sempre o seu perdão. Eu sei, minha filha, que a vida já ferreteou o seu coraçãozinho. Que você está sofrendo, que você tem chorado, em suma: que você está amando. E' triste, mas é inevitável. Você havia de ter o seu quinhão. Luizinha, se tôda mãe pudesse antever, no momento glorioso em que um filho lhe desabrocha nos braços, tudo o que a vida lhe reserva, o matricídio seria uma coisa banal. Sua mãe não devia lhe falar assim, a você que está na idade da ilusão. Mas fala. Para que você se liberte da fantasia e se disponha a receber as maldades do mundo num gesto compreensivo e complacente, como o gesto dessa imagem que aí está e a cujos pés ainda havemos de entoar um hino de ação de graças, porque, muito breve, há de vir a hora da compensação. Tenha fé e espere, minha filha. A vida castiga mas premeia aquêles que sabem lutar. Procure pensar em coisas alegres, pois o pensamento é a tesoura do destino, e a fé remove montanhas. Um beijo de sua mãe...

(Josefa chora baixo)

LUIZINHA — Que é isso, Josefa? Você está chorando?

JOSEFA — Estou, Luizinha. A carta de sua mãe me comoveu. E' porque você não sabe a heroína que ela tem sido, o quanto a sua mãe já sofreu.

LUIZINHA — Por que você não me conta tudo, Zefinha? Você vai me dizendo as coisas pela metade...

JOSEFA — Não, Luizinha. Sua mãe mesmo é quem irá lhe contar tudo direitinho. Agora durma, sim? Até amanhã. E não pense em coisas tristes, ouviu?

LUIZINHA — Não. Deus me livre de pensar em coisas tristes. Eu agora vou construir com o pensamento. Aquela frase é tão bonita. Aquela frase me impressionou. Eu já estou com sono. Pode ir, Zefinha. Até amanhã.

(Passos e porta fecha)

VOZ DE REGINA (ao fundo) — "Luizinha... o pensamento é a tesoura do destino... o pensamento é a tesoura do destino"...

(Música)

JOSEFA — Mas está ficando linda a capelinha. Êste Cristo, de pé, como um homem qualquer recebendo uma visita, está uma coisa tão diferente mas está uma coisa bonita.

ZÉ PEDRO — Eu não disse que as idéias da dona Heloisa sempre dão certo? Eu não disse?

JOSEFA — Mas a idéia que eu tive de mandar Luizinha vigiar as obras também foi boa, não foi?

ZÉ PEDRO — E' isto mesmo. Ela está mais animada e até já melhorou daquela tristeza, não é?

JOSEFA — Parece até um milagre. Ela já não diz mais aquelas coisas que me assustavam. Você se lembra daquele dia em que ela até falou que não sabia se o pai chegava a tempo de a conhecer?

ZÉ PEDRO — Graças a Deus ela melhorou. Agora é preciso pregar aqui na porta da capela as palavras que dona Heloisa mandou. Olhe, está aqui; é uma pedra côr de rosa com as palavras.

JOSEFA — Como é mesmo? Ah, sim... (Lendo) "Não posso perder aquilo que justamente me pertence. Portanto, o que é meu ser-me-á restituído ou receberei o seu equivalente".

ZÉ PEDRO — E ela já botou mesmo a mão no que é seu, hein? Porque o dr. Luiz está cada vez mais apaixonado.

(Música)

LUIZ — Então, é hoje o dia? Você não está nervosa, Heloisa?

REGINA — Nervosa por que, Luiz? O que eu vou fazer é uma coisa tão simples...

LUIZ — São dez horas. Daqui a pouco o carro deve estar aí para nos apanhar. Êle disse que o almôço seria ao meio dia, não foi?

REGINA. — Foi, sim. Mas eu estou com tanto receio, Luiz. Êle é capaz de ter pôsto um veneno na comida; êle pode lhe dar um narcótico.

LUIZ — Não pense nisto. Êle deve ter o máximo interêsse em me conservar a vida e até mesmo a lucidez. Com certeza o seu intento é o de me arrancar a confissão

da fórmula ou por meio de submêro ou me atomorizando. Mas você bem sabe que a polícia já foi prevenida e lá estará vigilante.

(Buzina de automóvel)

REGINA — Escute. Deve ser o carro que está aí. Apresente-lhe então as minhas desculpas, diga-lhe que adoeci de repente mas que lamento muito não ter ido conhecer o seu célebre jardim.

LUIZ — Até logo, minha querida. Seja feliz.

REGINA — E você também, meu amor.

LUIZ — Heloisa. Como foi que você disse? Repita, Heloisa.

(Buzina insistindo estridente)

REGINA — Vá-se embora, Luiz. Eu repetirei quando você voltar.

(Música)
(Passos; gavetas abrindo e fechando)

REGINA — No cofre não estavam. Vejamos aqui. (Pausa) Serão êstes os papéis?

(Ruido de papéis)

REGINA — Não. Isto são cartas. Hum... cartas em alemão. Convém guardá-las. Mas onde estarão os documentos? A carta anônima afirmava que êle os tem aqui no seu quarto. Quem sabe se não estão naquela caixa?

(Barulho de madeira)

REGINA — Vou rebentar esta caixa. E' muito bonita mas é necessário.

(Rumor de ferramentas)

REGINA — Pronto. Oh, meu Deus! Graças a Deus! Estão aqui. Sim, é isto mesmo! Aqui estão os documentos. Senhor comissário, vamos embora. Eu encontrei o que procurava. Eu encontrei os papéis!

(Música)
(Rumor de automóvel nas trada)

CHOFER — Daqui a pouco estaremos lá. O senhor está vendo aquelas árvores?

LUIZ — Estou.

CHOFER — Pois já são as árvores do parque.

(Automóvel correndo)
(Logo depois freiada de carro)

CHOFER — Pronto. Chegamos. O sr. Walter tinha ficado de esperá-lo aqui. Como não está, o doutor vai ter a bondade de subir enquanto eu recolho o carro. Com licença.

(Carro que se afasta)
(Subir de escadas)

LUIZ — Bem... aqui estou eu no limiar da mansão encantada. Deixa-me chamar o anfitrião.

(Campainha de porta repetidas vêzes)

LUIZ — Mas ninguém responde! E a porta está aberta! Neste caso... vou entrar...

(Passos)

LUIZ (chamando) — Senhor Walter... Senhor Walter...

(Passos)

LUIZ — Parece uma casa abandonada. Senhor Walter... (Numa exclamação de espanto) Mas... o que é isto?

(Passos)

LUIZ — Senhores policiais! Senhores policiais! Corram! Depressa!...

(Encerramento)

CAPÍTULO XXVII

LOCUTOR — No capítulo passado André, conversando com Justino, dizia que êle desejava que Luizinha continuasse escrevendo, para ter o prazer de rasgar as suas cartas fechadas como o Justino trazia da caixa postal. Reconhecia que Luizinha era muito habilidosa em mandar expedir suas cartas da agência de S. Vicente, enquanto ela se divertia nos hotéis de luxo de São Paulo como qualquer mulher vulgar. Justino, entretanto, acha que êle deveria falar com Luizinha; um entendimento verbal talvez resolvesse essa situação. Regina manda construir uma capela na residência Casa Branca e Luizinha é quem orienta a construção da mesma. Sua mãe manda a imagem de um Cristo em tamanho natural, e junto à encomenda escreve-lhe uma carta dizendo:

VOZ DE REGINA — Êle está com os seus braços acolhedores disposto a tudo entender, a tudo perdoar. Receba-o com simplicidade. Êle não gosta de cerimônias. E fale com êle como quem fala ao melhor dos seus amigos; um amigo que nos compreende e por isso mesmo nos estende sempre o seu perdão. Tenha fé e espere, minha filha. A vida castiga mas premeia aquêles que sabem lutar. Procure pensar em coisas alegres, pois "o pensamento é a tesoura do destino" e "a fé remove montanhas".

JOSEFA (chora discretamente).

LOCUTOR — Ao ouvir a carta de Regina, Josefa não pôde conter as suas lágrimas e disse a Luizinha:

JOSEFA — Você, Luizinha, não sabe a heroína que sua mãe tem sido... e quanto já sofreu...

LOCUTOR — E Luizinha, ainda assim, ficou atormentada porque continuou ignorando a verdadeira história de Regina. Em S. Paulo Walter faz um novo convite a Luiz e Regina para visitarem a sua chácara. Regina tem um plano de ação para se apoderarem dos papéis. Uma vez

tudo combinado, Luiz vai sozinho à chácara de Walter, enquanto Regina vai ao apartamento dêste com a polícia. Lá chegando encontra a casa deserta. Regina procura no cofre de Walter, mas só encontra papéis e cartas sem importância; depois de muitas buscas encontra uma caixa e com alegria vê os documentos. Satisfeita com o resultado, retira-se com o comissário. Enquanto isso, Luiz chegava na chácara onde o estava esperando Walter. Depois de tocar a campainha várias vêzes e como ninguém respondesse, resolveu entrar. E aqui iniciamos o capítulo XXVII.

(Sobe a música)

LUIZ (subindo as escadas) — Bem. Aqui estou eu no limiar da mansão encantada; deixa-me chamar o anfitrião.

(Campainha de porta repetidas vêzes)

LUIZ — Mas ninguém responde! E a porta está aberta! Neste caso... vou entrar...

(Passos)

LUIZ — Senhor Walter... Senhor Walter...

(Passos)

LUIZ — Senhores policiais! Senhores policiais! Corram. Depressa! Venham! Entrem. Vejam o que eu encontrei aqui!

(Rumor de vozes; passos, etc...)

COMISSÁRIO — Um homem morto.

POLÍCIA — E esfaqueado, hein! Mas quem é êste homem, doutor?

LUIZ — Êste homem é o dono da casa, o senhor Walter Zeiss.

COMISSÁRIO — Então, acabaram com a vida do alemão? Fizeram o serviço direitinho, hein, doutor?

POLÍCIA — Vamos dar uma busca. Depressa. Quem sabe se o assassino ainda está por aí?

COMISSÁRIO — Você, Benedito, permaneça aqui com o doutor Luiz. Mas que ninguém mexa no corpo, que nada seja tocado.

GUARDA — Está bem, senhor comisnário. Está bem. Suas ordens serão cumpridas.

(Passos; porta que fecha)

LUIZ — Ora, que massada!

POLÍCIA — E' um de menos para o aborrecer, doutor.

LUIZ — Mas eu preferia que êle continuasse vivo.

GUARDA — Bom. Eu também prefiro inimigo vivo a inimigo morto, seu doutor, porque essa gente ruim depois que vai para o outro mundo, aí é que pega a fazer mal de verdade à gente. E não há pai de santo que tenha fôrça para evitar as atrapalhações que êles botam na vida das pessoas.

LUIZ — Você acredita nisso, rapaz?

GUARDA — Se acredito, doutor? Olhe. Deus que me defenda dos inimigos do lado de lá — os maus espíritos. Êles são perigosos como os amigos falsos, seu doutor. Sim, porque eu prefiro enfrentar cinquenta inimigos e não quero lidar com um amigo fingido; dêsses que dizem p'ra gente: "Olhe, Fulano, eu sou seu amigo, sabe? Eu só quero o seu bem, mas eu sou muito franco"... e vão soltando tudo quanto é veneno p'ra cima da gente.

(Ruidos de tiros, correrias, etc...)

GUARDA — Ouça, doutor: o pau está comendo lá fora. Será que pegaram o criminoso?

LUIZ — Deixe-me espiar aqui na janela.

(Passos)

LUIZ — Não. Não acharam ninguém. Êles já vêm aí.

POLÍCIA — Com certeza deixaram o bicho fugir. Se eu tivesse ido tinha "encanado" o homem. Isto nem se discute, seu doutor.

(Passos; conversa que se aproxima)

LUIZ — Então, não conseguiram nada?

COMISSÁRIO — Não, doutor. Infelizmente não encontrámos coisa alguma. Aquêles tiros foram dados para ver se detínhamos um automóvel que estava na estrada que saiu em disparada com a nossa aproximação.

LUIZ — Mas por que não seguiram êsse automóvel? E' evidente que o assassino estava nesse carro.

COMISSÁRIO — E' que antes de fugir êle tratou de inutilizar o nosso e o carro do doutor. E foi por isto que êle ainda se demorou por aqui. Estava terminando o "serviço".

LUIZ — Mas que contratempo! E agora? Eu preciso voltar para o hotel imediatamente.

COMISSÁRIO — Tenha paciência, doutor. Nós já telefonámos pedindo condução.

LUIZ — E o chofer do Walter? Onde está êle? Deve haver um carro na garage. Vamos até lá.

(Passos; porta, etc.)
(Passagem musical)

COMISSÁRIO — E' aqui a garage. Olá! Aqui está o carro. Vamos tirá-lo daqui.

(Porta de automóvel que abre)

LUIZ — E' inútil, senhor comissário. Olhe aqui. Os pneus estão furados.

COMISSÁRIO — É. O malandro nos prendeu mesmo aqui. Mas onde estará o chofer?

LUIZ — Seu quarto deve ser êste aqui em cima da casa. Vamos subir.

(Passos numa escada; porta abre)

COMISSÁRIO (rindo) — Cá está êle, doutor. E venho

ANTES MAL ACOMPANHADA...

Continuação da pág. 47

ar desajeitado... Estava outra, mais alegre...

— Quem é êle?

— George Forbes; você conhece, não conhece? E' filho do velho Forbes da fábrica de papel...

— Conheço. E' um bom rapaz.

— Foi Jasmim que me apresentou a êle. Aquêles rapazes da praia me convidam às vêzes para sair, mas Jasmim nunca me deixa aceitar. Ela sempre diz que eu só devo sair com outra espécie de rapaz, que eu não sei me defender, que eu sou diferente... Jasmim tem umas bobagens!... Você sabe que ela vai embora, mamãe?

— Vai embora? Para onde?

— Para a Califórnia. Hoje papai ficou tão contente com tudo que Jasmim fez por mim! Ela até me ajudou a escolher o vestido. Papai disse a ela: "Você fez de minha filha uma moça elegantíssima"... Disse que ela era uma moça muito boa... Jasmim quase chorou... Aí papai ficou também todo comovido e abraçou-a. Depois deu um beijo na testa dela e disse: "Como eu faço com minha filha...

Alice não sabia o que dizer. Num instante tôdas as idéias que fizera a respeito de Jasmim mudaram...

— Marcia, quando é que ela se vai embora?

— Hoje mesmo. Já deve ter partido... Que é que há, mamãe? A senhora parece preocupada...

— E' que... é que eu... eu preciso falar com seu pai.

A caminho do escritório dêle Alice pensava: "não preciso dizer nada. Chego lá, beijo-o na testa e êle compreenderá". Pela primeira vez sentiu como era bom que êle a compreendesse sem auxílio de palavras...

INTOXICADO!

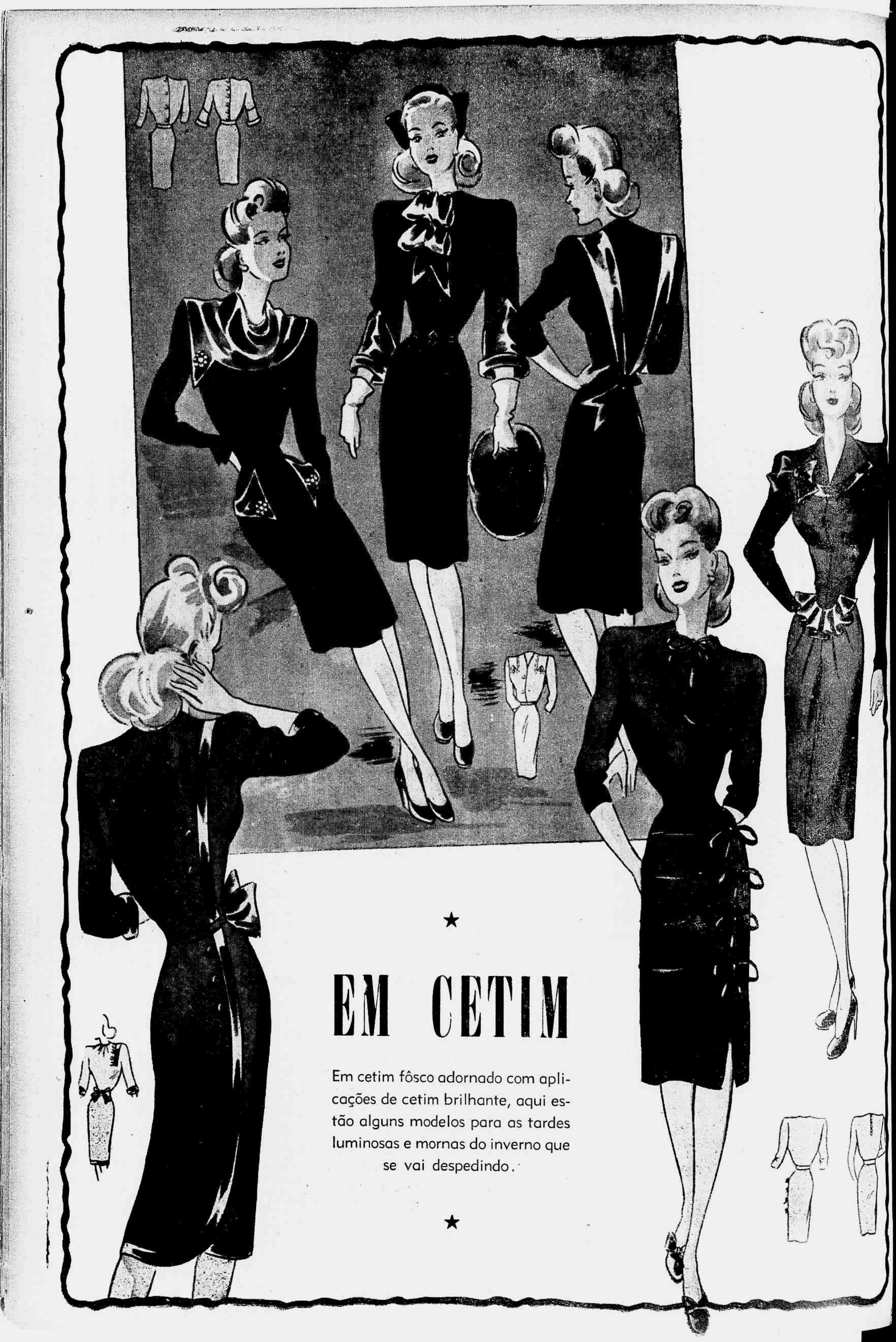
Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela

PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destrói sua Vitalidade
Arruina sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS ALOICAS
1 Laxante
2 Purgante



EM CETIM

Em cetim fôsco adornado com aplicações de cetim brilhante, aqui estão alguns modelos para as tardes luminosas e mornas do inverno que se vai despedindo.

CASAQUINHO

Material — Dois novelos de lã fina com seda; agulhas n.º 2; um novelo de linha de seda brilhante; 1½ de fita de 3 cm. de largura.

Pontos empregados — Diagonal de ponto direito e avêsso.

1.ª carreira* — 2 direitos, 2 avessos*. Nas carreiras pares como os p. se encontram.

3.ª carreira — 1 avêsso*, 2 direitos, 2 avessos*.

5.ª carreira* — 2 avessos, 2 direitos*.

7.ª carreira — 1 direito*, 2 avessos, 2 direitos*.

Se começa de novo.

Ponto fantasia aberto.

1.ª carreira* — 2 direitos, 1 laçada, 3 direitos, 3 juntos, 3 direitos, 1 laçada, 2 direitos*.

2.ª carreira* — 3 avessos, 1 laçada dupla, 2 avessos, 3 juntos, 1 direito, 1 laçada, 4 direitos*.

3.ª carreira* — 4 direitos, 1 laçada, 1 direito, 3 juntos, 1 direito, 1 laçada, 4 direitos*.

4.ª carreira* — 5 direitos, 1 laçada dupla, 3 juntos, 1 laçada dupla, 5 avessos.

Se começa de novo da 1.ª carreira.

Execução — Começa o casaco na gola com 80 p. que se tecem: a 1.ª carreira do avêsso, a 2.ª de p. para passar a fita que se faz: 1 laçada e 2 p.juntos, voltando com a carreira em avêsso. Depois de 4 carreiras mais em jersey, aumenta-se os p. ao dôbro, menos nos primeiros 7 e últimos que se seguem em diagonal e formará a guarda da frente. Fica ao todo 146 p. Se toma dois p. juntos ao lado da guarda de cada lado e com êles se trabalha durante 2 vêzes; repetir o p. fantasia, menos nas guardas e volta-se a aumentar novamente o dôbro, menos nas guardas, mais duas vêzes o p. fantasia e separa-se o trabalho. Toma-se pois os 47 p. tecendo a guarda e 3 motivos fantasia e agrega 28 na agulha e os 39 seguintes do tecido anterior se põem em um gancho. Se segue sôbre os 101 p. com o fantasia e se agrega outro 28. Os seguintes 39 no mesmo gancho anterior, vão até o final da carreira com os 47 que faltam. Os p. do gancho são para as mangas e os demais formam o corpo, e se tece no p. fantasia até ter 11 vêzes repetido; se termina o trabalho com 12 carreiras de diagonal, sôbre todos os p.

Depois de arrematada a beira se tomam os p. que correspondem a uma das mangas, se agrega 13 novos de cada lado, com êles se fazem 12 vêzes o p. fantasia, logo se reduz a metade para tecer o p. diagonal.

A outra manga da mesma forma.

Para a gola do casaquinho se levantam os p. de todo o redor do decote e se tecem em diagonal 20 carreiras, arrematando logo todos os p.

Se cose debaixo de cada manga e se passa.

Põe-se a fita por entre as casas.

Leva em roda meio p. de crochet com a linha de seda no tom da lã.

DE MUSICA -- Três Récitas

(Continuação da página 21)

Em papéis de menor importância De Paolis e Gretel Bruno não desmereceram o conjunto. Americo Basso, cuja bela voz é ainda emitida com imperfeição, deu-nos um Oroveso razoável.

Charles Kullman, o tenor lírico cuja voz suave se adaptou com perfeição ao Wilhelm Meister, na "Mignon", triunfou, também, no papel violento de Turiddu, no qual revelou-se, sobretudo, um artista fino e de um bom gôsto a tôda prova.

Norina Greco, bem mais à vontade do que na "Bohème", também reapareceu na "Cavalleria", reservando, porém, seus melhores momentos para a a Nedda, no "Pagliacci".

Silvio Vieira soube dar ao seu Alfio a dramaticidade necessária, sendo mais eficiente cênica do que vocalmente.

Julita Fonseca foi uma Lola aceitável, e Clio Monte uma Mamma Lucia quase imperceptível.

O "Pagliacci" é cavalo de batalha de tenores e baritonos. Warren valeu-se do Prólogo para uma interpretação à maneira italiana, que não foi além dos limites impostos pelo bom gôsto. Impetuoso, vibrante, sempre o mesmo cantor excelente, deu-nos, com Tônio, mais uma criação digna de apreço.

Kurt Baum, também à moda italiana porém além, muito além, das fronteiras do bom gôsto. Uma certa vulgaridade que se observa na música foi isolada e sublinhada por êle. Quando certos cantores aprenderão a distinguir entre uma nota aguda e um berro?

Daniel Duno deu-nos um Silvio excelente. Na crônica da semana passada dizíamos a seu respeito que música leve como a de Thomas não era adequada à sua voz. O papel de Silvio, porém, vai-lhe muito bem.

Norina Greco, como já dissemos, muito mais desembaraçada do que na "Bohème", especialmente no papel de Nedda. Alguns senões, que não chegaram a comprometer o seu canto, impediram-na, todavia, de dar-nos uma interpretação à altura de seu talento.

ROBERTO LYRA FILHO

PEARL BUCK — A MULHER E A ESCRITORA

(Continuação da pág. 25)

Aceito o convite entusiasmada e a conversa continua.

— E fora da Associação?

— Fora daqui tenho uma vida tranquila. Moro no campo, onde tenho uma fazenda, e só passo em Nova York, nos serviços da Associação, dois dias por semana.

— Gosta de sua casa de campo?

— O campo me agrada, mas eu amo sobretudo minha casa. Sou sempre feliz dentro dela.

Eu já estava entrevistando a mulher. Mulher de olhos claros e serenos, de gestos doces e maternais.

— E o que gosta de fazer dentro de sua casa?

— Escrevo muito. Não sou musicista mas gosto de ouvir boa música. Cuido com especial atenção do meu jardim. E faço um pouco de escultura. Nada de notável. Gosto de escultura e trabalho nela para mim apenas... E gosto muito de cozinhar.

— De cozinhar?

— Sim. O que há de estranho nisso? Eu trabalho muito com o cérebro. E acho deliciosamente repousante trabalhar com as mãos em minha cozinha. Faço qualquer prato da culinária americana ou chinesa e alguns europeus e sul-americanos.

Ela sorri e diz:

— Se você prometer fornecer-me algumas receitas da cozinha brasileira, ensinar-lhe-ei uns bons pratos da cozinha chinesa.

E Pearl Buck, a novelista famosa, me explica como se prepara um arroz com camarões à chinesa. E quando eu, em troca, dou-lhe uma receita de feijoada, ela vai escrevendo o que eu digo. Prometo mandar-lhe uma seleção grande de receitas brasileiras. Ela me pede: "Não se esqueça". E anota para mim num papel o nome de um livro escrito pela maior mestra de culinária chinesa:

— Senhora Bu Wei Chao. Compre-o. Você vai gostar.

Pearl Buck fala ainda:

— Tenho recebido muitas coisas da vida, mas o meu lar é a maior de tôdas.

Eu encontrei a mulher que sempre adivinhei nela. Glória, famosa em todo o mundo, primeira americana a receber o Prêmio Nobel, nome célebre em tôdas as bocas — mas sob tudo isso o lar. Era nisso que eu pensava quando ela me perguntou:

— Você trabalha, não? E já conheceu o prazer de ficar um dia, dois, três dias, inteiros, dentro de sua casa, com seus livros, seus afazeres, seus objetos queridos?

— Já. O mundo não vale o meu lar.

Ela gosta da frase e eu, sem conseguir ser modesta, conto-lhe que é êsse o título de um dos meus programas de rádio. Ela, num caderno de notas, escreve a frase em inglês. E ao lado da promessa das receitas brasileiras fica outra. Mandar-lhe um quadro do Brasil, com êsse dístico.

— Sim, mas desenhado por mãos brasileiras... Mas tenho outro grande interêsse na vida, além do lar em si.

— Qual?

— Meus filhos. Cinco, sendo que quatro, igualmente amados, são adotivos.

Pearl Buck, permita-me esquecer a intelectual, a escritora que emocionou o mundo. E no fundo de minha admiração deixe-me repetir de novo a grande verdade — Nenhuma mulher consegue vencer sem ser primeiro, antes de tudo, esplendidamente feminina. As crianças, o lar. Depois, se for possível, o mundo, a fama, a glória... Pearl, de olhos claros e serenos, senhora de uma casa, que depois do próprio filho encontra no coração amor e ternura para outros quatro... você é muito maior que tôda sua obra, consagrada pelo mundo.

O sino de uma igreja ali perto contou-nos que eram seis horas. E Pearl Buck, a escritora famosa, foi para uma universidade assistir ao exame do filho mais velho...

GLORIA DEL RIO, cantora de folc-lore afro-americano cujas interpretações participam da dança e do canto, é uma graciosa e perturbadora figura de mulher. Elegante e rica de imaginação, Gloria,, cuja foto ilustra esta nota se exibe apresentando "modelos" criados especialmente para cada canção. Atualmente entre nós, Gloria del Rio breve atuará num dos casinos desta cidade, onde, com tôda a certeza, renovará os sucessos logrados nos demais países do Continente.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

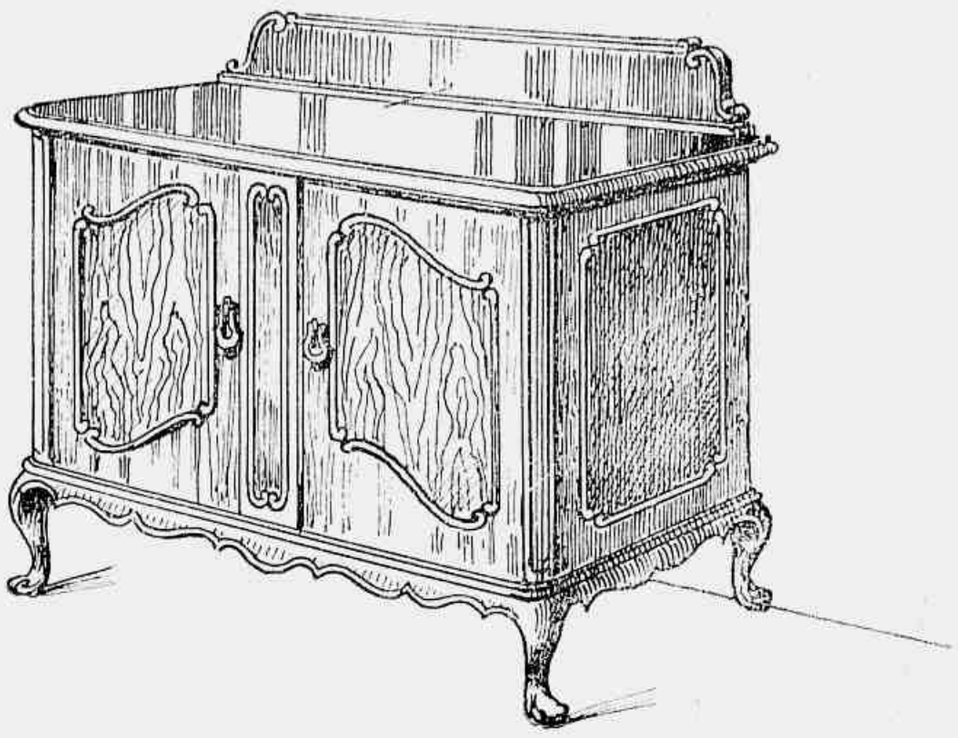
Feitas com frutos da melhor qualidade, rigorosamente selecionados, e com todo o rigor da higiene, a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" são excelentes sobremezas. Mas a Marmelada Branca "Cica" e a Goiabada "Cica" não são apenas sobremezas deliciosas: êsses dois produtos "Cica" constituem, pelo seu alto valor nutritivo, elementos indispensáveis na alimentação, principalmente das crianças. Portanto, tenha-as sempre em casa para a sobremeza e para o lanche da criançada.

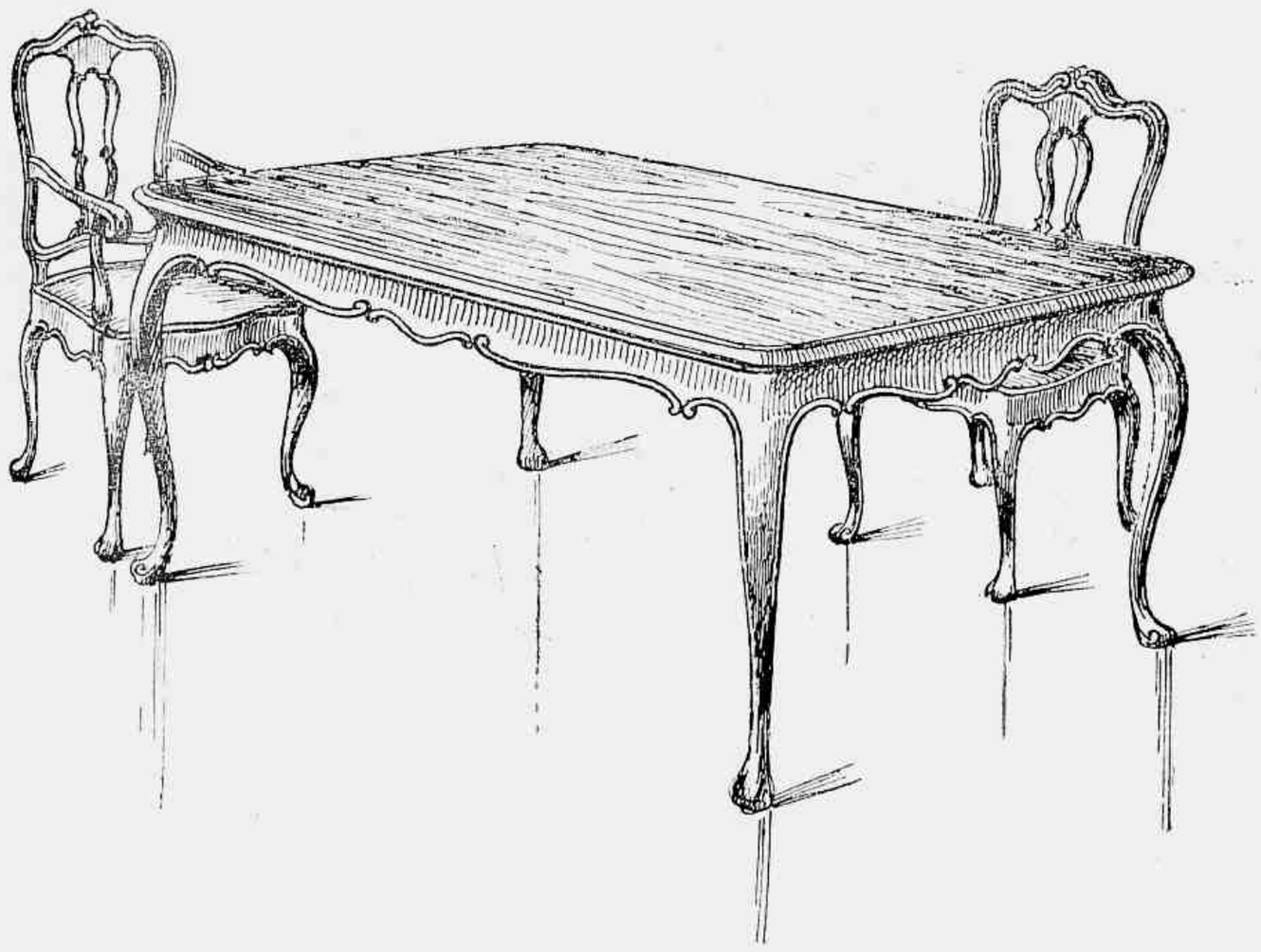
COMP. IND. CONSERVAS ALIMENTICIAS
CICA
MARCA REGISTRADA

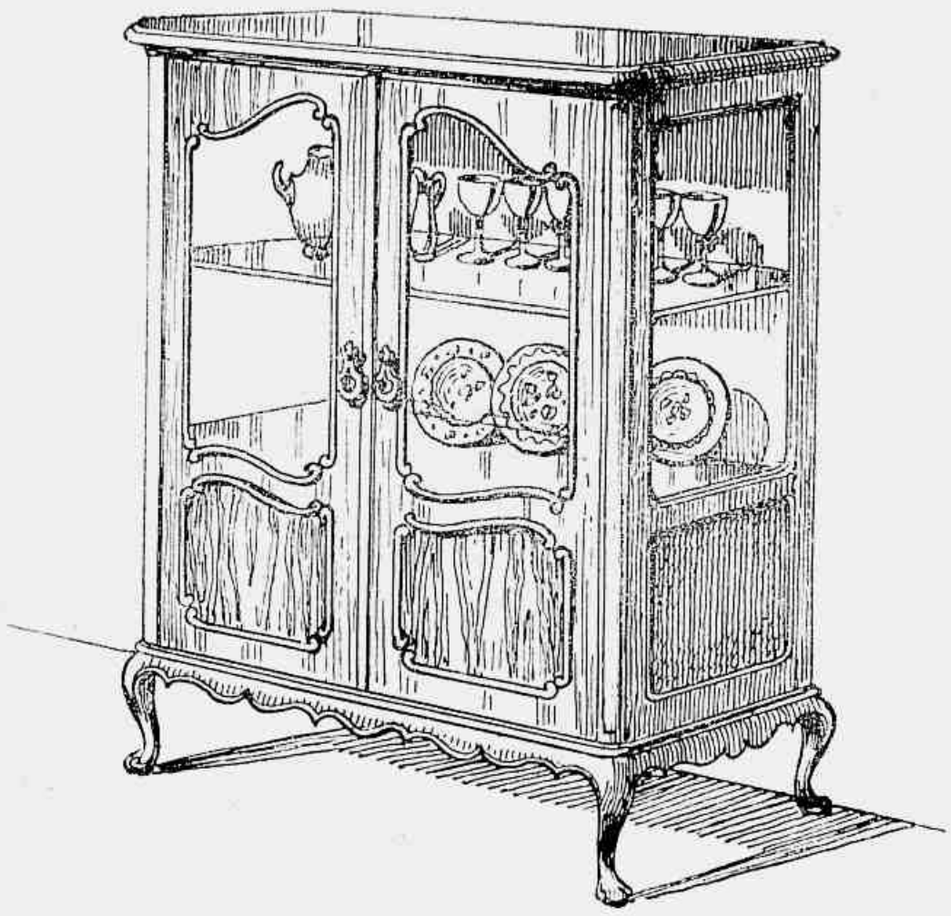
COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS ALIMENTÍCIAS

SE A MARCA É "CICA" BONS PRODUTOS INDICA

PETTINATI - M.B.G. - 2 -







Efeito Elegante de Moveis Simples

Embora trabalhados com extrema simplicidade de linhas e de estilo, êstes móveis dão um aspecto de elegância e confôrto a uma sala de jantar de pequenas dimensões. Tanto pode ser usada em sua confecção uma estilização rústica como madeira custosa envernizada. Compõe-se êste elegante e simples "dining-room" de "étagère", "buffet" e cristaleira, esta última envidraçada na parte superior das portas e dos painéis laterais. A moldura das vidraças são talhadas em curva. A mesa e as cadeiras têm pés curvilíneos e sem desenhos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

EM tempo de guerra, suas viagens internacionais serão muito mais fáceis se as planejar com bastante antecipação — atendendo a todas as formalidades oficiais e pedindo logo à Pan American que lhe reserve acomodações.

Sim, prefira a via aérea, e planeje suas viagens pela Pan American World Airways. Hoje, os nossos 18 anos de experiência em transporte internacional são a sua garantia de uma viagem rápida, cômoda e agrádavel, mesmo em tempo de guerra. Amanhã, com os Planos de Paz da Pan American, o mundo inteiro será seu vizinho.

Ouça AQUARELAS DO BRASIL

Todas as 6as-feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folklore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers